

MARIA CRISTINA FERREIRA

AS VOZES NEGADAS DO FEMININO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA EM *CARTAS DE  
ACONSELHAMENTO*

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO



INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA CRISTINA FERREIRA

AS VOZES NEGADAS DO FEMININO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA EM *CARTAS DE  
ACONSELHAMENTO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Área de concentração em Lingüística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Práticas de linguagem e discursividade

Orientador: Prof. Dr. Décio Rocha

RIO DE JANEIRO

2006

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras – Área de concentração em Lingüística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

Banca Titular:

**Prof. Dr. Décio Rocha** – Orientador  
Doutor em Lingüística Aplicada  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Profa. Dra. Maria del Carmen F. G. Daher**  
Doutora em Lingüística Aplicada  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Profa. Dra. Márcia Atália Pietroluongo**  
Doutora em Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Suplentes:

**Profa. Dra. Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna**  
Doutora em Lingüística Aplicada  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Profa. Dra. Maria Cecília Pérez de Souza e Silva**  
Doutora em Lingüística Aplicada  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

FERREIRA, Maria Cristina.

*As vozes negadas do feminino: uma análise discursiva em cartas de aconselhamento/Maria Cristina Ferreira.*

Rio de Janeiro. Instituto de Letras/UERJ, 2006.

*Dissertação (mestrado) UERJ. Programa de Pós-graduação em Letras, 2006.*

1. Lingüística. 2. Análise do Discurso.

I. Título II. Dissertação (Mestrado) Instituto de Letras UERJ.

*Dedico esta dissertação ao meu pai Antônio Abdo Ferreira*

*In memoriam*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força para percorrer mais um percurso de minha vida.

Ao meu orientador Décio Rocha, pela firme orientação, pelo constante incentivo e por ter acreditado na minha potencialidade.

À professora Vera Lúcia Sant'Anna, pela colaboração e pelas imprescindíveis e enriquecedoras sugestões durante o Seminário Temático e, em especial, à Maria Del Carmen Daher, pela leitura crítica e atenta no processo de qualificação.

À minha família, pelo apoio e compreensão, pelas vezes que não pude estar presente e souberam esperar.

Ao meu marido, Vilson Bedim, pelo apoio moral, pela companhia, pela paciência, pelas palavras de incentivo e pela presença em toda a trajetória desse caminho.

Aos colegas do curso de Mestrado, pela solidariedade e, especialmente, à Maria Cristina Pimentel, por compartilhar os receios, as dificuldades e o sucesso.

À amiga e companheira Jucilene Evangelista da Silva, meu “muro de lamentações” que, com suas palavras alentadoras, me estimulou nos momentos mais árduos.

A todos os colegas do grupo de Seminário Temático, pela troca de idéias e por sugestões sempre tão pertinentes.

Aos funcionários da secretaria da Pós-Graduação em Letras, muito especialmente, a Luciana, pela atenção e boa vontade.

Enfim, agradeço com todo amor e carinho àqueles que no plano espiritual ou terreno me incentivaram e deram forças para que eu cumprisse mais esta etapa de minha vida.

A todos eles, o meu muito obrigado!

## RESUMO

As revistas femininas constituem uma instância discursiva que exerce forte influência na vida da mulher (Reyes, 2003). Estas revistas retratam, de certa forma, o papel que a mulher desempenha na sociedade e, ao mesmo tempo, ajudam a “moldá-lo”. O presente trabalho se insere numa pesquisa que tem como objetivo investigar de que maneira a imagem da mulher tem sido (re)construída no campo do discurso midiático. Nosso trabalho se centra no gênero *cartas de aconselhamento* da revista CLAUDIA e visa a apreender imagens de enunciadores que atravessam os discursos das publicações das quatro últimas décadas. Como fundamentação teórica, recorreremos às propostas da Análise do Discurso de base enunciativa, articulando os conceitos de dialogismo, polifonia e gêneros de Bakhtin (1979) com a noção de negação polêmica, de Ducrot (1987). A análise que conduzimos, considerando a noção de discurso como prática de linguagem socialmente constituída (Bakhtin,1979), traça um certo perfil genérico das *cartas de aconselhamento* e identifica enunciadores através do *não* de caráter polêmico. As análises apontaram cinco grandes perfis de enunciadores cujos pontos de vista puderam ser recuperados através das afirmativas subjacentes aos enunciados negativos. São eles os enunciadores *tradicionalista*, *autônomo*, *subjugado*, *impositivo* e *psicanalisado*. Tais enunciadores, aliados a diferentes papéis desempenhados pela *mulher*, revelaram que o perfil *tradicionalista* está atrelado à mulher enquanto esposa, apesar de tender a uma postura mais autônoma no relacionamento conjugal. O perfil *subjugado* se apresenta com maior incidência em relação à *mulher* nos papéis de mãe, de namorada e à imagem que ela tem de si própria. Já o perfil *impositivo* perpassa, com algumas nuances, por quase todos os papéis de *mulher*, assim como o perfil *psicanalisado*, que remete à *mulher* que deseja compreender-se melhor, sejam quais forem suas práticas sociais. Estes resultados nos levaram a refletir sobre um modo de subjetivação relacionado a produção de determinados efeitos de sentido que se depreendem num processo de identificação do feminino.

Palavras-chave: *polifonia*, *cartas de aconselhamento*, *negação polêmica*, *discurso*, *subjetividade*.



## ABSTRACT

Women's magazines constitute a discursive instance which have a strong influence over woman's life (Reyes, 2003). They reflect, to a certain extent, upon the role a woman plays in society and, at the same time, they help to shape it. This work is inserted in a research whose objective is to investigate the way the image of women has been (re)built in the mediatic discourse field. Our object is centered on the genre *advice letters* in CLAUDIA magazine, aiming at apprehending images of enunciators which circulate within the discourses throughout the last four decades of its publication. As a theoretical background, we turn to the proposals of the Discourse Analysis of enunciative approach articulating Bakhtin's concepts of dialogism (1979), poliphony and Ducrot's polemic negation (1987). Taking the discourse notion into consideration as a language practice socially constituted (Bakhtin, 1979), an analysis was carried out featuring a generic profile of *advice letters* and, afterwards, identifying the enunciators through the word *no* denouncing the polemic negation. The analysis revealed five great groups of enunciators whose points of view were recovered by the corresponding affirmatives from the negative utterances. They are the *tradicionalist*, *autonomous*, *subjugated*, *dominating* and *psychoanalyzed* enunciators. Such enunciators, related to the roles played by *women*, showed that the *tradicionalist* image is linked to the woman as a wife, although tending to a more autonomous attitude in the family relationship. The *subjugated* image features the highest frequency concerning the woman in the role of mother, girlfriend and the image she has about herself. As for the dominating one, it circulates, with some nuances, throughout almost all *women* social roles, as well as the *psychoanalyzed* image, which is associated to the *woman* who wishes to better understand herself, whatever her social practices are. These results have made us reflect upon a certain manner of subjectivity concerning the production of determined effects of meaning which underlie in a feminine identification process.

Keywords: *poliphony, advice letters, polemic negation, discourse, subjectivity.*

A história, genealogicamente falando, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas, ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as discontinuidades que nos atravessam.

*Michel Foucault*

## SUMÁRIO

Considerações iniciais	1
1. Introdução: fragmentos dos movimentos feministas	6
1.1 O percurso do feminismo no mundo	7
1.2 O percurso dos movimentos feministas e de mulheres no Brasil	12
1.3 A revista CLAUDIA nas tramas da história	19
2. Metodologia: trilhando novos rumos na história	25
2.1 A questão da delimitação de um recorte de córpus	25
2.2 Rumo à delimitação do córpus	31
2.3 Delimitando o córpus em função de uma categoria de análise	36
3. Quadro teórico: uma perspectiva discursiva de análise	42
3.1 Dialogismo e enunciação	42
3.2 Os gêneros do discurso	49
3.3 A alteridade discursiva	52
3.4 Polifonia e a negação polêmica	56
4. Análise: as vozes do feminino nas cartas de aconselhamento da revista CLAUDIA	60
4.1 <i>Cartas de aconselhamento</i> : contextualizando o gênero	60
4.1.1 <i>Cartas da década de 70</i>	63
4.1.2 <i>Cartas da década de 80</i>	65
4.1.3 <i>Cartas da década de 90 e início da primeira década de 00</i>	66
4.2 A negação polêmica: vozes que ecoam no dizer <i>não</i>	68
4.2.1 A polêmica do feminino	70
4.2.1.1 <i>A polêmica do feminino na década de 70</i>	71
4.2.1.2 <i>A polêmica do feminino na década de 80</i>	80
4.2.1.3 <i>A polêmica do feminino na década de 90</i>	84
4.2.1.4 <i>A polêmica do feminino na primeira metade da década de 00</i>	88
4.2.2 Os enunciadores polêmicos	91
4.2.3 Relação perfil/posição social da mulher através das décadas	99
Considerações finais	103
Referências Bibliográficas	112

**Anexos:**

Anexo I Enunciados negativos de caráter polêmico e suas afirmativas subjacentes	116
Anexo II Enunciados negativos de caráter descritivo e metalingüístico	120
Anexo III Cartas de aconselhamento da revista CLAUDIA que compõem o cópupus	124

***LISTA DE QUADROS***

Quadro 1: Cartas referentes ao tema relacionamento <i>interpessoal</i> organizadas por década	36
Quadro 2: Enunciador Autônomo .....	92
Quadro 3: Enunciador Tradicionalista.....	93
Quadro 4: Enunciador Impositivo .....	94
Quadro 5: Enunciador Subjugado .....	95
Quadro 6: Enunciador Psicanalisado.....	96
Quadro 7: Incidência de perfis por décadas.....	97
Quadro 8: Relação perfil/posição social na década de 70 .....	99
Quadro 9: Relação perfil/posição social na década de 80 .....	100
Quadro 10: Relação perfil/posição social na década de 90 .....	101
Quadro 11: Relação perfil/posição social na primeira metade da década de 00 .....	101
Quadro 12: Relação perfil/ produção de uma auto-imagem da mulher através das décadas .....	102

## Considerações iniciais

Este estudo tem como foco de interesse o processo de identificação do feminino em *cartas de aconselhamento* de uma revista feminina brasileira. O discurso sobre o *feminino* tem sido amplamente investigado como prática discursiva por diversos campos do saber como a sociologia, a psicologia, a história, etc.; e, sobretudo no campo dos discursos midiáticos, especialmente nos da mídia escrita. Este trabalho dá relevância ao papel das revistas femininas, lugar de produção e circulação de sentidos desses discursos que parecem desempenhar um papel “mediador” entre seus leitores e a realidade. Sabe-se que muitas iniciativas são realizadas em trabalhos sobre a questão de gênero, sabe-se também, que trabalhos desenvolvidos pela área da Análise do Discurso (AD) encontram-se restritos ao universo acadêmico onde foram gerados, não tendo ainda alcançado, efetivamente, os meios de comunicação. Tal fato, associado à circunstância de que pesquisadores da área de comunicação não se fundamentam na lingüística ao realizar suas pesquisas, causa certa inquietude e é ao mesmo tempo estimulador para nós, analistas do discurso, pois nos permite nos aventurar neste novo campo do saber.

A AD tem como objetivo promover a articulação teórica da Lingüística com a História, pois o que lhe interessa não é a transparência do seu objeto – o discurso, mas a necessidade de “desnaturalização” de determinados conceitos do senso comum como parte constitutiva do seu sentido. Este trabalho não se propõe a reduzir o discurso a análises estritamente lingüísticas, mas a abordá-lo também numa perspectiva histórica que não esgota de forma alguma as questões que são colocadas por outros campos do saber.

A mulher desempenhou um papel ínfimo nos discursos da história da civilização, limitando sua presença cronológica em relação ao homem – esposa, companheira, filha, mulher – ou a sua função biológica – mãe, progenitora, conforme Priore (2001). Essa perspectiva histórica de exclusão feminina se justifica pelo fato de ter havido uma dominação tradicionalmente masculina na inscrição de papéis no mundo. O espaço feminino, segundo Priore (2001, p.217), “é marcado por espaços onde estão os homens, seu poder e seus conflitos, empurrando para fora destes limites os lugares femininos”. O *papel social* da mulher nesses contextos históricos – rainha, heroína etc. – se legitimava em uma

relação direta com o homem para validar uma realidade histórica. Assim uma das primeiras bandeiras levantadas pelo movimento feminista, segundo a autora foi “apreender o passado legítimo das mulheres, introduzindo-as na história” (2001, p.217).

O feminismo que fazia parte do grupo dos “novos movimentos sociais” em prol dos direitos civis que emergiram durante os anos sessenta contribuiu para a inserção da mulher, não só na história, mas em questões sociais e ideológicas, consagrando uma *legitimidade* do seu papel na sociedade no sentido de “demarcar” espaços e objetivos.

Somando-se a isso, o movimento questionava a condição da opressão da mulher pela cultura masculina, tratava de revelar os mecanismos psicológicos e psicossociais dessa marginalização e de projetar estratégias capazes de proporcionar às mulheres uma liberação integral, que incluísse também o corpo e os desejos.<sup>1</sup>

A emancipação feminina, por influência dos movimentos feministas, trouxe à mulher os direitos que lhe foram negados durante toda a sua existência. Desse modo, esses movimentos “instigam as mulheres a assumirem a direção de suas vidas, gostos, potencialidades, projetos, a estabelecerem relações de simetria com os homens, a reivindicarem e a construir cidadania em todos os espaços e relações sociais” (Rodrigues, 2001). A mulher começou a vestir calças compridas, a estudar “coisas de homens”, a sair para trabalhar. Desde então, segundo Reyes (2003), a mulher tem de acumular papéis: os de uma profissional competente e disponível, os de uma mãe extremosa, de uma amante fogosa, de uma esposa exemplar e de uma dona de casa impecável.

A emancipação foi uma conquista, mas o seu primeiro resultado foi uma jornada dupla de trabalho, com as mulheres empenhando-se na carreira, sem descuidar dos filhos e família. Outras mulheres vêm-se obrigadas a (ou preferem) adiar a maternidade, em nome do êxito profissional. Num jogo de trocas, a mulher ganhou autonomia, independência e individualidade, ou seja, “seja você mesma”, mas acabou por sacrificar outros aspectos importantes da sua existência. Tal condição da mulher na sociedade instigou nosso interesse pelo tema, sentíamos-nos desconfiados com o modo pelo qual essa *imagem* de mulher tem sido “naturalizada” e tomada como evidente.

---

<sup>1</sup> Informações obtidas em [http://www.renascebrasil.com.br/f\\_feminismo2.htm](http://www.renascebrasil.com.br/f_feminismo2.htm) sob verbete *feminismo* consulta realizada em 20/07/2005.

A imagem construída pelos diversos veículos de comunicação, tais como revistas femininas, televisão, publicidade, ao invés de reafirmar as conquistas sociais das mulheres e questionar suas próprias condições, acabou por impedi-las de uma carreira ou qualquer compromisso fora do âmbito doméstico. A mãe zelosa, a eterna apaixonada, a esposa perfeita, a dona-de-casa impecável parecem, ainda, comportar essa imagem reforçada nos temas dos meios comunicacionais como discute Reyes (2003).

As revistas femininas ocupam um espaço significativo nos meios de comunicação de massa, inserindo-se amplamente no nosso cotidiano, constituem uma instância discursiva pondo-se a serviço de suas leitoras, abraçando suas “causas” mais nobres. Entretanto, estas revistas continuam, em pleno século XXI, julgando que o mundo feminino só se limita ao matrimônio, aos cuidados com os filhos, ao culto da beleza e do corpo, aos afazeres domésticos, etc, reforçando, dessa forma, crenças e valores tradicionais. Encontramos nessas publicações os mais diversos nomes, cores, capas e modelos, porém com conteúdos idênticos: “receitas” para seguir, modelos a imitar e desejar, conforme aponta Reyes (2003).

Ao nos depararmos com algumas edições atuais dessas revistas, mais de 40 anos depois da “revolução feminina”, consideramos importante destacar o papel das revistas femininas na (re)construção de identidades atribuídas ao feminino, nos apoiando em Braga (2005)

...as revistas disponibilizam não "um" discurso monolítico, mas uma pluralidade de discursos que, no espaço midiático, ganham visibilidade propondo definições da realidade, por vezes concorrentes, por vezes contraditórias. E é nas mãos da leitora, através de sua interpretação e desdobramentos pessoais, que a negociação dos significados se completa.

É nesse cenário, por ocasião do 30º aniversário da consolidação do movimento feminista, que o nosso trabalho se insere, objetivando identificar de que maneira a imagem da mulher tem sido (re)construída discursivamente dentro de um cópús específico constituído a partir de *cartas de aconselhamento* da revista feminina CLAUDIA, publicadas mensalmente pela editora Abril. Circunscrevemos nosso cópús às cartas

publicadas em edições das décadas de 70, 80, 90 e da primeira metade da primeira década do século XXI. A escolha do nosso objeto de análise se justifica pelo fato de que as cartas nos possibilitam apreender, sob uma perspectiva discursiva de análise, como os processos de identificação e produção de sentidos se instituem nos discursos sobre/para a mulher. Na medida em que os discursos se atualizam ao longo das décadas, pode-se perceber que a “naturalização” da imagem do feminino ainda é uma realidade.

Esse caráter complexo, que problematiza o modo de apreensão da realidade sobre o *feminino* no âmbito das práticas discursivas, suscitou nosso interesse em investigar as *cartas de aconselhamento*, pois elas apresentam um lugar-comum da confluência de diversas vozes que circulam nesse contexto que, efetivamente, parece reafirmar um “perfil” de mulher socialmente valorizado pela revista. É nesse embate de vozes que os discursos sobre o feminino estão em constante processo de elaboração e de (re)construção articulando significados e construindo expectativas ligadas a *identidades* femininas.

Dentro da perspectiva da Análise do Discurso (AD) de base enunciativa, nossa proposta de análise se centrará, especificamente, na função desempenhada por enunciados negativos dentro de uma concepção polifônica da enunciação, salientando que perfis de enunciadores, e por extensão imagens de mulher, são mobilizados e que posição enunciativa eles ocupam – posições de sujeito – permitindo, dessa forma, criar diferentes efeitos de sentidos produzidos nos discursos. Optamos por abordar o tema apresentado desenvolvendo a problemática referente a um processo de identificação do feminino – segundo uma perspectiva discursiva, movidos pelo interesse em investigar o seguinte problema:

*Que imagens de mulher são projetadas nas cartas de aconselhamento da revista feminina CLAUDIA?*

Tal problema relaciona-se com uma hipótese que fazemos:

*Os estereótipos femininos têm sido reforçados pelos discursos das revistas, apesar de haver uma tendência em mostrar uma “nova imagem” da mulher.*



Para operacionalizar os percursos desse processo de identificação, por intermédio de uma categoria de análise – o *não* de carácter polêmico, o enfoque deste trabalho não estará voltado fundamentalmente para a análise conteudística do nosso cópuz a fim de conferir-lhe um tratamento quantitativo e sistemático, pois é na prática discursiva<sup>2</sup> que os sentidos engendram-se.

Nosso trabalho está organizado em seis partes. Nesta primeira expusemos nosso interesse pelo tema de pesquisa, incluindo algumas informações gerais às quais estão relacionadas, assim como, nossa pergunta, hipótese e objetivo de pesquisa. No capítulo 1, *Introdução*, discorremos alguns dados sobre o percurso dos movimentos feministas e das mulheres no Brasil e no mundo e a inserção da revista CLAUDIA nesse cenário histórico com a finalidade de estabelecer uma contextualização da pesquisa. No capítulo 2, reconstruímos o percurso da pesquisa, dando ênfase à constituição do cópuz e a escolha de uma categoria lingüística de análise. No capítulo 3, apresentamos nosso embasamento teórico, que é o da análise do discurso de base enunciativa. Os conceitos que norteiam nossa análise são o de dialogismo de (Bakhtin,1992) e as noções de gênero discursivo (Bakhtin, 1992; Maingueneau,1997, 2000, 2002) e de polifonia e de negação polêmica (Ducrot, 1987). No capítulo 4, é feita a análise propriamente dita do cópuz, cujas conclusões são apresentadas nas *considerações finais*.

Pretendemos, até o final da análise, traçar um certo percurso desse processo de identificação do feminino, dentro dos limites do nosso cópuz, e depreender o que ele pode revelar como pontos de discussão e problematização nas áreas que não se limitam apenas a dos Estudos da Linguagem. É nessa relação entre a Lingüística e a História de um lado e o discurso sobre/para a mulher de outro, que nos debruçamos nesta pesquisa.

---

<sup>2</sup> Maingueneau fala de prática discursiva quando se trata de apreender uma formação discursiva como inseparável das comunidades discursivas que a produzem e a difundem: a formação discursiva é então pensada do mesmo tempo como conteúdo, como modo de organização dos homens e como rede específica de circulação de enunciados. (2004, p.396)

## 1. Introdução: fragmentos dos movimentos feministas

Este capítulo tem o objetivo de apresentar dados históricos de causas feministas no mundo e, paralelamente dados que concernem o movimento feminista no Brasil. Procuramos salientar alguns aspectos recorrentes nas fontes consultadas visando a prestar subsídios para que tenhamos uma noção, mesmo que seja breve, do contexto histórico que serviu como ponto de partida para o interesse de nossa pesquisa. Esperamos, desse modo, expor o cruzamento da história das mulheres e os movimentos feministas no Brasil, mas que não se encerra neste trabalho. Sobre isso Figueiredo comenta “Essa pequena e silenciada multidão representa personagens anônimos de uma história sobre a qual há muito o que contar e aprender” (2004, p.142) e ainda propõe

...revelar aspectos que permaneceram ocultos ao longo de muito tempo, e ratificando uma sólida e consistente visão masculina da história, como se às mulheres não coubesse mais que papéis secundários, invisibilidade ou, aparentemente no outro extremo, figurações literárias que acabaram por reforçar os valores femininos da subordinação social, afetividade e fragilidade.(2004, p.142)

Queremos ainda esclarecer que os recortes funcionarão como elementos contextualizadores objetivando uma reflexão inicial sobre o tema.

Denomina-se Feminismo<sup>3</sup> o movimento social que defende a igualdade de direitos e status entre homens e mulheres. Nesse processo, destacam-se as lutas e conquistas específicas, pelo acesso à educação de nível médio e superior, ao trabalho remunerado, e ao direito de votar e ser votada, territórios estes interditados às mulheres até a primeira metade do século XX. Assim, a condição objetiva de exclusão das mulheres do campo do conhecimento, da formação e atuação profissional e da representação política orientou a luta em prol da sua inserção na esfera pública e da igualdade de direitos e de oportunidades.

---

<sup>3</sup>Fonte: <http://en.wikipedia.org/> acessado em 20/07/05

Embora, ao longo da história, diversas correntes filosóficas e religiosas tenham defendido a dignidade e os direitos da mulher, o movimento feminista remonta mais propriamente à revolução francesa. A convulsão desencadeada em 1789, além de pôr em cheque o sistema político e social então vigente na França e no resto do Ocidente, encorajou as mulheres a denunciar a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da existência: jurídica, política, econômica, educacional etc.

### **1.1 O percurso do feminismo no mundo<sup>4</sup>**

O pensamento feminista foi deflagrado durante o Iluminismo com os pensadores Lady Mary Wortley Montagu e Marquês de Condorcet em prol da educação para mulheres. A primeira sociedade científica para mulheres foi fundada na Holanda em 1785. Artigos voltados para as mulheres tornaram-se populares durante este período, pois tinham como enfoque questões sobre ciência.

Enquanto os revolucionários proclamavam uma declaração dos direitos do homem e do cidadão, a escritora e militante Olympe de Gouges, que integrava a Assembléia, redigia um projeto de declaração dos direitos da mulher, inspirado nas idéias poéticas e filosóficas do Marquês de Condorcet. Desde o início da revolução, as francesas participaram ativamente da vida política e criaram inúmeros clubes de ativistas femininas. Em 1792, uma delegação encabeçada por Etta Palm foi até a Assembléia para exigir que as mulheres tivessem acesso ao serviço público e às forças armadas. Essa exigência não foi atendida e o movimento feminino foi suprimido pelo Terror.

Em 1848, a França conheceu nova revolução e, como a anterior, sacudiu as bases da ordem estabelecida. Mais uma vez os clubes femininos proliferaram no país. As mulheres agora reivindicavam não só a igualdade jurídica e o direito a voto, mas também a equiparação de salários. Essas novas exigências se explicavam pelas transformações da sociedade européia da época que começava a pensar na idéia sobre a “Nova Mulher”. Essa Nova Mulher

vinha tentar substituir as esquisitices da mulher antiga, a solteirona da literatura ou da opinião pública, sexualmente reprimida, sobra da onda

---

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.renascerebrasil.com.br> acessado em 22/01/06.

matrimonial de sua geração[...] A Nova Mulher pretendia ser sexualmente independente, criticava a insistência da sociedade no casamento, privilegiava as carreiras profissionais. (Telles, 2004, p.432)

Com a crescente industrialização, as mulheres dos meados do século XIX foram cada vez mais abandonando seus lares para empregar-se como assalariadas nas indústrias e oficinas.

Na medida em que avançava nas profissões e ocupava espaço significativo no mercado de trabalho, a Nova Mulher, educada e sexualmente livre, acordou as *vozes da conservação*, que se ergueram para gritar em alto e bom som que tais ambições só trariam enfermidades, esterilidade e a degeneração da espécie.(Telles, 2004, p.432)

Essas mulheres entraram, assim, em contato com as duras realidades do mercado de trabalho: se os operários da época já eram mal pagos, elas recebiam menos ainda.

Nesse complexo panorama, emergiram dois fenômenos significativos. A partir do momento em que as mulheres se mostraram capazes de contribuir para o sustento de suas famílias, não foi mais possível tratá-las apenas como donas-de-casa ou objetos de prazer. As difíceis condições de trabalho impostas às mulheres conduziram-nas a reivindicações que coincidiam com as da classe operária em geral. É, pois, dessa época que data a estreita relação do feminismo com os movimentos de esquerda.

No Reino Unido, Mary Wollstonecraft publicou *A Vindication of the Rights of Women* ( Reivindicação dos direitos das mulheres), em 1792, obra em que exigia para as mulheres as mesmas oportunidades de que gozavam os homens na educação, no trabalho e na política. Mas foi somente em meados do século XIX, graças aos esforços conjuntos de Barbara Leigh Smith e do filósofo e economista John Stuart Mill, que se criou um comitê do sufrágio feminino. Em 1866, esse comitê apresentou ao Parlamento um projeto igualitário, que foi rejeitado.

Os Estados Unidos também se notabilizaram por vigorosos movimentos feministas, surgidos já em princípios do século XIX. Em 1837, fundou-se nos Estados Unidos a

universidade feminina de Holyoke e, nesse mesmo ano, realizou-se em Nova York uma convenção de mulheres que se opunham à escravidão. O abolicionismo foi, efetivamente, um dos temas centrais do desenvolvimento e consolidação do movimento feminista americano. Apesar dos êxitos parciais alcançados, o movimento sufragista britânico teve de esperar também o século XX para ver coroados seus esforços.

No século XX, a situação mudou rapidamente pelo mundo inteiro. A revolução russa de 1917 concedeu o direito de voto às mulheres e, em 1930, elas já votavam na Nova Zelândia (1893), na Austrália (1902), na Finlândia (1906), na Noruega (1913) e no Equador (1929). Por volta de 1950, a lista compreendia mais de cem nações.

Nas décadas de 60 e 70 a Europa e os Estados Unidos enfrentavam uma efervescência política e cultural que propiciou o surgimento de movimentos sociais. Nos Estados Unidos, a Guerra da Coreia e, principalmente, a Guerra do Vietnã deram por terra o popularizado sonho americano - *american way of life*. Pinto nos conta que

O capitalismo americano pós-guerra prometia a prosperidade econômica de bens duráveis e reforçava os valores da família e da moral protestante, nos quais a mulher dedicada à família era apresentada como a rainha do lar que comandava com competência e felicidade toda a nova parafernália de eletrodomésticos que o boom econômico pós-guerra possibilitava. (2003, p. 41)

Após a segunda guerra mundial, o feminismo - denominado segunda onda - ressurgiu com vigor redobrado se apoiando principalmente nas idéias da francesa Simone de Beauvoir expressas em *O segundo sexo, Le Deuxième Sexe*, em 1949, obra que foi uma referência para o movimento internacional de mulheres em que a autora questionava a estrutura hierárquica e a naturalização das relações sociais, que durante séculos sustentaram as desigualdades entre os sexos. Outra referência importante foi a publicação do livro *A mística feminina* (1963), *The Feminine Mystique*, da americana Betty Friedan acrescenta às idéias de Beauvoir novas formulações. Friedan, logo nos primeiros capítulos de seu livro, busca uma explicação para o que chamou de “o mal que não tem nome”, revelando a angústia relacionada ao eterno papel estereotipado da mulher – mãe, esposa e dona de casa.

They got all kinds of advice from the growing armies of marriage and child-guidance counselors, psychotherapists, and armchair psychologists, on how to adjust to their role as housewives. No other road to fulfillment was offered to American women in the middle of the twentieth century. Most adjusted to their role and suffered or ignored the problem that has no name. [...] If I am right, the problem that has no name stirring in the minds of so many American women today is not a matter of loss of femininity or too much education, or the demands of domesticity.[...] It may well be the key to our future as a nation and a culture. We can no longer ignore that voice within women that says: "I want something more than my husband and my children and my home."<sup>5</sup>  
(Friedan, 1963, cap. 1)

No Reino Unido outra personalidade que alcançou destaque foi Germaine Greer autora de *The Female Eunuch*, A mulher eunuco, publicado em 1971, considerado o manifesto mais realista do *women's liberation movement* (movimento de libertação da mulher), mundialmente conhecido como *women's lib*. Agora já não se tratava mais de conquistar direitos civis para as mulheres, mas antes de descrever sua condição de opressão pela hegemonia masculina, de revelar os mecanismos psicológicos e sociais dessa dominação e de projetar estratégias capazes de proporcionar às mulheres uma liberação de seu corpo e de seus desejos. Além disso, constam dentre as reivindicações do moderno movimento feminista a interrupção voluntária da gravidez, a radical igualdade nos salários e o acesso a postos de responsabilidade.

---

<sup>5</sup> Elas recebem todos os tipos de conselhos, desde dos crescentes exércitos casamenteiros, dos conselheiros de cuidados infantis até de psicólogos de “poltrona”, sobre como se ajustarem aos seus papéis de donas-de-casa. Nenhum outro caminho de realização foi oferecido para as mulheres americanas na metade do século XX. A maioria se adaptou ao seu papel e sofreu ou ignorou o mal que não tem nome[...] Se eu estiver certa, o mal que não tem nome que mexe com as mentes de tantas americanas hoje não se trata de uma questão de perda da feminilidade ou excesso de educação, de exigências da domesticidade[...]. Poderá ser a chave para nosso futuro como uma nação e uma cultura. Não podemos mais ignorar aquela voz dentro das mulheres que diz: ‘Quero algo mais além de meu marido, de meus filhos e de minha casa.’ Tradução nossa.

A partir da última década do século XX e da entrada no novo milênio, instaura-se um novo momento, que está em pleno curso e, nessa medida, ainda por afirmar sentidos e significados. As feministas da chamada “terceira onda”<sup>6</sup> discordam da necessidade de reafirmar este movimento, elas consideram o feminismo de *terceira onda* um avanço no discurso feminino num mundo onde a igualdade feminina é algo que está consolidado, embora haja grande diferença entre os pontos de vista dos diversos grupos feministas.

Nesta última década, consolidam-se processos contraditórios como o da internacionalização da noção e dos compromissos com os direitos humanos, concomitantemente à vastidão e visibilidade dos fenômenos da exclusão e das desigualdades sociais em todo o mundo. Neste cenário, destacam-se avanços quanto ao reconhecimento dos direitos das mulheres, expressos na Agenda Social da ONU - com a máxima "os direitos das mulheres são direitos humanos", adotada na III Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos (Viena/1993), e a gestação da noção de direitos sexuais e reprodutivos nas Conferências Mundiais sobre População e Desenvolvimento (Cairo/1994) e sobre a Mulher (Beijing/1995), sustentada a partir de então.

Se, em âmbito legal, a igualdade é conquistada na maioria dos países, em outros<sup>7</sup>, nos continentes africano e asiático, a discriminação e a violência contra as mulheres têm ainda respaldo jurídico, sob o manto das práticas culturais. Nesses países vigoram a proibição das meninas estudarem, a proibição das mulheres trabalharem fora de casa, o não direito das mulheres à herança em casos da morte do pai e do marido, a obrigação das mulheres andarem cobertas da cabeça aos pés, a prática consentida das mutilações sexuais de meninas, o direito dos homens matarem as mulheres com quem coabitam.

Existem muitas idéias no movimento a respeito da severidade dos problemas atuais e como combatê-los. De um lado, encontram-se as feministas mais radicais que argumentam que o mundo poderia ser melhor se houvessem poucos homens, por outro lado, algumas feministas se distanciam das correntes principais do movimento acusando-o de ser, às vezes, uma forma de preconceito contra o homem.

Entretanto, muitas feministas ainda questionam o uso da palavra “feminismo” para se referir a atitudes que difundem a violência para grupos que não reconhecem uma

---

<sup>6</sup>Fonte: <http://en.wikipedia.org/> acessado em 20/07/05.

<sup>7</sup> Fonte: <http://en.wikipedia.org/> acessado em 20/07/05

igualdade entre os sexos. A ciência moderna não tem um parecer satisfatório sobre a extensão das diferenças entre homem e mulher, além dos aspectos físicos e biológicos. As feministas da corrente principal sustentam que, embora os sexos sejam diferentes, nenhuma diferença deve servir de base à discriminação.

No item a seguir, discorreremos sobre o movimento feminista e o movimento de mulheres no Brasil.

## **1.2 O percurso dos movimentos feministas e de mulheres no Brasil**

Conforme já expusemos no item anterior, desde a Revolução Francesa no século XVIII, destacam-se mulheres que “lutaram por seu direito à cidadania, a uma existência legal fora de casa, único lugar em que tinham algum tipo de reconhecimento como esposas e mães. Fora dos limites da casa restavam-lhe a vida religiosa ou a acusação de bruxaria” (Pinto, 2003, p.13).

No Brasil, seguindo a onda dos movimentos sociais da Europa e dos Estados Unidos, a primeira fase do feminismo teve como tônica a luta das mulheres pelos direitos políticos de votarem e de serem votadas. Ao longo do século XIX, o feminismo esteve especificamente associado a grandes nomes. Pinto relata que

mesmo quando [o feminismo] apresentou algum grau de organização, esta derivava do esforço pessoal de alguma mulher que, por sua excepcionalidade, na maioria das vezes intelectual, rompia com os papéis para ela estabelecidos e se colocava no mundo público na defesa de novos direitos para as mulheres.(2003, p.14)

A luta pelo sufrágio teve início em 1910, com a fundação do Partido Republicano Feminino, no Rio de Janeiro, por Deolinda Daltro, e a criação da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, pela bióloga e zoóloga Bertha Lutz, em 1919, transformada em Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em 1922. Essa organização tinha entre suas



reivindicações o direito de voto, o de escolha de domicílio e o de trabalho, independentemente da autorização do marido. A conquista do voto teve início no Estado do Rio Grande do Norte, em 1928, foi se estendendo a outros Estados até ser reconhecido como direito das mulheres no Código Eleitoral de 1932 e na Constituição de 1934. Pinto (2003)

O que ocorre nessas primeiras décadas do século XX é um movimento que se desenvolve amparado em três vertentes distintas. A primeira, liderada por Bertha Lutz, é a mais forte e organizada com um importante alcance nacional chegando a se institucionalizar, a questão central dessa vertente era “a incorporação da mulher como sujeito portador de direitos políticos.” (Pinto, 2003, p.14) A luta pela inclusão, porém, não alterava a posição de poder do homem, as mulheres lutavam para serem incluídas como cidadãs. Esta é considerada a face bem-comportada do feminismo brasileiro, conforme nos relata Pinto (2003) .

Uma face menos comportada é a da segunda vertente, chamada de feminismo difuso, que tem sua expressão nas inúmeras manifestações da imprensa feminista alternativa. Dele participam mulheres cultas, com vidas públicas excepcionais, escritoras e jornalistas, essas mulheres ampliam as questões da primeira vertente, defendendo a educação da mulher e discutem a dominação masculina no mundo público; falam também de temas, considerados tabus, como sexualidade e divórcio.

A terceira vertente se pauta na articulação das teses feministas aos ideários anarquistas e comunistas. Militantes desses movimentos incluem mulheres trabalhadoras e intelectuais que defendem a liberação da mulher de uma forma radical, tendo como tema central, na maioria das vezes, a questão da exploração do trabalho.

Pinto (2003) faz um resumo desse primeiro momento do feminismo brasileiro.

Na verdade, essa primeira luta era pela cidadania em seu nível mais básico [...] O primeiro [movimento] não afrontava os poderes, mas buscava apoio neles. Não pode ser percebido como uma clivagem de classe social, mas certamente a partir da forma como essas mulheres viviam suas posições de elite econômica e intelectual. O segundo era de enfrentamento: o feminismo “malcriado” expressava-se nas passeatas, nos

enfrentamentos na justiça e nas atividades de mulheres livre-pensadoras[...] Somavam-se a elas as anarquistas radicais que traziam para a discussão o mundo do trabalho, muito distante das preocupações das feministas de elite.(2003, p.38)

Apesar desse primeiro momento ter tido poucas vitórias, com a exceção do direito ao voto, as primeiras manifestações revelaram uma inquietação na sociedade brasileira que começava a mostrar sinais de organização, tanto entre as elites como entre os setores de trabalhadores.

Logo após a revolução de 30 e da conquista do sufrágio feminino, o que se vê é um grande hiato que durará até o fim da década de 60. Quando a efervescência mundial em torno das liberdades civis e da igualdade de direitos chega a seu ápice, no final da década de 60, o movimento feminista encontra um Brasil oprimido pelo regime militar.

Se a Europa e os Estados Unidos viviam num cenário de turbulência política, de revolução de costumes, de radical renovação cultural, no Brasil o clima era de ditadura militar, repressão e morte. Num contexto de repressão e cerceamento das liberdades democráticas, emergiu no Brasil um feminismo organizado dos anos 70. Se por um lado a nova onda feminista lutou contra a ditadura militar, por outro lutou também contra a hegemonia masculina.

Um outro aspecto marcante nesse período é a presença dos movimentos de mulheres entre as classes médias e populares, mesmo sendo um fenômeno anterior à década de 70, ele continuou a existir paralelamente ao movimento feminista.

Se não se pode tratar os movimentos de mulheres como algo totalmente dissociado do movimento feminista, deve-se reter de qualquer forma sua especificidade: foram movimentos organizados não para pôr em xeque a condição da opressão da mulher, como no caso do feminismo, mas para, a partir da própria condição de própria dona-de-casa, esposa, mãe, intervir no mundo público. (Pinto, 2003, p. 43)

Esta autora não considera esses movimentos feministas em sua formação ou mesmo em seus objetivos na medida em que as essas mulheres não lutavam pela mudança dos papéis atribuídos a elas pela sociedade, elas se organizavam em movimentos contra a carestia, nos clubes de mães, no movimento pela anistia, dentre outros.

No início da década de 70, os primeiros grupos feministas inspirados no feminismo europeu e americano começaram a surgir nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses grupos tinham um caráter bastante privado, eram grupos de reflexão, informais, que reuniam mulheres que se conheciam. Segundo Pinto (2003, p. 49) “ as mulheres uniam-se por amizade, afinidades intelectuais e até políticas; a entrada nesses grupos acontecia por meio de convites.” Pinto argumenta que “enquanto no resto do mundo ocidental as mulheres procuravam discutir sua posição na sociedade, seu corpo e seu prazer, um punhado de mulheres brasileiras fazia a mesma coisa, mas pedindo desculpas.”(2003, p, 51) O fato é que, embora esses grupos fossem “mal vistos”, essas mulheres foram responsáveis por inserir questões fundamentais sobre a condição da mulher.

O exílio também acaba por influenciar o feminismo no Brasil, ao colocar as feministas exiladas em contato com a Europa e os Estados Unidos. Diferentemente dos grupos que se encontravam nos limites da casa em reuniões informais, os grupos de mulheres exiladas buscavam construir espaços públicos de reflexão. Em Paris, o movimento feminista brasileiro que defendia a autonomia estava ao mesmo tempo ligado ao ideário marxista,

que reduzia a condição da mulher às formas de dominação presentes no modo de produção capitalista[...] as mulheres não existiam como sujeitos de direitos próprios, mas, conseqüentemente, como objetos de opressão por sua condição de gênero. (Pinto, 2003, p.55)

Este movimento parece ter sido o grande propulsor de um feminismo mais firme e mais capaz de abalar as estruturas de dominação.

O ano de 1975 foi o ano que marcou realmente a história do feminismo no Brasil com a decisão da ONU (Organização das Nações Unidas) de defini-lo como o Ano Internacional da Mulher e o primeiro ano da década da mulher. “A questão da mulher

ganhava a partir daí um novo *status*, tanto diante de governos autoritários e sociedades conservadoras como em relação a projetos ditos progressistas que costumeiramente viam com grande desconfiança a causa feminista.”(Pinto, 2003, p.56)

Nesse período cria-se o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira (CDMB) que abrigava as três grandes tendências do feminismo: a marxista, a liberal e a radical. As duas primeiras tinham um caráter mais político e olhavam os problemas enfrentados pelas mulheres como “questões coletivas com uma dimensão que extrapolava a luta específica da mulher” (Pinto, 2003, p.60). A marxista reduzia a luta das mulheres à luta de classes e as liberais, à luta por direitos individuais. O grupo radical era constituído de mulheres que colocavam sua própria condição de mulher no centro da discussão, sem apresentar uma plataforma coletiva para justificar a sua própria militância. Apesar de haver diferenças entre esses grupos, em geral, as mulheres que faziam parte do centro não pertenciam às camadas populares, mas se colocavam como representantes delas. Sob os olhos do regime militar e o patrulhamento dos grupos de esquerda, o centro proporciona uma virada radical na trajetória do movimento, que além de se tornar público buscava a sua institucionalização.

Nos anos 80, antes da promulgação da Constituição, foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), em 1985, órgão governamental responsável pela elaboração de políticas públicas visando à promoção da igualdade e o combate às discriminações contra as mulheres, e constituído com a participação da sociedade civil organizada.

É particularmente interessante observar o perfil da bancada feminina no Congresso Constituinte. Em primeiro lugar, constata-se a ausência das feministas no espaço legislativo; em segundo, as regiões Norte e Nordeste foram as que mais contribuíram com deputadas mulheres, fato que causa surpresa já que a região Sudeste era o lugar onde o movimento feminista tinha mais visibilidade. Soma-se a isso o fato de que as mulheres que compunham o legislativo eram provenientes de famílias de políticos, dos meios de comunicação, mulheres com história partidária.

Segundo Pinto (2003), a “Carta das Mulheres”, promovida pelo CNDM, foi um dos mais importantes documentos elaborados pelo feminismo brasileiro. Ela está dividida em três partes: a primeira defendia a justiça social, a criação do Sistema Único de Saúde, o ensino público gratuito em todos os níveis, autonomia sindical, reforma agrária, reforma

tributária, negociação da dívida externa, dentre outras propostas e, a segunda parte, tratava das demandas em relação aos direitos da mulher referentes a trabalho, saúde, direitos de propriedade, sociedade conjugal, dentre outros. O documento estendia-se a questão da violência contra a mulher e trazia para discussão a polêmica do aborto.

A questão da violência contra a mulher foi sempre tratada no Brasil como um tema tabu, restrito à esfera privada. A posição do homem como portador do direito de vida ou morte sobre aqueles sob o seu teto tem raízes na casa-grande escravocrata. A mulher naquela situação era freqüentemente objeto de estupro. Ou era a mulher branca, que se submetia ao homem por ser este seu dever de esposa para reproduzir a prole, ou era a mulher negra, objeto do homem branco que se permitia com ela prazeres não permitidos na casa-grande. (Pinto, 2003, p. 80)

As mulheres que não se submetiam ao poder do homem, que era ancorado pela moral católica e sexista, eram vítimas dessa violência. Mesmo com a urbanização que levou a mulher a sair à rua para trabalhar e dividir as despesas domésticas com o marido, não amenizou a posição do homem no interior da sociedade conjugal.

O homem, protegido por uma legislação arcaica e uma moral conservadora, continuou sendo a voz de mando na casa [...] e os atos de violência contra a mulher e os filhos eram vistos como questões de foro privado em que o Estado e a lei não deveriam interferir. A jurisprudência nacional cunhou o direito do homem de matar em legítima defesa. (Pinto, 2003, p.80)

Seguindo a trajetória do movimento, surgem no Brasil organizações de apoio à mulher, a primeira foi o SOS Mulher cujo objetivo era promover tanto um espaço de atendimento de mulheres vítimas de violência, assim como um espaço de reflexão e de mudança das condições de vida dessas mulheres. As feministas, nesse momento, não

obtiveram o êxito esperado, pois as mulheres atendidas voltavam ao convívio com seus maridos.

Nessa época o movimento feminista entra em crise, pois até este momento as mulheres consideravam-se os sujeitos de suas causas, elas eram as vítimas da opressão contra a qual lutavam. Agora, a vítima era a outra: “aquela que não era a feminista, aquela que não tinha cultura, aquela que não tinha condições econômicas”. (Pinto, 2003, p. 81) A partir desse momento, o movimento toma outro rumo, as feministas não mais se identificam como o alvo de suas causas, o alvo passa a ser mulheres vítimas da violência e opressão do homem. Surge, então, um feminismo de prestação de serviços passando a se organizar de forma profissional, a saber, o feminismo profissionalizado das organizações não-governamentais (ONGs).

Um outro tema central no movimento feminista foi o da saúde da mulher. Tal questão ia além de cuidados referentes à maternidade, prevenção do câncer, este tema envolvia questões controversas e preconceitos como planejamento familiar, sexualidade e aborto.

Na década de noventa, difunde-se a perspectiva de gênero nos estudos acadêmicos e nas políticas públicas e multiplicam-se as ONGs sobre Gênero e Mulher e a constituição de redes e articulações de mulheres. Inúmeros direitos e dispositivos constitucionais são regulamentados, a exemplo da Lei do Planejamento Familiar (1996/97); Lei da União Estável (1996); Cotas na Política (1995/97); Proteção ao Trabalho da Mulher (1995/1999); Assédio Sexual (2001).

Na virada do milênio o movimento feminista toma novos rumos. O primeiro refere-se à dissociação entre o pensamento feminista e o movimento; o segundo, à profissionalização do movimento através do surgimento inúmeras ONGs voltadas para a questão das mulheres.

Esse feminismo difuso não tem militantes nem organizações e muitas vezes é defendido por homens e mulheres que não se identificam como feministas. Também não se apresenta como um rol articulado de demandas e posturas em relação à vida privada e pública. (Pinto, 2003, p.93)

Observa-se neste novo momento uma multiplicidade de manifestações de mulheres em movimentos populares, em sindicatos, em partidos políticos, trazendo para discussão as questões dos direitos das mulheres. Porém, conforme aponta Pinto (2003), é por meio de ONGs que o feminismo brasileiro tem se manifestado nesta virada de século visando à defesa dos interesses das mulheres.

No próximo item, abordaremos a trajetória e a inserção da revista CLAUDIA nas tramas desses movimentos.

### **1.3 A revista CLAUDIA nas tramas da história**

As revistas imprimem, ao longo de sua trajetória, o reflexo da sociedade e denotam a importância do contexto histórico no qual estão inseridas. A imprensa, intuitivamente, nasceu “masculina”, apenas os homens eram letrados, sendo definidos pela conjuntura social. Dessa forma, foi oportuno o desejo de uma imprensa voltada para a minoria, para o mundo doméstico onde assuntos como maquiagem, educação infantil, receitas, moda, etc seriam a pauta. (Buitoni, 1990)

Em 1889, a revista *A Família* publicava um artigo incentivando suas leitoras e as mulheres em geral à participarem nas decisões políticas do Brasil, falava-se na necessidade da voz ativa das mulheres, que não poderia continuar a ser ignorada. A imprensa feminina foi amadurecendo historicamente conforme seu público. À medida que as mulheres foram conseguindo espaço na sociedade, as revistas apenas retrataram as tendências de um novo segmento de mercado que emergia.

Segundo Buitoni (1990) as revistas femininas do final do século XIX ofereciam um espaço significativo para os conteúdos literários. Muitos títulos surgiram em função exclusiva da literatura e também abriram espaço para a produção literária feminina da época. Moda e literatura eram os temas que serviam de sustentação para as publicações femininas brasileiras dessa época, tais temas refletiam a imagem da mulher construída pela sociedade. Títulos como *O Lírio*, *A Violeta*, *A Borboleta*, *O Beija-Flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Espelho* sugerem uma visão conservadora conforme observa Buitoni (1990).

A *Revista Feminina*, lançada no início do século XX, por Virgínia de Souza Salles, foi a maior revista brasileira até então. Ela contava com uma estrutura comercial que associava assinaturas com a venda de produtos para mulheres fabricados pela mesma empresa.

Buitoni (1990) enfatiza que, com o desenvolvimento industrial de algumas mercadorias como cosméticos, vestuário, produtos utilizados pela família, utensílios para casa e com o respectivo progresso da publicidade, as revistas femininas tornaram-se peças fundamentais no mercado dos países capitalistas. Paradoxalmente, a partir do momento em que a mulher entra no mundo competitivo das ocupações destinadas aos homens, já na década de 50, um perigo fatal à mulher era o “da perda da feminilidade e dos privilégios do sexo feminino – respeito, proteção e sustento garantidos pelos homens.” (Bassanezi, 2004, p. 624) As revistas femininas da época exprimiam essas preocupações “aconselharam e apelaram para que as mulheres que exerciam atividades fora do lar não descuidassem da aparência ou da reputação pessoal e soubessem manter-se femininas.”(Bassanezi, 2004, p.624)

CLAUDIA é uma revista quadragenária e, como tal, vivenciou diferentes contextos sociais, políticos e econômicos da nossa história. E, segundo Buitoni (1990), a inclusão de CLAUDIA neste cenário deve-se a seu pioneirismo e à sua trajetória como, por exemplo, foi a primeira revista brasileira a utilizar termos como “virgindade” e “experiência pré-conjugal”.

Publicada pela Editora Abril, CLAUDIA surgiu em outubro de 1961, como a primeira revista brasileira de atualidades dirigida a um público feminino. É definida como uma revista genuinamente brasileira, direcionada à mulher moderna e criada com o objetivo de tratar de temas polêmicos.

Sabe-se que inúmeras publicações atuam no mercado editorial sob a etiqueta de ser *representante* da mulher, condição que confere a CLAUDIA ser uma das mais representativas do universo midiático voltado ao público feminino com uma grande circulação em nível nacional (comparada a sua concorrente *Marie Claire* da Editora Globo<sup>8</sup>) e uma tímida fatia no mercado internacional, conforme os dados do Instituto

---

<sup>8</sup> ALAP- Associação Latino Americana de Agência e Publicidade extraído de <http://alap.poa.terra.com.br> .  
Acessado em: 21/07/05



Verificador de Circulação (IVC).<sup>9</sup> Atualmente a revista possui uma tiragem de 489.490 exemplares, com uma circulação líquida de 387.750 exemplares sendo 298.570 de assinaturas, 89.180 avulsas e 65 no exterior. Com uma estimativa de quase 3.000.000 leitores, a região brasileira que concentra o maior número de leitores é a Sudeste, com 56% da fatia do mercado nacional, enquanto que no Norte apenas 3% dos leitores têm acesso à revista.

CLAUDIA –“ primeira revista feminina com nome de gente” - lançada na década de 60, pelo editor Victor Civita, o então dono da Editora Abril<sup>10</sup>. A tiragem inicial foi de 164.000 (somente para comparação, 40 anos depois, a tiragem da edição de outubro de 2001 foi de 612.462 exemplares). O primeiro formato era de 33,7cm x 25,7 cm. O atual é 26,6cm x 20,2cm.

Sempre foi uma publicação destinada ao público feminino, sem ser feminista<sup>11</sup>. O primeiro editorial<sup>12</sup> dizia:

CLAUDIA foi feita para servi-la. Foi criada para ajudá-la a enfrentar os problemas de todos os dias. Apresentará mensalmente idéias de decoração, receitas, sugestões para mantê-la atraente e elegante. Mas o importante é a forma como isto será feito. Antes de mais nada, CLAUDIA deverá ser útil para você. Deverá tornar-se sua amiga íntima.

No final, ainda afirmava “...temos certeza de que ela será sua companheira fiel nos anos vindouros.”

Na direção da revista inserem-se grandes nomes da publicação editorial como: Luís Carta, Alessandro Porro, Thomaz Souto Corrêa, Carlos Alberto Fernandes, Maria Cristina Gama Duarte, Célia Pardi e, atualmente, Marcia Neder.

---

<sup>9</sup> <http://publicidade.abril.com.br>. Acessado em: 21/07/05

<sup>10</sup> Informações obtidas através de mensagem eletrônica (e-mail) endereçada a *dúvidas de leitores* em 01/07/2004.

<sup>11</sup> CLAUDIA não tinha como tônica central questões relacionadas ao movimento feminista da época, segundo informação obtidas através de e-mail em 01/07/2004.

<sup>12</sup> <http://publicidade.abril.com.br>. Acessado em: 21/07/05.

Merecem citação alguns dos colaboradores que ajudaram a fazer a história de CLAUDIA: os cronistas Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino; o poeta Vinícius de Moraes; os escritores Lygia Fagundes Telles, Julieta Godoy Ladeira, Ignácio Loyola Brandão e Marina Colassanti; o astrólogo Omar Cardoso; a pedagoga Ruth Rocha; os humoristas e cartunistas Ziraldo Alves Pinto, Luiz Fernando Veríssimo e Miguel Paiva; os jornalistas Wladimir Herzog, Arthur da Távola e Carmen da Silva<sup>13</sup> que merece citação à parte.

Carmen da Silva estreou como colunista em setembro de 1963 e escreveu em CLAUDIA até abril de 1985. Esta feminista encontrou abrigo para grande parte de seus textos, cuja influência não extrapolava muito para o resto da revista. Os nomes de CLAUDIA e Carmen se completam na história do feminismo brasileiro. Carmen questionou o papel da mulher no lar, no casamento, na família, na sociedade e instigou à reflexão, à mudança. No entanto, o grande “filão” da revista sempre esteve associado ao mundo doméstico. A proposta da revista pouco se alterou desde a sua criação, como podemos verificar no próprio sítio da revista<sup>14</sup>:

Independente sem deixar de ser mulher. Escolha a revista que está a seu lado em todos os seus desafios: dia-a-dia, família, carreira, beleza, moda, qualidade de vida. CLAUDIA é para a mulher de hoje, que olha o mundo, se reconhece e expressa essa atitude diante da vida. A maior variedade de assuntos relevantes para a mulher moderna. Você vai se identificar em cada página. É o jeito que você vive, com sugestões para viver ainda melhor. Uma revista completa, variada e personalíssima.

Ao longo da sua história, a revista CLAUDIA lançou vários “filhotes”. Alguns tiveram vida curta e outros se consolidaram, ganhando periodicidade regular: *Claudia Noiva*, lançada em 1964; *Claudia Cozinha*, em 1964; etc. Dentre todas as publicações,

---

<sup>13</sup> Carmem da Silva psicóloga e jornalista gaúcha foi a primeira a questionar o prazer sexual como direito da mulher.

<sup>14</sup> Fonte: <http://claudia.abril.com.br/>. Acessado em: 20/07/2005.

*Casa Claudia* e *Claudia cozinha* foram as que se efetivaram no mercado editorial deste segmento.

Em setembro de 1993, CLAUDIA passa por uma grande transformação de conceito editorial e visual. O projeto foi trabalhado por dois anos e o *design* foi entregue a dois artistas gráficos americanos: Mary Baumann e Will Hopkins. A partir de março de 2003, a revista passa por reformulação no projeto gráfico, em busca da continuidade de líder de mercado. Todavia, não contrariou a vontade do seu idealizador, e hoje é a maior revista feminina da América Latina, com 2.758.000<sup>15</sup> de leitores.

De acordo com dados fornecidos<sup>16</sup>, enquadram-se no perfil de leitores da revista 15% do sexo masculino enquanto que 85% são do sexo feminino. Do total de leitores, 58% têm entre 18 e 39 anos de idade. No que se refere à classe social, o estudo demonstra que 22% de leitores pertencem à Classe A, 44% à Classe B, 26% à Classe C.

Em termos de organização da edição, a revista apresenta reportagens e artigos sobre relacionamento amoroso, vida e trabalho, moda, saúde, culinária, beleza, sexo, filhos, espiritualidade ( mais recentemente ), etc.

A revista apresenta um perfil do que seja a mulher moderna e contemporânea:

Adulta, contemporânea, alto astral, a leitora de CLAUDIA quer crescer pessoal e profissionalmente. Preocupada com o ser humano em geral, busca uma relação afetiva e sexual feliz e estável. Exigente no que escolhe para si e sua família, gosta de se cuidar, de se sentir bonita, amada. É uma mulher que assume o controle da sua vida, não se contentando apenas com o papel de provedora da educação, saúde e amor familiar. Faz questão de acumular tarefas e é consciente da importância de sua atuação na sociedade. Consumidora inteligente, tem a atenção voltada para os melhores produtos e serviços que o mercado oferece para elevar sua cada vez mais alta qualidade de vida. Torna-se cada vez mais exigente no que escolhe para si e para os seus, gosta muito de se cuidar,

---

<sup>15</sup> Fonte: <http://publicidade.abril.com.br>. Acessado em: 20/07/2005.

<sup>16</sup> Fonte: <http://publicidade.abril.com.br>. Acessado em: 20/07/2005.

quer ser bonita, amada e ter uma relação afetiva e sexual feliz e duradoura.<sup>17</sup>

Em suma, a revista CLAUDIA, como qualquer outra de sua categoria, se ancora nas demandas vindas de setores da sociedade, fazendo com que essa mídia se segmente segundo recortes de classe social, econômicos, etários, de interesses e até mesmo étnicos. De maneira que pensar numa determinada “revista feminina” como um todo coeso não faz sentido, visto que as revistas, em geral, se voltam especificamente para as mulheres adolescentes, maduras, pobres, de elite, emergentes, negras, que cozinham, que trabalham, que querem emagrecer, que assumem o controle de sua vida, etc. De tal modo “que compõem no seu somatório um interessante mosaico do feminino em nossa sociedade que, de uma certa forma espelha o ‘ser mulher’ nela.”(Braga, 2005)

No próximo capítulo, transcrevemos o percurso metodológico da pesquisa.

---

<sup>17</sup> Fonte: <http://claudia.abril.com.br/>. Acessado em: 20/07/2005.

## **2. Metodologia: trilhando novos rumos na história**

Este capítulo tem por objetivo apresentar o percurso desta pesquisa, motivada inicialmente, como já dissemos nas considerações iniciais, pelo processo de identificação do feminino nas práticas discursivas. Iniciaremos o capítulo refletindo, sem nos aprofundarmos nas questões aqui levantadas, sobre a importância de apontar uma dada concepção de recorte do nosso *cópus*, a fim de tomar como objeto de pesquisa não apenas os “Grandes Textos”<sup>18</sup>, como Foucault (1969) criticava, mas as “falas silenciosas” que estão implícitas no cotidiano. Incluiremos algumas considerações teóricas relativas a delimitação de um recorte de *cópus* de maneira que é imprescindível para nós, analistas do discurso, estabelecer critérios para a construção de um *cópus* de análise em função dos nossos objetivos de pesquisa. É nesse sentido que os discursos da revista CLAUDIA, neste estudo, poderão nos ajudar a desenhar um caminho para a nossa análise a fim de captar as fissuras na história.

### **2.1 A questão da delimitação de um recorte de *cópus***

As reflexões trazidas aqui procuram, de alguma forma, avançar o debate acerca da problemática da seleção/construção de critérios metodológicos que dão sustentação à escolha de um determinado recorte de *cópus*. Tal problemática tem se tornado um desafio para nós, pesquisadores no campo da AD, na medida em que a tomada de decisões acerca da escolha de um recorte de *cópus*, muitas vezes, torna-se insatisfatória ou insuficiente.

A motivação dessa discussão nos leva a fazer uma breve incursão pela história da AD, ancorada nas reflexões trazidas por Gregolin (2004), assim como abordar algumas noções da delimitação de um dado recorte de *cópus* nas atividades de pesquisa realizadas nos campos da AD. Portanto, essas questões têm se tornado relevantes no tratamento de um dado recorte de *cópus* de nossa pesquisa, já que, ao optarmos por um *cópus* de mídia escrita, deparamo-nos com uma multiplicidade de possíveis critérios metodológicos.

---

<sup>18</sup> Consideramos aqui os Grandes Textos, aqueles que narram a história do feminismo conforme visto nos *Considerações Iniciais*.

Ao iniciar nossa pesquisa, dispúnhamos de uma hipótese que nos possibilitou a inscrição dos discursos com os quais trabalhamos num campo discursivo com bases distintas, ou seja, caracterizamos um campo discursivo no qual se inscrevem os discursos da revista CLAUDIA – campo dos discursos midiáticos.

Essa primeira hipótese, porém, ainda estava longe da definição de um espaço discursivo de análise. Face a essa problemática, partimos do pressuposto de que, qualquer que seja a natureza dos elos que circunscrevem um dado córpus de análise, é sempre um imperativo metodológico, uma certa concepção de córpus que privilegia a perspectiva do não-uno, pois uma perspectiva homogênea do material pareceria improdutiva sob um ponto de vista teórico. Uma vez que o interdiscurso prevalece sobre o discurso, um olhar homogêneo sobre o córpus tolheria um certo funcionamento do discurso na medida que “tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos”. (Charadeau & Maingueneau, 2004, p.286)

É devido a essa complexidade que a AD se inscreve nos estudos da linguagem na tentativa de romper com o paradigma de que o sujeito é inscrito no mundo como:

...um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e como ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. (Hall, 2004, pp.10-11)

Nesse sentido, a AD tem primado pela desconstrução desse sujeito unificado, racional, consciente de seu dizer e de sua ação sobre o mundo, ou seja, um sujeito que não é mais o Mesmo no discurso, mas que traz para seu interior o Outro. A revista ao apresentar-se como o Mesmo, aqui personificada através do nome - *CLAUDIA*, já no seu primeiro editorial - *CLAUDIA foi feita para servi-la. Foi criada para ajudá-la a enfrentar os problemas de todos os dias[...]Mas o mais importante é a forma como isto será feito. Antes de mais nada, CLAUDIA deverá ser útil para você.* - traz o Outro, você (leitor) na função de destinatário segundo Bakhtin (1992). Pressupõe-se que a proposta da revista é “servir”,

ajudar o seu leitor a resolver seus problemas; o Outro se inscreve no enunciado como aquele que é determinante para que a empreitada da revista seja bem sucedida nos seus propósitos.

Em geral, ainda percebemos uma visão humanista-racionalista predominante nos campos de pesquisa em relação à questão do sujeito pós-moderno, o que a torna improdutiva para os pesquisadores da AD. Tal concepção tem norteado boa parte dos estudos sobre a *mulher*, que ainda estão voltados para questões históricas, sociais e culturais, deixando para segundo plano o campo da Lingüística.

É sobre essa complexidade que nos debruçamos nessa “aventura” intelectual de desconstrução desse sujeito unificado, racional, centro do mundo e de seu dizer, fazendo uma articulação entre a linguagem e a história que, com os trabalhos de Pêcheux e Foucault<sup>19</sup>, têm traçado novos caminhos para a Análise do Discurso.

Ao voltar nosso olhar para o material de análise, começamos a “desconfiar” que nesse Mesmo inscreve-se um Outro, lembrando as palavras de Rocha (2003). Aprender que todo discurso constitui-se através da dispersão desse sujeito discursivo, que as discontinuidades, a memória discursiva<sup>20</sup> se cristalizam e atravessam as práticas discursivas<sup>21</sup>, foi o ponto de partida para a nossa investigação. É na mudança de perspectiva teórica, que os estudos em AD irão se debruçar, mais especificamente, em torno da delimitação de um espaço discursivo, que vem marcando os trabalhos da AD desde os anos 80.

É, nesse momento, que Foucault vem contribuir com uma nova proposta de “leitura” do material, estabelecendo uma profunda relação com as teses da “nova História”. Para melhor compreendermos a configuração de um novo paradigma nos campos de análise da AD, é essencial fazermos uma retrospectiva histórica, ainda que superficial, a fim de apreender o percurso da AD e seus diversos desdobramentos, constituindo dessa forma, um novo tratamento ao *cópus*.

---

<sup>19</sup> Gregolin (2004) faz uma releitura desses trabalhos articulando os conceitos de Pecheux e Foucault sobre a história e o discurso.

<sup>20</sup> Segundo Maingueneau, “a toda formação discursiva é associada uma memória discursiva, constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações.”(1997, p.115)

<sup>21</sup> Em Foucault, “é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram, numa dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (1969, p.153).

A “Revolução francesa” historiográfica, o que se chama “nova História”, (1910-1920) iniciou-se com a insatisfação dos historiadores Block e Febvre com as análises históricas tradicionais, que reduziam a complexidade das situações a um jogo de poder entre grandes homens e países. A história tradicional tinha como enfoque apenas os “grandes acontecimentos” ignorando que “aquém e além deles se situavam campos de forças estruturais, coletivas e individuais que lhes conferiam densidade e profundidade compatíveis com o que parecia ser a frivolidade dos eventos” (Odália, 1997 *apud* Gregolin, 2004, p.161)

O início do século XX foi uma época marcada por grandes rupturas com o passado e necessitava de uma perspectiva sobre a história que captasse a “heterogeneidade das ações humanas no jogo histórico”; e para tal, eram necessários novos mecanismos que enveredassem em outros campos do saber – abre-se um caminho para a interdisciplinaridade.

Na segunda metade do século XX Foucault traz novas contribuições para a História que, a partir de Nietzsche e das teses da “nova História”, fazem uma profunda relação crítica à História tradicional que “volta sua atenção para os longos períodos e acentua a alternância entre equilíbrios, regulação e continuidades, apagando, assim, a dispersão, os acidentes, a descontinuidade”.(Gregolin, 2004, p.163)

Foucault propõe uma genealogia da história problematizando o passado a fim de “assinalar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona” Foucault (1986, p.15). A genealogia objetiva buscar as descontinuidades, ao invés do contínuo, os mínimos detalhes e as sutilezas dos acontecimentos proporcionando uma profunda visibilidade inerente à natureza das coisas. Nietzsche assinala que a história é “uma interpretação violentamente imposta” e salienta que a história da história “é a dos acidentes, da dispersão, dos acontecimentos casuais, das mentiras – não o desenvolvimento grandioso da Verdade...” (Dreyfus & Rabinow, 1995, p.120 *apud* Gregolin, 2004, p.164).

A “nova História”, na qual Foucault se ancora, traz para o debate a problematização do objeto: o documento (matéria-prima do historiador) se configura numa voz unívoca cuja função é meramente reconstituir o passado, com um olhar passivo, a partir da análise de documentos do “meio histórico”, ou seja, o seu contexto. Essa atitude passiva do historiador positivista que visa a “contar” a história dos fatos de forma objetiva e concreta, é



apenas um ilusão, pois documentos históricos são lidos e interpretados por diversos historiadores, legitimados no interior de uma sociedade produzidos numa rede discursiva com formas lingüísticas que dão esse efeito de “verdade”. Sabe-se que um mesmo fato histórico pode ser contado por diferentes vozes com diferentes pontos-de-vista e com diferentes juízos de valores.

Foucault procura tratar o documento como monumento:

trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: organizá-lo, recortá-lo, distribuí-lo, ordená-lo, reparti-lo em níveis, estabelecer séries, distinguir o que é pertinente do que não é, delimitar elementos, definir unidades, descrever relações (1986, p.13) .

Esse novo modo de apreender o documento como monumento tem incidido nos campos de pesquisa da AD, que através das contribuições de Foucault e Pêcheux, começa a lançar essa nova forma de “leitura” dos discursos que circulam em nossa sociedade. Portanto, é tarefa dos analistas do discurso contextualizar o documento, analisar as condições de produção histórica e os fios discursivos que o atravessam, configurando uma dada compreensão da própria sociedade que o gera. (LeGoff, 1992, p. 548 *apud* Gregolin 2004, p.168).

Tais reflexões e reposicionamentos teóricos nos permitem uma nova proposta de leitura sobre o nosso *cópus*, ou seja, a das descontinuidades deixadas pela e na História do feminismo no Brasil e no mundo. É a partir daí que uma nova concepção de *cópus*, por influência de Foucault começa a tomar forma:

... [o *cópus*] é pensado como relacionamento de seqüências discursivas singulares com seus feixes de memória, a “abertura sobre um espaço discursivo”; ele não remete a um momento inaugural, a uma decisão definitiva, pois busca a apanhar a singularidade dos acontecimentos discursivos. Se a memória discursiva é constituída de vestígios que se inscrevem no interdiscurso, na formação discursiva, o analista do discurso – abandonado a idéia fixa de arquivo-vai, agora, tratar de “estados de

córpus”, integrando cumulativamente o lingüístico e o discursivo, na produção “em espiral” de reconfigurações de córpus. (Gregolin,2004, p.180)

É essa nova maneira de abordar o córpus que torna complexa a delimitação de um espaço discursivo e, sobretudo a definição dos procedimentos metodológicos para possíveis recortes. Dessa forma, é um trabalho “vertiginoso” para nós, pesquisadores, captar as singularidades dos acontecimentos discursivos, que estão inscritas na língua, na sua materialidade, sendo algo que escapa dela mesma num jogo de diferenças, alterações, contradições, etc. que podem ser percebidas através do que Authier-Revuz (1998) conceituou como heterogeneidade discursiva.

O que nos “conforta”, de uma certa maneira, é que essas discontinuidades necessitam ser apreendidas e delimitadas pelo pesquisador no decorrer de sua atividade de pesquisa, como explica Maingueneau (1997, p.117) quando se refere ao fato de que “ o espaço discursivo<sup>22</sup> é definido a partir de uma decisão do analista, em função de seus objetivos de pesquisa”. Ainda recorremos a Rocha (2003, pp.201-203) que insiste no fato de que, embora um material de análise possa parecer o Mesmo, qualquer que seja sua natureza, há sempre a possibilidade desse Mesmo se constituir em pista para localizar o Outro no discurso: mesmo que tenhamos optado por um determinado gênero discursivo - *cartas de aconselhamento* -, entendemos que é possível captar diferentes *vozes* que perpassam o discurso dessas cartas.

Assim, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. (Gregolin, 2004, p.181) A AD se insere nesse espaço, numa “zona intermediária de processos discursivos” – que se deslocam do jurídico ao administrativo, ao cotidiano etc - visando a captar esses “pontos de deriva possíveis”.

Pêcheux, citado por Gregolin, aponta para a problemática nas práticas do analista do discurso ao determinar o lugar e o momento da interpretação em relação ao momento da descrição. Segundo ele,

---

<sup>22</sup> Maingueneau define espaço discursivo sendo “um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados”. (1997, p. 117)

não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um **batimento**. A descrição de um enunciado [...] coloca necessariamente em jogo ( através da detecção de lugares vazios, de elipses, de negações e interrogações, de múltiplas formas de discurso relatado...) o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado. (Gregolin, 2004, p.181)

Em suma, é nesse “espaço virtual” que iremos nos projetar, não com um olhar único, mas sim como um “caleidoscópio” que a cada movimento produz uma combinação infinita de percepções singulares. A singularidade dessa nova leitura tem constituído um caminho bem diverso do que estamos acostumados ao tratar um documento, ainda numa perspectiva de língua homogênea e contínua.

Para finalizar essas reflexões, ainda que breves, tomamos as palavras de Rago a respeito dessa complexidade de “leitura” de material, relacionando a delimitação de um espaço discursivo e a delimitação de um dado recorte de córpis, procedimento que o analista do discurso tem se ancorado:

o chão dos historiadores desabou, pois já não contávamos nem com um passado organizado, esperando para ser ‘desvelado’, nem com objetos prontos, cujas formas poderiam ser reconhecidas ao longo do tempo, nem com sujeitos determinados, nem tampouco com o fio da continuidade que nos permitia pensar de uma maneira sofisticada em termos de processos históricos e sociais. (Rago, 1995, p.73 *apud* Gregolin, 2004, p. 169)

## **2.2 Rumo à delimitação do córpis**

O primeiro passo deste percurso foi a definição do problema de pesquisa – *que imagens de mulher estariam se revelando em revistas femininas?* O discurso feminino em revista de grande circulação serviu como plano inicial de seleção do córpis. Como se sabe, a produção escrita que trata do assunto é variada, então era preciso proceder a um recorte

de *cópus* que coadunasse com os limites e interesses de nossa pesquisa. Portanto, consideramos como um critério básico relevante investigar uma produção discursiva legitimada através da voz da mulher na mídia impressa do Brasil.

O primeiro percalço revelado pelo interesse da pesquisa foi o de conseguir uma publicação voltada para a “mulher” e que “falasse” sobre questões da “mulher”. Numa primeira tentativa de seleção das revistas que poderiam servir à nossa investigação, tomamos, como referências iniciais, os seguintes critérios:

- uma visão longitudinal dessas publicações, ou seja, algo que nos permitisse observar o decurso dos posicionamentos da/sobre a mulher ao longo das quatro últimas décadas, desde a difusão do movimento feminista dito de segunda onda, conforme abordado no capítulo 2;
- o êxito mercadológico que configurasse uma publicação que fosse líder nacional de mercado comparada a outras publicações do mesmo gênero;
- por fim, uma publicação que tivesse uma circulação abrangente em nível nacional, ou seja, uma revista que circulasse em todo território nacional.

Esses critérios, a nosso ver, facilitaram bastante a pesquisa, pois optamos por uma revista que, inicialmente, preenche todos os critérios acima mencionados e tem seu primeiro número publicado na década de 60, justamente coincidindo com o momento em que o movimento feminista ganhava visibilidade no Brasil.

A partir daí, começamos a perceber que o tema *identidade* passa a tomar corpo nas nossas investigações ao buscarmos uma revista que mantivesse laços estreitos com os nossos interesses de pesquisa. Dito de outro modo, uma revista que figurasse a *mulher* para quem ela fala. Dessa forma, pretendíamos verificar como a imagem da mulher tem sido (re)construída nos discursos sobre o feminino a partir do momento em que a *voz da mulher* se instaura nas práticas discursivas legitimadas pela mídia impressa no Brasil, pressupondo assim, possíveis posições de *identidade*.

A partir de todos os aspectos enumerados anteriormente, consideramos que CLAUDIA se manifestava como uma fonte privilegiada para nosso trabalho, pois se constituía num gênero de publicação definida por um segmento específico da sociedade, a *mulher*. Diante disso, fez-se necessária a localização e obtenção de exemplares da revista, tendo sido efetuados contatos via e-mail solicitando informações consideradas relevantes para o andamento da nossa investigação.

Esta etapa de trabalho colocou-nos diante de algumas dificuldades. A princípio, havíamos suposto que todas as edições da revista já tivessem sido arquivadas por meio de arquivo digitalizado pela própria editora. O acesso às edições anteriores da revista através da própria editora colocou algumas barreiras no seguimento do nosso trabalho, já que a única forma seria a obtenção de fotocópias mediante pagamento por página fotocopiada. Essa medida naquele momento não era viável porque, até então, necessitávamos analisar as edições na íntegra, não em páginas isoladas. Somando-se a isso, havia a possibilidade de consulta das edições na Biblioteca Nacional da cidade do Rio de Janeiro. O tempo demandado para a solicitação e consulta do material não atendia aos nossos propósitos, já que nossa proposta, até então, não se baseava no quantitativo das edições, mas em ter uma visibilidade maior do que as revistas poderiam nos revelar sobre seu conteúdo.

Diante desse percalço foi necessária a realização de “garimpagem” em sebos de livros e revistas, procedimento que nos permitiu localizar alguns exemplares que contemplassem as quatro últimas décadas de publicação da revista. Os exemplares perfaziam um total de 12 edições escolhidas aleatoriamente. Como não tínhamos interesse em obter grande quantidade de exemplares, estabelecemos como critério para escolha três exemplares de cada década entre os anos de 1974 e 2003 aleatoriamente:

*Relação das edições obtidas da revista CLAUDIA por década*

<b>Década</b>	<b>Anos de edição</b>
70	1974 – 1975 – 1978
80	1986 – 1988 – 1989
90	1990 – 1994 – 1997
00	2000 – 2001 – 2003

Ao nos depararmos com uma revista que possui em média 150 páginas por edição – abrangendo artigos, seções, carta de leitoras, horóscopo, entrevistas, receitas culinárias etc – além de edições especiais e cadernos suplementares, pensávamos: como optar por um determinado segmento que possibilitasse uma melhor identificação entre a revista e o(s)

leitor(es)? Esta é uma característica evidente que CLAUDIA parece prezar convocando uma “adesão” de seus leitor(es): “*CLAUDIA é para a mulher de hoje, que olha o mundo, se reconhece e expressa essa atitude diante da vida. A maior variedade de assuntos relevantes para a mulher moderna. Você vai se identificar em cada página.*”<sup>23</sup> (grifo nosso)

Para fazer a opção por um determinado segmento, fez-se necessária uma análise do conteúdo da revista através do sumário de cada edição. Dito de outro modo, procuramos analisar, pelo sumário, as seções de cada edição a fim de fazer um levantamento dos itens que se atualizavam a cada publicação. Consideramos a seção de carta de leitores pedindo conselhos, intitulada *Claudia responde* (nas edições mais recentes da revista esta seção se apresenta com outros títulos que abordaremos mais adiante), oferecia um espaço relevante para a nossa investigação, pois julgávamos ser um campo fértil de várias interlocuções: entre a mulher que pede ajuda e a revista que a oferece de um lado, e entre o leitor e a revista de outro –tais níveis de interlocução permitiam circular discursos e sentidos sobre a mulher. Encontramos nessas cartas uma caracterização bem clara que definia um certo perfil genérico, ponto que decidimos privilegiar pela natureza de nosso quadro teórico, daqui por diante chamaremos essas cartas de *cartas de aconselhamento*.

Cabe ressaltar que a escolha das *cartas de aconselhamento* suscitou nosso interesse, pois notamos que muitas pesquisas sobre revistas femininas dispensam maior atenção a outros gêneros discursivos como, por exemplo, artigos, editoriais, etc. Dessa forma, partimos do pressuposto de que, nessas cartas onde se reproduzem, de uma certa maneira, as cartas da/o(s) possíveis leitora(e)s da revista pedindo orientação, informação, conselhos, etc., parece reafirmar a proposta da revista, a saber, proporcionar uma *verdade* que a leitora compartilha e à qual adere. Tal aspecto já indica a que veio a revista logo no seu primeiro editorial<sup>24</sup>: “*CLAUDIA foi feita para servi-la. Foi criada para ajudá-la a enfrentar os problemas de todos os dias.*” (grifo nosso)

Numa análise geral das revistas, verificamos que as *cartas de aconselhamento* do corpus coletado se centravam na seção, que até a década de 90 da edição de 1990, intitulava-se *Claudia Responde*. A partir da edição de 1994, devido à reformulação da

---

<sup>23</sup> Informação extraída da página [http://www.merceariaportugal.com/revistas\\_abril](http://www.merceariaportugal.com/revistas_abril). Acessada em: 20/07/05.

<sup>24</sup> Informação fornecida pelo responsável por mensagens de leitores enviadas a revista via correio eletrônico em 01/07/2004.

revista no ano anterior, as cartas se localizam, além da seção *Claudia responde*, nas seções *Modos e maneiras*, *Saúde*, *Trabalho* e nas edições de 1997, nas seções *Lei e Direito*, *Moda*, *Beleza*, *Saúde*, *Morar bem*, *Consumo*. Com outra reformulação da revista, as cartas das edições de 2000, 2001 e 2003 se distribuem ao longo da revista de acordo com os temas abordados em cada seção: as cartas das edições de 2000 e 2001 se localizam nas seções *Beleza*, *Lei e direito*, *Interpessoal e Sexo*, e as da edição de 2003, nas seções *A lei e você*, *Relações delicadas*, *Consulta de beleza*, *Sexo bem resolvido*.

Analisar todas as *cartas de aconselhamento* foi uma opção desconsiderada já que tais cartas abordam assuntos e conteúdos diversos, o que nos levou a outros caminhos. Assim, optamos por analisar as *cartas de aconselhamento* cuja temática correspondesse ao relacionamento *interpessoal* (mulher-parceiro, mãe-filho, mulher-amigos), pois são assuntos recorrentes em todas as seções de cartas, restringindo, assim, nosso córpus de análise a um tema comum. Um outro aspecto pareceu-nos pertinente ao optarmos por essa temática, ele se relaciona com o fato do conteúdo dessas cartas abordar a condição da *mulher* na relação com o outro, sejam eles o parceiro, os filhos, os pais, a amiga, etc. Torna-se evidente num momento em que tal condição é questionada pelo movimento feminista vigente, justamente por pôr em cheque os alicerces das relações sociais, a divisão sexual do trabalho e a própria família.

Para proceder a esse recorte do tema - *relacionamento interpessoal* – apoiamos-nos numa *interdelimitação* dos temas desenvolvidos nas *cartas de aconselhamento* analisadas, “a apreensão de um dado posicionamento só parece possível com um ‘mínimo de situação’, uma referência mínima que seja ao contexto visado”, segundo Rocha (2003, pp. 201-203). Estabelecer uma situação mínima, foi um passo relevante para a abordagem e recorte do nosso córpus, já que os demais temas das cartas, como saúde, beleza, bichos, etc, não garantiam *a priori* situações que permitissem identificar num único texto os diversos papéis de mulher na sociedade.

Assim, a seguir, apresentamos o quadro com o resumo do quantitativo de cartas por década:

**Quadro 1: Cartas referentes ao tema relacionamento *interpessoal* organizadas por década**

<b>Década</b>	70	80	90	00
<b>Número de cartas</b>	13	7	8 <sup>25</sup>	11

O quadro com o totalizador quantitativo das cartas, nos permite esboçar um certo perfil de mulher que escreve para a revista. Se na década de 70 vemos uma mulher que recorre com mais frequência à revista para pedir ajuda e conselho, com o passar das décadas esse número decresce paulatinamente. Tal indício nos levar a levantar algumas hipóteses, mesmo que baseadas num totalizador quantitativo, que já parecem indicar um perfil de mulher mais “resolvida” em relação aos seus problemas de ordem pessoal, ou ainda, uma mulher que, por uma razão ou por outra, se mantém omissa e reclusa sobre tais questões.

Após sucessivas escolhas para o recorte do universo textual das *cartas de aconselhamento* com que iríamos trabalhar, faltava ainda selecionar a(s) categoria(s) de análise. Dito de outro modo, faltava-nos delimitar que entrada(s) lingüística(s) seria(m) produtiva(s) para explicitar o interesse do recorte até então selecionado. Vimos a necessidade de adotar um critério de *interdelimitação* (Rocha, 2003) que nos conduzisse a uma “unidade” lingüística que se atualizasse fortemente nas *cartas de aconselhamento*.

No próximo item, traçaremos o caminho percorrido que nos conduziu para a delimitação de uma categoria de análise.

### **2.3 Delimitando o *cópus* em função de uma categoria de análise**

A fim de nos debruçarmos sobre os *vestígios* – tomados aqui como materialidade lingüística - deixados nos discursos das *cartas de aconselhamento* em uma revista feminina destinada especificamente ao público feminino, faltava-nos, como dito anteriormente, delimitar uma entrada lingüística como modo de apreensão do Outro. Tais vestígios constitutivos da memória discursiva são aqueles que “se inscrevem no interdiscurso, na

---

<sup>25</sup> Cinco das oito cartas da década de 90 foram selecionadas de uma edição especial de 1994 sobre *sexo*.



formação discursiva onde o analista do discurso irá abandonar a idéia da ordem fixa do arquivo”(Gregolin, 2004, p.180).

Nosso objetivo é verificar, no interior desse material, como se está construindo discursivamente uma determinada imagem de mulher, salientando os seguintes aspectos: que perfis de enunciadores estão sendo mobilizados e que efeitos de sentido podem ser desdobrados desse discurso midiático. Enunciadores que garantem a inscrição do Outro no discurso, segundo a concepção polifônica de Ducrot.

Tendo em vista a extensão do material selecionado, apesar do nosso recorte ter restringido relativamente sua abrangência, o reconhecimento de uma possível entrada no material se revelou um outro obstáculo a transpor. Decidimos, então, recorrer a um levantamento de entradas lexicais nas *cartas de aconselhamento*, em conjunto e em separado por décadas. Para tal, utilizamos recursos do programa *Wordsmith*<sup>26</sup> na tentativa de buscar uma aproximação maior ao material, sem nos comprometer a fazer quaisquer observações que nos obrigassem a uma análise mais profunda das entradas lexicais.

Cabe uma ressalva: nosso objetivo com esse procedimento não foi o de oferecer um tratamento diferenciado do léxico em nossa análise, pois consideramos o fato de que as palavras só ganham sentido no contexto, e não fora dele. Se levarmos em conta a distribuição dessas marcas, excluídos os artigos, as preposições e as conjunções, podemos verificar que as cinco palavras mais recorrentes com o resultado totalizador por entrada das quatro décadas são *não* (172), *você* (143), *é* (101), *mais* (57), *ele* (75) e *seu* (54). Este

---

<sup>26</sup> Cabem-nos ainda algumas palavras sobre o programa de computador *Wordsmith* utilizado nesse trabalho como uma ferramenta de apoio que nos permitiu efetuar um levantamento geral das palavras nas *cartas de aconselhamento*.

Atualmente a *Linguística de Corpus* está atrelada à tecnologia, que permite não só o armazenamento dos *corpora*, mas também a sua exploração e, por isso, está relacionada à disponibilidade de ferramentas computacionais para a análise de *córpus* (Sardinha, 2004). Sendo assim, uma vez definido o *córpus*, tivemos a árdua tarefa de torná-lo digitalizado para que pudesse ser utilizado e manipulado corretamente no instrumental computacional.

O instrumental computacional de escolha foi o *WordSmith Tools 3.0* ( de autoria de Mike Scott, também disponível na Internet) por aproveitar os recursos do ambiente *Windows* em microcomputadores e por ser um dos mais completos e versáteis conjunto de ferramentas para a *Linguística de Corpus*. Uma outra razão para a opção de uma ferramenta computacional é a sua confiabilidade, eficiência e rapidez em fornecer dados para a análise.

O *Wordsmith Tools*, versão 3, é composto de ferramentas, utilitários, instrumentos e funções como: *Wordlist* - Lista de palavras; *Concord*: Concordância; e *Keywords* - Palavras-chave se incluem entre os mais usados. Restringimos-nos apenas à utilização da ferramenta *Wordlist* pois ela desempenhou um papel importante de apoio em nosso trabalho, garantindo-nos a realização de procedimentos de ordem quantitativa de entradas lexicais.

inventário de palavras, além de incluir referência aos interlocutores (você, ele, seu), inclui também a marca de negação *não*, o que nos chamou bastante a atenção.

Num levantamento paralelo, seguindo as mesmas exclusões dos itens lexicais acima citados (artigos, preposições, etc), foi realizada uma lista de palavras de maior incidência relativa a cada uma das décadas. A seguir, indicamos entre parênteses o número de ocorrências das marcas lingüísticas, tendo como finalidade oferecer uma visualização mais detalhada do conjunto discursivo.

*Palavras mais recorrentes*

<b>Décadas</b>	<b>70</b>	<b>80</b>	<b>90</b>	<b>00</b>
<b>Marcas lingüísticas de maior incidência em ordem decrescente (número de ocorrências)</b>	você(86) <b>não</b> (68) é (32) ele (30) mais (23) sua (23) eu (22) muito (19) tem (18) vida (18)	<b>não</b> (35) você (16) é (12) ele (12) tudo (9) isso (7) mais (7) sexo (7) casa (6) seu (6)	<b>não</b> (31) é (21) seu (18) você (16) marido(14) sexual (13) mais (11) anos (10) ele (10) me (9)	<b>não</b> (38) é (35) você(24) ele (23) mais(16) mãe (15) seu (15) me (13) meu(11) marido(10)

Constatamos que nesse levantamento ressaltavam-se palavras como *não* – presente nas primeiras colocações de cada década (em destaque) – e a constante presença da marca de 2º pessoa *você*. Este resultado final nos levou a confirmar nossa expectativa de que a marca *não* era um indicativo relevante a ser considerado, revelando aspectos pertinentes em função do quadro teórico que queríamos abordar, sobretudo a natureza polifônica dos enunciados.

Após definirmos a operacionalidade do nosso material com a finalidade de registrar as possíveis vozes que estariam perpassando os discursos das cartas através da marca lingüística, precisávamos ainda realizar um recorte final para a delimitação do *cópus*. Partindo da premissa de que o fenômeno da negação teorizado por Ducrot (1987) pode se constituir de três formas – polêmica, descritiva e metalingüística-, foi necessário

fazer uma distinção, entre todas as ocorrências do *não*, para identificar aquelas que o autor denominou de *negação polêmica*.

Assim, para cada ocorrência do *não*, tentamos depreender um ponto de vista afirmativo subjacente, o que caracteriza a presença da negação polêmica e nos permite verificar que este ponto de vista poderia ser sustentado por um enunciador, dando visibilidade, assim, ao caráter dialógico do enunciado. Para distinguir os casos de negação polêmica e de negação descritiva, operacionalizamos nos enunciados os seguintes desdobramentos das seguintes formas:

- o encadeamento de enunciados negativos com a expressão *ao contrário*, com a finalidade de identificar a presença de um outro enunciador;
- a constatação da plausibilidade de os pontos de vista das afirmativas subjacentes correspondentes serem, de fato, sustentados por algum enunciador.

É preciso salientar um outro aspecto sobre a distinção entre a negação polêmica e a descritiva, já que a materialidade lingüística de ambas é a mesma, o *não*. Assim sendo, coube à pesquisadora decidir, dentro do universo das cartas, se era possível revelar um enunciador que estaria sustentando um ponto de vista subjacente ao enunciado negativo.

É relevante fazermos uma observação a respeito do procedimento que orientou a construção do ponto de vista subjacente aos enunciados negativos durante o processo de análise. No âmbito da teoria de Ducrot (1987), não encontramos uma metodologia satisfatória que explicitasse o procedimento no tocante à depreensão das afirmativas subjacentes de períodos compostos contendo orações subordinadas adverbiais. Dessa forma, justificaremos os critérios que adotamos para o levantamento dos pontos de vista subjacentes em nosso corpus. Para fins de maior clareza, tentamos manter a afirmativa subjacente próxima à sua estrutura original do enunciado negativo, ainda que pudesse causar certa estranheza. Em relação aos enunciados construídos com a marca lingüística *não*, procedemos à seguinte reformulação: quando temos o *não* presente numa oração subordinada adverbial, desprezamos essa oração como tal e operacionalizamos como se fosse uma oração principal ou substantiva. Submetemos o seguinte enunciado a esse procedimento:

*...para ele não me deixar eu dei liberdade total...* (enunciado negativo)

Teríamos, pois:

É possível que ele me deixe. (ponto de vista subjacente)

Já as orações subordinadas substantivas não nos ofereciam nenhum impasse na construção do ponto de vista. A título de exemplo, temos:

... *não é lógico permanecer ligada à família eternamente.* (enunciado negativo)

Depreendendo a afirmativa teríamos:

É lógico permanecer ligada à família eternamente. ( ponto de vista subjacente )

Cabe uma ressalva, em termos de funcionamento de metodologia. Quando alteramos o mínimo possível a redação original do enunciado negativo, tal medida, às vezes, nos colocava um outro problema, principalmente quando havia poucas evidências para depreender um ponto de vista. Assim, em alguns enunciados, colocamos um fragmento mais extenso com a finalidade de contextualização e destacamos em negrito apenas o enunciado negativo. Quando necessário, fazemos complementações entre colchetes acerca do sentido dos fragmentos.

Como procedimento metodológico da análise dos enunciados negativos, verificamos quais poderiam se localizar dentro da categoria de *negação polêmica*. A identificação desses enunciados foi feita concomitantemente à depreensão das afirmativas a eles subjacentes. Com efeito, trata-se de um processo indissociável, pois reconhecer o embate de vozes, dentro da perspectiva teórica da AD, é poder distinguir posicionamentos enunciativos distintos dentro do universo feminino.

Para introduzirmos a análise dos enunciados negativos de caráter polêmico das *cartas de aconselhamento – cartas-pergunta e cartas-resposta* – utilizaremos, a princípio, os termos L1 e L2 para diferenciar, respectivamente, a leitora-remetente e a revista, visando apenas a retomar o diálogo que se estabelece no interior do discurso. Aqui cabe uma observação. Uma análise-piloto foi feita com a finalidade de detectar se haveria perfis de enunciadores diferenciados entre as *cartas-pergunta* e as *cartas-resposta*. Constatamos que

os mesmos perfis circulam em ambas as cartas sem distinção ou predominância, de modo que o locutor (L1) das *cartas-resposta* ao enunciar geralmente retoma o que o locutor da *carta-pergunta* (L2) diz para desqualificá-lo ou não.

Desse modo, definidos os enunciados de caráter polêmico, pudemos constituir um *cópus* final de análise contendo 67 enunciados (anexo I) que abordaremos no capítulo 5. Os enunciados negativos de caráter descritivo e metalingüístico, que não fazem parte do *cópus* final de análise, estão inventariados no anexo II.

### 3. Quadro teórico: uma perspectiva discursiva de análise

Tendo em vista as questões apresentadas anteriormente, a área teórica que pode prestar subsídio para a pesquisa é a da Análise do Discurso na perspectiva voltada para a teoria da enunciação.<sup>27</sup> A enunciação permite a representação no enunciado dos fatos, acontecimentos únicos construídos num tempo e num espaço discursivos (Maingueneau, 2000). Entendemos que o enunciado está constituído de marcas lingüísticas, ou seja, “pistas”, explícitas ou não, com as quais buscaremos compreender como se dá discursivamente a construção de sentidos.

#### 3.1 Dialogismo e enunciação

Bakhtin e seu círculo (1992) colocam em cena o conceito de *dialogismo* que tem exercido um papel fundamental para o entendimento e funcionamento das práticas discursivas, e por extensão, para a Análise do Discurso. Segundo Bakhtin, a linguagem é por natureza dialógica, ou seja, todo discurso mantém uma relação estreita com outros discursos. Se por um lado, toda palavra é determinada pelo fato de proceder de alguém e de se dirigir a alguém, por outro lado, ela é produzida no meio já-dito de outros discursos e ainda precede ao que está por vir. Os discursos refletem-se mutuamente como “ecos” de outros discursos que se constituem sócio-historicamente. Tal relação é constitutiva de cada discurso, sobre isso Bakhtin explica

O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera [...]: refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles.(1992, p.316)

---

<sup>27</sup> Outras correntes tratam da teoria da enunciação como a Pragmática, mas para este trabalho nos restringiremos aos estudos voltados para a AD.

Portanto, para Bakhtin, nenhum locutor é o Adão bíblico que instituiria um discurso despreendido das marcas de outros discursos,

o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões de mundo, as tendências, as teorias, etc. (na esfera da comunicação cultural) (Bakhtin, 1992, pp. 319-320).

A questão da relação entre linguagem e sociedade e de seu peso e reflexo na construção dos enunciados e dos gêneros constitui-se em um dos focos de atenção da teoria bakhtiniana, que coloca a interação verbal como centro das relações sociais, relativizando o lugar ocupado pelos interlocutores. A linguagem é a forma materializada da comunicação social, refletindo a organização econômica e sócio-política da sociedade que a gera. A língua se constitui e evolui historicamente na comunicação verbal, acompanha e reflete a evolução das relações sociais estáveis dos falantes. Bakhtin e Voloshinov, em diferentes textos, como, por exemplo, *Marxismo e filosofia da linguagem* (1995), *¿Qué es el lenguaje?*<sup>28</sup>, *La construcción de la enunciación*<sup>29</sup>, elaboram uma orientação da relação entre linguagem e sociedade, da evolução das formas dos enunciados e das formas da língua. Bakhtin e seu círculo postulam que a realidade fundamental da linguagem se estabelece na interação verbal (comunicação verbal), segundo este grupo “toda comunicação, toda interação verbal se realiza sob a forma de uma troca de *enunciados*, isto é, na dimensão de um diálogo”(Voloshinov, 1930 *apud* Souza, 2002, p. 80), aqui o círculo bakhtiniano vai criticar a lingüística que toma a língua como seu objeto que, segundo eles,

---

<sup>28</sup> BAKHTIN M., VOLOSHINOV, V. N. *¿Qué es el lenguaje?* Tradução do italiano por Ariel Bignami. In.: SILVESTRI, Adriana, BLANCK, Guilherme. **Bajtín y Vigotsky: la organización semiótica de la conciencia**. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 217-243.

<sup>29</sup> \_\_\_\_\_. *La construcción de la enunciación*. \_\_\_\_\_. In.: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.p. 245-276.

o objeto da lingüística é formado pela matéria isolada, pelos meios da comunicação verbal sozinhos – mas não pela comunicação verbal, nem pelos enunciados enquanto tais, nem pelas relações (dialógicas) que existem entre eles, nem pelas formas da comunicação verbal nem pelos gêneros verbais (Todorov, 1981 *apud* Souza, 2002, p.80).

O enunciado é a unidade concreta e real da comunicação verbal, dado que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas. Nos termos de Bakhtin,

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua (...). O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua -recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos de Gêneros do discurso. (Bakhtin,1992, p.278)

A concepção de gênero do discurso é de suma importância nos trabalhos da AD, e imprescindível para nosso trabalho, pois há um elo indissociável entre gênero e a vida cotidiana, toda comunidade utiliza os gêneros do discurso no processo de interação verbal. Para este teórico russo “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados que a vida penetra na língua.”(Bakhtin, 1992, p. 282)



A compreensão e o estudo da constituição dos enunciados (que compõem a comunicação verbal), das suas formas *típicas* relativamente estáveis (os gêneros do discurso), bem como das formas da língua passam pela consideração da situação social que os provoca. Bakhtin e seu círculo nos orientam nesta relação entre linguagem e sociedade, da evolução das formas dos enunciados e das formas da língua.

Todo enunciado tem seus objetivos, seus propósitos discursivos (objetivo educativo, propósito de convencimento); pressupõe um destinatário (co-enunciador), estando orientado para a sua postura ativa de resposta: uma contestação, o cumprimento de uma ordem, etc. A relação social entre o enunciador e o co-enunciador também determina a construção do enunciado. Essas especificidades se marcam nos gêneros do discurso.

A AD não apreende o enunciado como um tipo de estrutura textual ou uma seqüência de signos lingüísticos, mas como uma atividade enunciativa associada a um gênero do discurso. Privilegia-se o lugar social do qual o gênero emerge, o canal por onde passa (oral, escrito...) etc. Tais elementos estão estreitamente relacionados na organização textual. No entanto, o enunciado não se limita apenas a uma dimensão lingüística para a compreensão de seu sentido, há outros aspectos constitutivos do enunciado que se podem denominar como sua dimensão extraverbal, ou a sua dimensão social constitutiva. Rodrigues (2001, p.22) reafirma essa posição de Bakhtin, como na citação seguinte:

...não se pode compreender o sentido do enunciado se não se reconhece, para além da sua dimensão verbal, uma outra dimensão, não expressada lingüisticamente, mas "subentendida": seu horizonte extraverbal. Entretanto, o termo "subentendido" não deve levar a crer que a dimensão extraverbal seja dada como um ato subjetivo e psíquico (representação, pensamento) que se produz na "alma" do falante.

A dimensão extraverbal é composta pela situação, ou seja, a circunstância de um acontecimento dado, e pelos participantes que constituem a situação social do enunciado. Seguindo o esquema de Bakhtin das relações entre sociedade e linguagem, pode-se considerar a situação como uma das formas de interação social relativamente estável, no

interior de uma das formas ou variedades de intercâmbio comunicativo social (esfera cotidiana, científica, jornalística etc.).

Rodrigues (2001, p.73) complementa que as diferentes esferas sociais “são a concretização de uma das formas ou variedades de intercâmbio comunicativo social, que geram historicamente os gêneros do discurso, específicos para cada esfera.” No entanto, tais esferas sociais são consideradas como critério para a organização e a análise do discurso. A autora ainda faz uma última observação que diz respeito ao fato de que

não é possível um agrupamento estável, definitivo e exaustivo dos gêneros, pela razão da sua relativa estabilidade e pela sua riqueza inesgotável; quer dizer, eles são tão variados (ilimitados) quanto são as possibilidades da atividade humana. A formação dos gêneros está ligada às funções sócio-ideológicas, às condições determinadas da comunicação social etc.(Rodrigues, 2001, p.73)

Em cada esfera da atividade humana existe um inventário de gêneros particulares que se distingue e cresce na medida que a própria esfera se desenvolve e se complexifica.

Essa variabilidade de gêneros discursivos é extremamente grande, pois as possibilidades da atividade humana são ilimitadas. Trataremos a questão dos gêneros discursivos mais detalhadamente no próximo item. Daí a impossibilidade de um agrupamento estável, definitivo e exaustivo dos gêneros, já que sua estabilidade é relativa.

Na tentativa de agrupar os gêneros do discurso num intercâmbio comunicativo social, Rodrigues (2001) propõe o seguinte esquema:

- a) gêneros da esfera da produção: ordem de serviço, instrução de operação de máquinas, aviso, pauta jornalística etc.;
- b) gêneros da esfera dos negócios e da administração: contrato, ofício, etc.;
- c) gêneros da esfera cotidiana: conversa familiar, conversa pública, diário íntimo, saudação etc.;
- d) gêneros da esfera artística: conto, romance, novela etc.;
- e) gêneros da esfera jurídica: petição, decreto etc.;
- f) gêneros da esfera científica: tese, artigo, ensaio, palestra etc.;

g) gêneros da esfera da publicidade: anúncio, panfleto, folder etc.;

h) gêneros da esfera escolar: resumo, seminário, "texto didático" etc.;

i) gêneros da esfera religiosa: sermão, encíclica, parábola etc.;

j) gêneros da esfera jornalística: entrevista, reportagem, notícia, editorial, artigo etc.

Esta classificação, a princípio, nos permite criar critérios para delimitar um dado recorte de *cópus* em que circulam os discursos sobre/para a *mulher*. Tendo em vista nosso objeto de pesquisa, as cartas contidas em revistas femininas, pelo seu caráter comunicacional, correspondem a situações de interação verbal típicas (mais ou menos estabilizadas) e, como tal, apresentam, na sua constituição, as condições da esfera ao qual pertencem.

Há, porém, a problemática dos gêneros da esfera jornalística, que reside na questão de se tentar separar a comunicação jornalística, articulando informação e objetividade de um lado e opinião/relato e subjetividade de outro. Poderíamos, então, classificar as *cartas de aconselhamento* sendo um gênero da esfera jornalística? Qual seria, então, a fronteira que separaria a informação da revista para o leitor e uma opinião para a resolução de seus problemas? Para Rodrigues “o fundamento não estaria na efetiva separação entre opinião e informação, entre subjetividade e objetividade, mas no efeito de produção de sentido que essa divisão acabou assumindo na comunicação jornalística.” (2001, p.110)

Sant’Anna (2004), em seu livro, discute essa questão entre a informação e a opinião na imprensa escrita, ao se referir à divulgação e circulação de um fato, que poderia apresentar-se como informador, capaz de eximir-se de julgamentos.

...podemos dizer que seu modo de operar baseia-se na premissa de que ela [imprensa] deve (e pode) apresentar os fatos que narra como se tivesse fora do evento. Ou seja, seu esforço é expor os fatos recolhidos no mundo empírico e, ao mesmo tempo, participar dos processos sociais que ela quer objetivar.(Sant’Anna, 2004, p.98)

Com efeito, devemos pensar que a natureza e a função de uma determinada esfera no conjunto da vida social, seguindo a teoria bakhtiniana, insere-se na sua relação dinâmica

consigo mesma e com outras esferas da atividade humana. Ou seja, no seu aspecto de “não acabamento” e na sua imbricação com as outras esferas sociais.

Dessa forma, essas duas vertentes - a da subjetividade e a da objetividade - da comunicação social jornalística poderiam, de certo modo, de acordo com Bakhtin, produzir dois grandes efeitos ideológico-discursivos particulares em relação ao destinatário – fazer saber e fazer crer – estabelecendo uma espécie de interação entre o autor e o leitor.

Atualmente a teoria da enunciação deixa de lado a questão do autor e do leitor externos, para tratar diferentemente de um autor e de um leitor criados pelo discurso, que constituem instâncias enunciativas diferentes – enunciadores - reconstituídas pelas marcas de enunciação.

Maingueneau (2002) apresenta o enunciado como sendo um resultado da enunciação. Fazendo uma analogia à oposição entre produto/produção, nesta perspectiva o enunciado (produto) é a marca verbal do acontecimento, a enunciação (produção).

Maingueneau (2002, p.56) apresenta uma definição clássica para o termo – enunciação - presente em Benveniste (1974, p.80) como “a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”. Assim, enunciação se oporia a enunciado da mesma forma que o ato de produzir se opõe a produto. O autor, porém, atenta para uma delimitação de posicionamentos, dentro da perspectiva da AD, mantendo um distanciamento de certos pressupostos associados a essa definição e enumera algumas características do ato de enunciação (Maingueneau, 2002, p.56):

- a enunciação não deve ser concebida como a apropriação, por um indivíduo, do sistema da língua: o sujeito só acede à enunciação através das limitações múltiplas dos gêneros de discurso;
- a enunciação não repousa sobre um único enunciador: a interação é preponderante;
- o indivíduo que fala não é necessariamente a instância que se encarrega da enunciação.

Em relação ao enunciado, Maingueneau (2004, p.195) resume que seu emprego se organiza ao redor de dois grandes eixos: ora em oposição à enunciação – como *produto* do

ato de produção, ora como uma *seqüência verbal* de extensão variável. Mas devemos considerar que a “enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: ela permite representar no enunciado os fatos, mas ela constitui em si um fato, um acontecimento único, definido no tempo e no espaço.”(Maingueneau, 2000)

Ducrot (1987), com base na teoria bakhtiniana, desenvolveu a teoria polifônica da enunciação a partir da qual propõe a polifonia não para uma seqüência de enunciados - textos, como fez Bakhtin, mas para os próprios enunciados de que esses textos são constituídos. Este autor define a enunciação como o acontecimento constituído pela aparição de um enunciado: “A realização de enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois. É essa aparição momentânea que chamo ‘enunciação’”. (Ducrot, 1987, p.168)

Ducrot define a enunciação, independente do autor da palavra, como um ato de alguém que produz um enunciado e acrescenta que todo enunciado carrega uma “qualificação de sua enunciação” (1987, pp.163-164) constituindo, para ele, o sentido do enunciado. O objeto da pragmática semântica é “dar conta do que, segundo o enunciado, é feito pela fala.”(1987, p.164)

Dois aspectos são particularmente relevantes para a nossa discussão: a questão dos gêneros e a da instância responsável pela enunciação, tópicos que desenvolveremos nas seguintes seções.

### **3.2 Os gêneros do discurso**

Bakhtin propôs o conceito de gênero, conforme abordamos no item anterior, baseado na função e no tipo de atividade discursiva que os textos desempenham na sociedade. Dessa forma, estão em estreita relação com a sociedade que os gera. Cada sociedade cria e produz os gêneros de que necessita e que a caracteriza. Toda esfera da atividade humana elabora formas típicas de enunciados, e cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, denominados gêneros do discurso.(Bakhtin,1992, p. 279).

Conferindo a esse termo um sentido amplo, de um ponto de vista comunicacional, os gêneros para Bakhtin dependem dessa ‘natureza comunicacional’ da troca verbal, o que lhe permite fazer a distinção de duas grandes categorias: os gêneros primários compreendem os gêneros da produção simples, espontânea, da linguagem familiar, etc. A sua esfera de realização concreta é a da comunicação verbal cotidiana onde esses gêneros se apresentam numa infindável variedade. Os gêneros secundários que aparecem em circunstância de uma comunicação cultural relativamente mais complexa: o romance, as produções científicas, ideológicas, etc., são aqueles que

durante o processo se sua formação, esses gêneros secundários [complexos] absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios... (Bakhtin, 1992, p.281)

A presença do gênero primário no gênero secundário implica uma “representação” (Souza, 2002, p.103), já que o primeiro é um fenômeno da vida cotidiana, e o segundo, da vida de um determinado gênero complexo – romance, discurso científico, discurso religioso, etc.

A distinção entre gêneros primários e gêneros secundários é de suma importância para a apreensão da “distinção entre a heterogeneidade de gêneros do discurso da vida cotidiana e a representação desses gêneros no romance, concebido como um fenômeno da vida artístico-literária” (Souza, 2002, p.103). Bakhtin ressalta que através de uma análise de ambos os gêneros podemos elucidar a natureza do enunciado, “só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais” (1992, p.282).

De acordo com Bakhtin, todos os gêneros secundários

incorporam diversamente os gêneros primários do discurso na construção do enunciado, assim como a relação existente entre estes (os quais se transformam, em maior ou menor grau, devido à ausência de uma alternância dos sujeitos falantes) (1992, p.295).

Um outro ponto fundamental que este autor destaca para a necessidade de distinguir entre os gêneros primários e secundários, levando em conta a relação entre eles, é esclarecer e definir a natureza de um enunciado, pois, para Bakhtin, “ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero [...] desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida.”(1992, p.282).

Esse vínculo indissolúvel entre língua e sociedade e a diversidade dos gêneros nas diferentes esferas da atividade humana é um dos focos fundamentais para esta pesquisa, pois conceber um gênero de discurso é assegurar a comunicação entre seus interlocutores (leitores e revista). No âmbito desta pesquisa, *as cartas de aconselhamento* lidam com enunciados concretos (escritos) que se relacionam com as necessidades da vida cotidiana, ou seja, as necessidades de os leitores escrever para a revista para pedir conselhos.

Já Maingueneau (2000), apoiado em noções da Pragmática, caracteriza os gêneros como “atividades mais ou menos ritualizadas, que só podem desdobrar-se legitimamente e obterem ‘sucesso’ se estiverem em conformidade com as regras que as constituem.”(2000, pp.73-74). Essas limitações para a definição de um gênero estabelecem:

- o status respectivo dos coenunciadores;
- as circunstâncias temporais e locais da enunciação;
- o suporte e os modos de difusão;
- os temas que podem ser introduzidos;
- a extensão, o modo de organização etc

Maingueneau acrescenta que o gênero de discurso incide decisivamente sobre a interpretação dos enunciados. Um enunciado só pode ser interpretado se sabemos a qual gênero relacioná-lo:

Ouvindo as palavras do outro, sabemos de pronto, desde as primeiras palavras, pressentir seu gênero, adivinhar o volume (a extensão aproximativa de um todo

discursivo), a estrutura composicional dada, prever seu fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo (Maingueneau, 2000).

É nesse sentido que Maingueneau, seguindo a esteira de Bakhtin, entende que os gêneros de discurso, como dispositivos de comunicação, só se estabelecem sob certas condições sócio-históricas e se submetem a um conjunto de coerções comuns que variam de época e lugar. Daí, recorreremos à Maingueneau que trouxe uma grande contribuição ao analisar textos de comunicação, operacionalizando os diversos tipos de discurso associados a “vastos setores de atividade social”(2002, p.61). Assim, seguindo a distinção de tipo e gênero discursivo, *as cartas de aconselhamento* constituem um gênero de discurso no interior do tipo de discurso midiático, que por sua vez, abrange uma gama infinita de veículos de comunicação (rádio, televisão, imprensa escrita) o que torna sua classificação generalizada e indeterminada.

Queremos enfatizar que estamos apresentando considerações acerca da noção de gênero de discurso, porém nossa intenção não é realizar uma classificação de gêneros. Embora o título deste item possa criar tal expectativa, na verdade nosso enfoque se centra numa breve discussão sobre a linguagem numa perspectiva discursiva, como um fenômeno sócio-historicamente constituído.

Dada a complexidade de buscar uma categorização definitiva do gênero *cartas de aconselhamento*, nesta pesquisa, articularemos os conceitos de Bakhtin e os dispositivos introduzidos por Maingueneau sempre que necessário.

No item seguinte, discutiremos a questão da alteridade no discurso, mais particularmente sob o ponto de vista da AD, pois é um dos aspectos essenciais do caráter heterogêneo de qualquer discurso.

### **3.3 A alteridade discursiva**

A perspectiva dialógica bakhtiniana remete ao fato de que todo discurso é um eco de outros discursos, revelando, assim, seu caráter polifônico. Esse caráter pode ser compreendido recorrendo à questão sobre polifonia fundada por Bakhtin e retomada por



Ducrot<sup>30</sup> (1987) operando-o num nível lingüístico. Admitindo que o enunciado assinala a superposição de diversas vozes, este autor destaca que há polifonia quando há a possibilidade de distinguir, em uma enunciação, dois tipos de personagem: o locutor e o enunciador.

O locutor é aquele que, segundo o enunciado, é responsável pela enunciação, ou seja, o locutor é apresentado como aquele a quem se deve imputar a responsabilidade pelo dizer, mas não é “um ser do mundo, pois trata-se de uma ficção discursiva”. (Brandão, 2004, p.72)

Se o locutor é aquele “que fala”, o enunciador é aquele “que vê”, é o lugar de onde se olha, sem que palavras lhes sejam conferidas. Se enunciador fala é apenas “no sentido que a enunciação é vista como exprimindo seu ponto de vista” (Brandão, 2004, p.73). Essa diferença que Ducrot faz entre locutor e enunciador é bem sutil, pois os enunciadores são “seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas” (Maingueneau, 1997, p.77). Com efeito, os enunciadores não “falam”, mas é na enunciação que os enunciadores podem expressar seu ponto de vista. Dito de outro modo, o locutor é capaz de pôr em cena enunciadores que apresentam pontos de vista que diferem entre si, ou seja, ele pode se associar a alguns enunciadores ao mesmo tempo que se distancia de outros.

Ao distinguir o locutor do enunciador, Ducrot (1987) contesta em sua tese a premissa da unicidade do sujeito falante tal qual preconizou a “lingüística moderna”<sup>31</sup>. Para este autor, esta pressuposição formula em sua essência a idéia de que cada enunciado possui somente um autor. A originalidade da abordagem de Ducrot se fundamenta na cisão do sujeito falante no nível do próprio enunciado. Esses conceitos elaborados por Ducrot - locutor e enunciador<sup>32</sup> – constituem instrumentos valiosos de análise para analistas do discurso que a eles têm recorrido a fim de recuperar a noção de historicidade presente originalmente no conceito de polifonia de Bakhtin.

---

<sup>30</sup> Os trabalhos de Ducrot situam-se fundamentalmente no campo da Pragmática semântica ou Pragmática lingüística. Para este lingüista era preciso dar à alteridade um valor constitutivo da linguagem.

<sup>31</sup> A lingüística moderna citada por Ducrot (1987) abrange o comparativismo, o estruturalismo e a gramática gerativa.

<sup>32</sup> Dentro da perspectiva teórica-metodológica que adotamos, neste trabalho, os termos locutor e enunciador em Ducrot (1987) nortearão nossa análise no capítulo 4.

A teoria polifônica acrescenta à alteridade um caráter interno pois é no interior do enunciado que podemos perceber a presença do outro, na medida em que o “sentido de um enunciado descreve a enunciação como uma espécie de diálogo cristalizado, em que várias vozes se entrecrocaram”. (Ducrot, 1987, p.9) Entendemos que toda atividade de linguagem é um processo marcado pela inscrição do sujeito, cuja fala situa-se sempre a partir de um determinado lugar sócio-histórico. Portanto, o sujeito inscreve continuamente sua presença no seu enunciado situando seus discursos em relação aos discursos do outro<sup>33</sup> para os quais ele planeja e ajusta sua fala no interior do próprio discurso, e sua presença também é marcada nos “outros discursos” como processo constitutivo do tecido de todo discurso. Assim,

todo discurso é duplamente dialógico e esse duplo dialogismo se inscreve em dois tipos de relações [...]: aquelas que todo enunciado mantém com os enunciados anteriormente produzidos sobre o mesmo objeto (relações interdiscursivas); e aquelas que todo enunciado mantém com enunciados de compreensão-resposta de destinatários reais ou virtuais, que o antecipam (relações interlocutivas). (Charaudeau&Maingueneau, 2004, p.161)

Um discurso nunca é homogêneo, ele deixa transparecer de maneira bastante variável a subjetividade do enunciador, incorporando o *outro* como constitutivo do sujeito. Para Brandão (2004, p.59): “a linguagem não é mais evidência, transparência de sentido produzida por um sujeito uno, homogêneo, todo-poderoso. É um sujeito que divide o espaço discursivo com o outro.”

Essa subjetividade do enunciador orienta Authier-Revuz a esse duplo dialogismo, “que escapa ampla e inevitavelmente ao enunciador e que não se manifesta no fio do discurso por meio de marcas lingüísticas”, que dá lugar a um “outro que atravessa constitutivamente o um” (Authier-Revuz, 1985, p.117 *apud* Charaudeau&Maingueneau, 2004, p.162). Dessa maneira, Authier-Revuz<sup>34</sup> irá articular à noção do dialogismo de

---

<sup>33</sup> O outro é aqui entendido como o destinatário na acepção bakhtiniana.

<sup>28</sup>Authier-Revuz (*apud* Maingueneau,2000) estabeleceu uma distinção amplamente utilizada entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva.

Bakhtin a de “heterogeneidade constitutiva” da linguagem que, segundo essa perspectiva, o conceito de subjetividade

não pode estar centrado num ego enquanto entidade única e fonte toda-poderosa de sua palavra, mas num sujeito que se cinde porque é átomo, partícula de um corpo histórico-social, no qual interage com outros discursos de que se apossa ou diante dos quais se posiciona ( ou é posicionado) para construir sua fala.(Brandão, 2004, p.65)

Para a AD a concepção de um sujeito marcado pela idéia de unidade, do centro, fonte ou origem do sentido

constitui uma “ilusão necessária”, construtora do sujeito, Ela, no entanto, não só se posiciona criticamente em relação a essa ilusão, recusando-se a reproduzi-la como retoma a noção de dispersão do sujeito (Foucault,1986), ao reconhecer o desdobramento de papéis segundo as várias posições que o sujeito ocupa dentro de um mesmo texto. É isso que leva Orlandi e Guimarães (1986) a conceberem o discurso como uma dispersão de textos e o texto como uma dispersão do sujeito. Por texto enquanto dispersão do sujeito, entenda-se a perda da centralidade de um sujeito uno que passa a ocupar várias posições enunciativas; por discurso enquanto dispersão de textos entenda-se a possibilidade de um discurso estar atravessado por várias formações discursivas[...] Assim, há uma

---

A heterogeneidade mostrada corresponde a uma presença marcada de um discurso *outro* ao longo do texto, havendo uma distinção entre as formas não marcadas (ou implícitas) dessa heterogeneidade e suas formas marcadas (ou explícitas).

As formas não marcadas são identificáveis, porém complexas. A presença do *outro* não é explicitada por marcas unívocas na frase, mas no espaço do implícito e do sugerido. É o caso do discurso indireto livre, da alusão, da ironia, da antífrase, etc.

As formas marcadas são assinaladas de maneira unívoca. Trata-se do discurso direto ou indireto, de aspas, de glosas que indicam uma não-coincidência do enunciador com o que ele diz.

Na heterogeneidade constitutiva, o *outro* está inscrito no discurso, mas sua presença não é explicitamente demarcada. Authier-Revuz considera a heterogeneidade constitutiva não-representável, não localizável, pertencente à ordem real de constituição do discurso. A heterogeneidade constitutiva apreende-se pela memória discursiva de uma dada formação social.

heterogeneidade que é constitutiva do próprio discurso e que é produzida pela dispersão do sujeito. (Brandão, 2004, p.83)

Essa dispersão é responsável pelo caráter heterogêneo dos discursos que, por estarem atravessados por outros discursos, mobilizam um certo número de enunciadores.

Para a AD, o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro – identidade-alteridade, e o espaço dessa interação é o discurso. Os discursos, no entanto, se revestem de uma homogeneidade, neutralizando essa dispersão do sujeito, tal como “um concerto polifônico, uma unidade, uma coerência, quer harmonizando as diferentes vozes, quer “apagando” as vozes discordantes.”(Brandão, 2004, p.83). Buscaremos apreender as possíveis posições que o sujeito pode ocupar no discurso através do elemento operacional da negação polêmica como uma forma marcada de heterogeneidade. Essa voz polêmica é trazida pelo locutor compondo a própria identidade pelos outros numa relação de identidade-alteridade no interior do próprio discurso.

### **3.4 Polifonia e a negação polêmica**

O termo polifonia tomado por Bakhtin (1992), de origem grega (*polyphonia*) dado à música, significa “uma reunião de vozes ou de instrumentos”(Ferreira,1999). Este termo vem prestar uma importante contribuição aos estudos da linguagem, especialmente aos trabalhos da Análise do Discurso, fazendo alusão ao fato de que os discursos fazem circular, na maior parte dos casos, pontos de vista dessemelhantes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo do seu discurso sem que nenhuma seja dominante (Maingueneau, 2000), e, por isso, o tratamento conferido ao fenômeno da polifonia é dialógico.

Ducrot, inspirado pelo trabalho de Bakhtin, como já dissemos, desenvolve uma operacionalização propriamente lingüística da polifonia. Ele retoma o conceito de polifonia operacionalizando-o num nível lingüístico segundo “a perspectiva semântica da enunciação, como mesmo num enunciado isolado é possível detectar mais de uma voz” (Brandão,2004, p.70). Nessa retomada do conceito, Ducrot exclui a noção de história que, para Bakhtin, é uma noção indispensável. A noção de historicidade em Ducrot se restringe

ao presente, ao momento concreto da enunciação. Para ele, a enunciação “é o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado” (Ducrot, 1987, p.168). Este autor ratifica a importância, numa concepção polifônica do sentido, de determinar como o enunciado pode dar uma maior visibilidade à superposição de diversas vozes.

Relembremos que Ducrot sustenta a tese de que o enunciado traz indicações sobre o(s) autor(es) eventual(ais) da enunciação e aponta a necessidade de fazer distinção entre dois tipos de personagens: os locutores e os enunciadores. O locutor é aquele que, segundo o enunciado, é responsável pela enunciação, ou seja, o locutor é apresentado como o ser do discurso, aquele a quem se deve imputar a responsabilidade pelo dizer, distinguindo-se do sujeito falante que é um ser empírico, o indivíduo que enuncia fisicamente o enunciado. A diferença que faz Ducrot entre locutor e enunciador é mais tênue, como já expusemos no item anterior. Com efeito, os enunciadores não “falam”, mas é a enunciação que lhes possibilita expressar “seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras” (Ducrot, 1987, p.192).

Com um novo olhar sobre a polifonia, Ducrot constrói mecanismos para abordar os fenômenos da linguagem e, para mostrar a pertinência da sua tese, o autor estuda casos como a ironia e a negação, a fim de demonstrar os possíveis desdobramentos das figuras do locutor e enunciador.

Neste trabalho, conferimos uma atenção especial aos enunciados negativos, partindo da concepção adotada por Ducrot, que sustenta que a enunciação da maior parte desses enunciados é passível de análise na medida em que podemos depreender um embate de posicionamentos atribuídos a dois enunciadores diferentes. Ou seja, a enunciação é vista como “encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois enunciadores “diferentes”: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado e o segundo, a rejeição desse ponto de vista” (Maingueneau, 1997, p.80).

Para descrever o fenômeno da negação em sua tese, Ducrot recorre à essa distinção-locutor e enunciador. A partir de um enunciado negativo, a título de exemplo, Pedro não é gentil, o locutor (L), na medida em que assume a responsabilidade do enunciado, coloca em cena dois enunciadores distintos. Um enunciador, designado por E1, assume um ponto de vista afirmativo subjacente ao enunciado negativo, relativo à gentileza de Pedro, ou seja, o ponto de vista segundo o qual *Pedro é gentil*; e um outro enunciador, E2, ao qual L é

habitualmente assimilado, que se opõe a E1. Portanto, E1 e E2 sustentam dois pontos de vista antagônicos que, segundo Ducrot, aparecem na maior parte dos enunciados negativos.

Tomando, deste modo, o enunciado negativo “como uma espécie de ‘diálogo cristalizado’ no qual a produção de um sentido dependeria da explicitação de E1” (Rocha, 1998, p.7), Ducrot apresenta aquilo que denomina de “dissimetria entre enunciados negativos e afirmativos”, segundo a qual a afirmação estaria subentendida na negação de uma maneira muito mais fundamental que a negação na afirmação. Através do encadeamento de enunciados negativos e afirmativos com a expressão *ao contrário*, podemos constatar essa dissimetria. Considerando o seguinte enunciado: *Pedro não é gentil; ao contrário, é insuportável*. Percebe-se que *é insuportável* exprimiria uma relação de oposição não a *Pedro não é gentil*, mas ao ponto de vista afirmativo subjacente em tal negação, ou seja, *Pedro é gentil*. Em contrapartida, se alguém enuncia que Pedro é gentil, entende-se geralmente que alguém declarou que ele não o era, mas não se pode aludir “à atitude deste enunciador virtual” (1987, p.203), para se opor a ele através do emprego de *ao contrário*. Ducrot conclui que tal enunciador tem uma presença e um estatuto diferente tanto no enunciado positivo quanto no negativo.

Com o intuito de manter laços estreitos com uma perspectiva polifônica da linguagem, Ducrot, fez uma revisão teórica do fenômeno da negação<sup>35</sup>, passando, primeiro a subdividir a negação polêmica em duas modalidades distintas: negação polêmica e negação metalingüística. Na negação metalingüística, os enunciados negativos implicavam a rejeição de um ponto de vista afirmativo anterior. Já a negação descritiva, tratava os enunciados negativos como estado de coisas numa dada realidade sem objetivar a rejeição de uma afirmativa implícita, aqui a negação descritiva também passa por um processo de redefinição.

Em *O dizer e o dito* (1987), a perspectiva teórica deste autor é reformulada da seguinte forma: a negação metalingüística coloca em cena um locutor responsável pelo enunciado afirmativo implícito, agindo sobre seus pressupostos como, por exemplo, em “*Ela não parou de fumar; na realidade, ela jamais fumou*” a negação polêmica passa a ser caracterizada como sendo a que coloca em cena não um locutor, mas um enunciador que

---

<sup>35</sup> Ducrot expõe sua teoria da negação nas obras: *Dire et ne pás Dire* (1972), *La Preuve et lê Dire* (1973) e *Les Mots du Discours* (1980). Para este estudo, consultamos somente *O Dizer e o Dito* (1987).

assume um ponto de vista de uma afirmativa subjacente ao enunciado negativo; e a negação descritiva caracteriza-se como um derivado delocutivo<sup>36</sup> da negação polêmica. Rodrigues (2002) esclarece que a negação descritiva “não é apenas, portanto, a pura representação de um estado de coisas, mas sim a afirmação de um conteúdo negativo”. Rocha (1998, p.7), retomando as considerações de H. Nølke (1992) a respeito da derivação delocutiva, assume que toda negação é fundamentalmente polêmica, e este autor admite:

a possibilidade de o contexto exercer um papel relevante na interpretação dos enunciados negativos. Desse modo, o contexto pode efetivamente autorizar uma leitura descritiva de um enunciado negativo [...] há contextos que, promovendo o apagamento do enunciado positivo subjacente, isto é, bloqueando a atualização do ponto de vista que desencadearia uma leitura polêmica da negação, favorecem tal derivação.

Neste trabalho, não pretendemos conferir um tratamento detalhado dessa classificação ao fazermos as leituras dos enunciados negativos. Consideraremos que o contexto *das cartas de aconselhamento* pode nos fornecer pistas pertinentes na interpretação desses enunciados. Dessa forma, em função do objetivo traçado para esta pesquisa, privilegiamos os enunciados polêmicos inseridos no próprio contexto das cartas.

---

36 Maingueneau (1997, p.84) faz uma remissão aos estudos de Benveniste (1974) sobre os verbos delocutivos para tratar da questão da delocução e explica que um verbo delocutivo denota um ato realizado, como, por exemplo, *remercier* (agradecer) e *dire merci* (dizer obrigado). Ducrot aplica uma extensão ao termo e fala de derivação delocutiva “quando um termo toma um novo sentido a partir de um emprego anterior em uma fórmula convencional”

#### **4. Análise: as vozes do feminino nas *cartas de aconselhamento* da revista CLAUDIA**

Anunciamos nas *Considerações Iniciais* que nosso interesse de pesquisa é analisar como estão se construindo os discursos acerca do feminino nas revistas femininas, tomando como ponto de partida o movimento feminista dito de segunda onda naquilo que se entende por um movimento que contestava a posição social das mulheres e que se expandiu para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero (Pinto, 2003).

Constituímos, para isso, um cópuz que, conforme o capítulo 3, contempla apenas uma amostra desses discursos. Pretendemos nos próximos itens, como procedimento analítico, abordar algumas características sobre o perfil genérico das *cartas de aconselhamento* e, em seguida, depreender as *vozes* que circulam nos discursos dessas cartas por meio da negação polêmica.

##### **4.1 *Cartas de aconselhamento*: contextualizando o gênero**

Bakhtin (1992) propôs o conceito de gênero baseado na função e no tipo de atividade discursiva que os textos desempenham na sociedade. Dessa forma, cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente *estáveis* de enunciados, conforme já expusemos no item 3.2.

Relembremos as concepções sobre gênero de Bakhtin que confere a esse termo um sentido amplo, de um ponto de vista comunicacional. Para Bakhtin, os gêneros dependem da “natureza comunicacional” da troca verbal, o que lhe permite distinguir duas grandes categorias: produções naturais, espontâneas, pertencentes aos “gêneros primários” – gêneros da vida cotidiana, e produções “construídas”, institucionalizadas, pertencentes aos “gêneros secundários” – produções elaboradas, literárias, científicas, etc. - que derivam dos primários. Dada a complexidade da questão do gênero, quaisquer que sejam sua ancoragem e posicionamento, devemos levar em conta que esses diferentes aspectos não se excluem, mas sim se complementam.

Maingueneau (2002, p.61) define os gêneros como dispositivos de comunicação sócio-historicamente constituídos, como por exemplo, *fait divers*, editorial, relatório de



estágio, consulta médica, etc. Seguindo a distinção de tipo e gênero discursivos, Maingueneau, classifica o gênero *cartas dos leitores* como pertencente ao tipo de discurso midiático (Maingueneau, 1997), discurso ao qual pertence nosso corpus. O autor ainda observa que os gêneros podem se sobrepor, ou seja, “eles se encaixam, frequentemente, uns aos outros” (Maingueneau, 1997, p.35). O autor (1997) cita o estudo de Marianne Ebel e Pierre Fiala ao fazerem uma análise da correspondência dos leitores publicada no diário genovês *La Suisse*. Estes dois autores insistem sobre a presença de dois gêneros em níveis distintos: as cartas dos leitores que derivam do gênero epistolar (cartas comuns, cartas abertas) e a correspondência dos leitores como pertencente a um dos gêneros jornalísticos. Seguindo essa orientação, poderíamos considerar que as *cartas-pergunta* das leitoras, por exemplo, publicadas na seção das *cartas de aconselhamento*, se caracterizam de certa forma como gênero *epistolar* - cartas comuns, por um lado e, por outro lado, sob a rubrica “correspondência das leitoras”, um dos gêneros jornalísticos elaborado a partir das cartas. O conselho editorial pode publicar a carta ou não, assim como submetê-la a modificações que, evidentemente, se adequarão aos temas propostos pelo conselho. Com efeito, a leitora/remetente, ao escrever uma carta para a revista, considera tais condições ao escrevê-la, pois não só ela reage a um discurso previamente organizado pela revista, como também não possui nenhuma influência sobre a redação da revista que lhe certifique a publicação de sua carta.

Considerando essa perspectiva de Maingueneau, parece-nos que as *cartas de aconselhamento* se caracterizam na esfera dos gêneros secundários (acepção bakhtiniana), se levarmos em conta que as *cartas-pergunta* das leitoras à revista são passíveis de alterações e modificações feitas pelo conselho editorial para fins de publicação. Não poderíamos classificar, dessa mesma forma, as *cartas-resposta* publicadas pela revista, uma vez que tais cartas são encaminhadas aos especialistas, consultores e editores para que sejam respondidas<sup>37</sup>. Assim podemos concluir que as *cartas-resposta* parecem não passar pela pauta do conselho editorial com o propósito de seleção de temas como as *cartas-pergunta*, mas podem ser submetidas a edições e a alterações de outra natureza.

Somando-se a isso, nessas cartas há a presença de marcas lingüísticas que parecem simular um diálogo, uma interação face a face, própria dos gêneros primários (cartas das

---

<sup>37</sup> Informação obtida da editora Abril através de mensagem eletrônica em 01/07/2004.

décadas de 70,80,90 e início da primeira década do século XXI). A seguir especificaremos mais essa questão.

Procedemos a algumas observações acerca das características comuns às *cartas de aconselhamento* para uma primeira aproximação do nosso objeto de análise.

Podemos constatar que as *cartas de aconselhamento* da revista CLAUDIA, tendo sido produzidas ao longo de quatro décadas, são protagonizadas pelos mesmos atores sociais<sup>38</sup>: a voz das leitoras que escrevem para a revista pedindo conselhos e a voz da revista, legitimada pelo lugar/papel social que ocupa, inscrevendo-se no discurso das cartas como aquela autorizada a “falar” a essas leitoras.

Tal situação de comunicação coloca em cena papéis sociais que historicamente têm travado uma luta para que oportunidades de exercer seus direitos civis lhes fossem dadas, ou seja, para que suas “vozes” fossem ouvidas. Tal luta ganhou força na imprensa feminina que visava a “formar um movimento de opinião a favor das idéias de libertação” (Pinto, 2003, p.30). Contudo, no caso específico destas cartas, a circunstância não é a de um enfrentamento das mulheres pelos seus direitos de igualdade, como preconizava o movimento feminista dos anos 60, e sim a de uma instância que é mantida por diferentes posicionamentos: *da mulher que pede ajuda e da mulher que lhe oferece essa ajuda*. Entendemos que a mulher que escreve para a revista assim como a revista que “fala” à leitora busca, de certa forma, um “espaço” para discutir seu papel no âmbito da vida privada, algo que até então se restringia apenas aos cuidados do lar. Priori comenta que para as revistas da época, as mulheres não tinham “o direito de questionar e a divisão tradicional de papéis e exigir a participação do homem nos serviços do lar – comprometiam, com essa atitude, o *equilíbrio conjugal*”. (Bassanezi, 2004, p.626)

Nos textos com os quais trabalhamos, podemos identificar alguns traços de oralidade que, normalmente não ocorrem em outros gêneros escritos (Daher, 2000), como, por exemplo, o uso recorrente do vocativo e de perguntas retóricas.

A seguir, faremos algumas observações a características comuns e a outras variáveis presentes na organização das cartas, ressaltando que o nosso propósito não é fazer um levantamento exaustivo e detalhado das características do gênero discursivo do nosso

---

<sup>38</sup> Fala-se de atores da comunicação para designar os interlocutores, externos ao ato da linguagem, que estão implicados na troca comunicativa. (Charadeau&Maingueneau,2004,p.76)

cópus, mas tão somente explicitar aspectos pertinentes à função comunicacional deste gênero.

Nossas considerações se iniciam pelas escolhas realizadas pela revista para captar a atenção da leitora, ao iniciar a *carta-resposta*, e para interromper a interação, marcando o término da carta. Neste estudo, não optamos por trabalhar como se dá efetivamente a interação entre os atores sociais, tampouco sua condição de produção<sup>39</sup>. Acreditamos, pois, que as características das *cartas de aconselhamento*, na verdade, simulam, de alguma forma, uma interação face a face.

Em consonância com outros tipos de cartas informais, cartas entre amigos, entre familiares, por exemplo – na classificação dos gêneros primários de Bakhtin - as *cartas de aconselhamento* das quatro últimas décadas apresentam características semelhantes. Destacamos, especificamente, as características das cartas das décadas de 70 e 80, e pontuamos as características que nos foram mais relevantes nas duas últimas décadas. A análise das cartas foi feita em duas partes: na primeira parte, caracterizamos as *cartas-pergunta*; na segunda, as *cartas-resposta*. Para cada carta<sup>40</sup>, procuramos, ainda, dividi-la em três partes: a abertura, o corpo e o encerramento. Passemos para a análise das cartas da década de 70 conforme sua caracterização abaixo:

#### ***4.1.1 Cartas da década de 70***

##### ***Cartas-pergunta***

Na abertura, o enunciador<sup>41</sup> “remetente” inicia a carta de maneiras relativamente semelhantes. O enunciador:

- identifica-se fazendo menção de idade, estado civil, ou o papel social que ocupa - “Sou casada, tenho 48 anos e três filhos”(carta 5);

---

39 Condições de produção é um termo também empregado como uma variante de contexto. Mas é cada vez menos utilizado, pois ele minimiza a dimensão interacional do discurso e o caráter construído enquanto dado da situação de comunicação (Maingueneau,2002).

40 Para localização das cartas na íntegra, ver anexo III.

41 Consideramos aqui o termo enunciador aquele que na interlocução ocupa o lugar do produtor físico do enunciado. (Charaudeau&Maingueneau, 2004, p.199)

- expõe seu problema de forma direta ou contextualiza-o - “Sou feia, gorda, tenho cravos[...]acho que todas as moças são mais interessantes do que eu.”(carta 8);
- faz um relato a respeito do problema “Minha infância e adolescência foram muito duras” (carta 9).

No corpo da carta, o “remetente” ora relata sua história, ora descreve seu problema como se observa neste fragmento: “Mais tarde, nós brigamos e para ele não me deixar...”(carta 6).

No encerramento é feito um pedido de ajuda, seja através de perguntas, seja por pedidos de sugestão ou conselho para resolução do problema como, por exemplo, nestes recortes: “O que devo fazer?” (carta 6), “O que você me aconselha?” (carta 8), “Como devo agir?” (carta 12).

Todas as cartas são assinadas pelos enunciadores empíricos (autores) através de seus verdadeiros nomes ou codinomes (designações que identificam os referentes aos problemas) e locais de onde as cartas são originárias - “Desesperada, Vitória da Conquista,BA.” (carta 5), “Ana B., Jundiaí,SP” (carta 8).

### **Cartas-resposta**

Na abertura, as cartas iniciam-se por recursos que variam:

- uso de vocativo “Cara” (carta 4), “Querida” (carta 3), “Querida leitora” (carta 9), seguidas ou não pelo nome/codnome da leitora;
- uso do imperativo “faça” (carta 3), “procure” (carta 4);
- marca de segunda pessoa “Você” (carta 11);
- abordagem direta do assunto específico do “remetente” (carta do leitor), emitindo opinião, aconselhando ou de forma geral informando e explicando acerca do tema, quando não seguida das marcas dos três itens anteriores como verificamos nos seguintes fragmentos: “O objetivo básico das lições de casa é estabelecer uma ligação entre a escola e o lar.” (carta 12), “Pode parecer dureza e insensibilidade minha...” (carta 1).

No corpo das cartas, o enunciador informa, explica, sugere, opina, aconselha: “ Sugiro que você fixe um prazo razoável...” (carta 1), “Procure distinguir a realidade da fantasia... (carta 9)”.

No encerramento registramos expressões de saudação final como, por exemplo: “Um abraço” (carta 5), “Boa sorte” (carta 9), “Felicidades” (carta 8).

Cabe observar que algumas cartas são assinadas pelos enunciadores empíricos, sem menção ao papel social que ocupam (profissão, especialidade, etc): “Carmen da Silva” (carta 9).

#### ***4.1.2 Cartas da década de 80***

##### **Cartas-pergunta**

Na abertura, são utilizados recursos que se diferenciam do das cartas da década de 70. Em grande parte das cartas a revista se coloca como “porta-voz” da leitora relatando o problema ou dúvida como: “Ana Maria não tem paciência nenhuma. Sempre que sua filha...” (carta 2), “Sueli passeava pelo shopping-center com o filho...” (carta 3).

As cartas são encerradas com uma pergunta que, provavelmente, a leitora teria feito para a resolução do problema ou esclarecimento de dúvida: “Será que a Clarinha consegue entender alguma coisa?” (carta 2). Uma outra observação foi feita: nas cartas não constam assinaturas das prováveis “remetentes” (cartas 1,2,3 e 4)<sup>42</sup>, já que há referência de seus nomes no corpo das cartas. Já as cartas onde há a inscrição do enunciador (cartas 5,6 e 7) – através da marca de pessoa *eu-* são assinadas com indicação do lugar de origem “Margarida D. Ribeirão Preto (SP)” (carta 7).

Encontramos estes traços de distinção apenas nas *cartas-pergunta* (cartas 1,2,3 e 4) da década de 80, uma provável explicação para tais diferenças se pautaria na própria organização da edição da revista desta década que parece destacar as dúvidas e os problemas relativos a filhos chamando a atenção dos leitores em geral para o assunto. Daí,

---

<sup>42</sup> A numeração se refere às cartas que constam do anexo III.

neste caso específico, a revista se posiciona como o “porta-voz” autorizado pelos “remetentes” das *cartas-pergunta* a falar sobre seus problemas.

### *Cartas-resposta*

Notamos algumas diferenças em relação às cartas da década de 70 como, por exemplo, a ausência do uso do vocativo (Cara, Querida, etc). Igualmente à década de 70, é feita uma abordagem direta do assunto específico do “remetente” opinando, informando, sugerindo, aconselhando, etc – “A gente não escolhe emoções” (carta 6). Ou de forma generalizada, explicando e dando informações sobre o assunto “No passado, a prática de outras formas de sexo diferente da convencional era condenada” (carta 5).

No encerramento, há um apagamento das expressões de saudações como: “Abraço”, “Boa Sorte”, etc. Verificamos também que todas as cartas são assinadas por especialistas e consultores com menções das respectivas profissões por bloco temático – beleza, saúde, direito, etc.

#### ***4.1.3 Cartas da década de 90 e início da primeira década de 00***

As mesmas constatações acima mencionadas se estendem às cartas das décadas subseqüentes, década de 90 e início da primeira década do século XXI. Com a exceção das *cartas-pergunta* que, diferentemente das cartas da década de 80, trazem a marca de pessoa *eu* como, por exemplo: “Tenho 28 anos e dois filhos.” (carta 1, década de 90), “Levei um susto quando toquei no assunto filhos com o meu marido...” (carta 3, década de 00).

Resta-nos fazer mais algumas observações a respeito da caracterização das cartas. As cartas da edição de 97, assim como as da década subseqüente, estão distribuídas ao longo da revista de acordo com os assuntos abordados nas seções, e não numa mesma seção. Este fato parece ser justificado pela reformulação gráfica que a revista CLAUDIA sofreu naquela época. As *cartas-resposta* da edição de 2003 não trazem assinaturas dos responsáveis pelas sugestões.

Quanto à diferença de extensão de conteúdo entre os dois tipos de cartas, notamos que a *carta-pergunta* é bem menos extensa que a *carta-resposta*. Atribuímos duas possíveis explicações para tal desproporção. A primeira nos foi fornecida pela própria revista em mensagem eletrônica, quando perguntamos a respeito dos critérios para a seleção e apresentação das cartas na seção *Claudia responde*, das edições mensais para fins de publicação. Obtivemos como resposta a tal pergunta, através destas mensagens eletrônicas, a informação de que as cartas são selecionadas de acordo com o assunto de interesse da pauta do conselho editorial. E, a partir daí, uma edição simplificada da carta é publicada incluindo o que se considera ser a questão central de cada uma delas. Uma outra hipótese, de caráter mais subjetivo, parece se centrar no próprio propósito da revista em fornecer mais informações sobre o assunto, e assim, proporcionar “sugestões” para os problemas das leitoras, e sobretudo ratificar nas *cartas-resposta* a predominância da “voz” da revista, pois o que é “dito” é apresentado como consensual e aceitável pelos leitores.

Relembrando que, para Bakhtin, uma *atitude responsiva ativa* não precisa se manifestar na forma de uma resposta direta ou de uma réplica de um interlocutor físico, ela pode permanecer *muda* por um certo tempo, podendo ser retomada em qualquer situação de comunicação. No caso das *cartas-resposta* trata-se, do que Bakhtin denomina uma “compreensão *responsiva de ação retardada*: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (1992, p.291). Isto ocorre principalmente com os gêneros secundários que, para o autor, não têm uma relação imediata com os enunciados alheios. Isso não quer dizer que esses enunciados não provoquem uma compreensão responsiva. Observamos, portanto, que nas *cartas de aconselhamento* parece ocorrer a simulação de uma comunicação verbal convencional em que se simula uma conversa “face a face” dos interlocutores, como em um diálogo real. Com efeito, os interlocutores (leitora-remetente e revista), nos limites do enunciado, ora formulam perguntas, respondendo-as ora opõem objeções que eles mesmos refutam, etc. se constituindo como os parceiros do diálogo.

Para Bakhtin (1992, p.294), o locutor num diálogo

termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado[...] é uma unidade

real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro...

Afinal, que posições os interlocutores estabeleceriam nas *cartas de aconselhamento*? Haveria distinção entre os interlocutores das *cartas-pergunta* e *cartas-resposta*? Traçar uma fronteira delimitando um interlocutor e outro seria bastante complexo, já que a leitora-remetente da *carta-pergunta* pode ou não coincidir com a própria leitora da revista. Do mesmo modo, o interlocutor (revista) da *carta-resposta* pode ou não estar se dirigindo ou respondendo diretamente à leitora-remetente, mas sim a todos seus leitores com o objetivo de passar informações a respeito do assunto contido na carta como se fosse de interesse geral de seus leitores. Nos termos de Bakhtin

A compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (seja qual for a forma de sua realização). O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc.(1992, p.291)

Como objetivo prático de análise chamaremos L1 e L2, como proposto por Ducrot, os responsáveis pelo *dito* nos enunciados de caráter polêmico.

Para procedermos à nossa análise, no próximo item trataremos da negação polêmica como uma forma de apreender uma dada *compreensão responsiva ativa* a um enunciado.

#### **4.2 A negação polêmica: vozes que ecoam no dizer *não***

Entendendo que a subjetividade é constituída numa relação com o *outro*, pretendemos, de alguma forma, delimitar um modo de subjetivação buscando identificar vozes que o configuram, vozes oriundas de diferentes posições enunciativas. Neste trabalho, objetivamos identificar perfis de enunciadores presentes no discurso sobre o



feminino no nosso *cópus* de análise, de modo que esses perfis de enunciadores podem configurar a inscrição de vozes no enunciado. De acordo com o quadro teórico que fundamenta esta análise, uma identificação de enunciadores possibilitaria corroborar como a heterogeneidade se manifesta numa dada prática discursiva e, evidentemente, verificar os efeitos de sentido produzidos.

Conforme expusemos no capítulo de metodologia, a marca lingüística que indicava ser produtiva para o nosso propósito foi a marca de negação *não*, recurso que viabiliza a inscrição de vozes polêmicas sustentadas por um enunciador. Tal enunciador se oporia ao locutor, na concepção de Ducrot. Cabe lembrar que o locutor é aquele a quem é imputada a responsabilidade do que é dito presente nas *cartas de aconselhamento* sem uma identificação precisa, funcionando, assim, como forma estratégica de resposta a pontos de vista opostos ou destoantes dos seus.

Para cada ocorrência do *não* tentamos inferir um ponto de vista subjacente correspondente, o que caracterizaria a presença da negação polêmica -ou não- e a possibilidade de verificar uma *atitude responsiva* dos enunciados, segundo a acepção de Bakhtin (1992). Para isso, a fim de distinguir entre casos de negação polêmica e de negação descritiva, recorreremos aos seguintes procedimentos:

- empregar a expressão “ao contrário”, proposta por Ducrot, na seqüência do enunciado, a fim de identificar a presença de um outro enunciador. A título de exemplo, podemos verificar o encadeamento com a expressão *ao contrário* conforme explicitado no capítulo 3.

... o sexo não é uma arma; ao contrário, ele é ‘inofensivo’ .

O enunciado introduzido pela expressão *ao contrário* não se opõe ao que é dito anteriormente (o sexo não é uma arma), mas a uma afirmativa que estaria implícita, segundo a qual o sexo seria uma arma;

- manter a redação da afirmativa subjacente próxima ao enunciado negativo original, reformulando-a em uma oração principal ou subordinada substantiva, conforme explicitado no capítulo 3;

- verificar se, dentro do contexto das cartas, os pontos de vista subjacentes, seriam, de fato, sustentadas por algum enunciador.

Tendo em vista a natureza do *cópus* sobre o qual trabalhamos – *cartas de aconselhamento* em revistas femininas – assumiremos como polêmicos os enunciados negativos inseridos no contexto das cartas (*cartas-pergunta* e *cartas-resposta*). Queremos salientar que, para fins de análise, não faremos distinção entre enunciados negativos das *cartas-pergunta* e *cartas-resposta*, pois é no contexto dessas práticas discursivas que objetivamos identificar perfis de enunciadores que podem ser depreendidos nos enunciados negativos de caráter polêmico.

Assim, para cada ocorrência do *não*, procuramos depreender um ponto de vista afirmativo subjacente, o que traduziria a presença da negação polêmica e a possibilidade de investigar diferentes vozes que perpassam o discurso do/sobre o feminino. Classificamos o enunciado negativo como descritivo quando não nos parecia plausível identificar um enunciador que sustentasse um ponto de vista, procedimento que coube à pesquisadora decidir dentro do universo com que vem trabalhando no âmbito dessa pesquisa.

A análise dos enunciados negativos de caráter polêmico e a apreensão dos enunciadores depreendidos destes enunciados serão comentados na próxima seção.

#### **4.2.1 A polêmica do feminino**

O propósito da pesquisa, como já dissemos, de acordo com a perspectiva teórica que assumimos no capítulo 4, é identificar imagens de *mulher* que circulam nas *cartas de aconselhamento*. Para alcançar tal propósito, parece-nos necessário evidenciar o lugar sócio-histórico de quem toma e recebe a palavra e como esses discursos são assumidos por diversos enunciadores cujos pontos de vista são depreendidos das afirmativas subjacentes aos enunciados negativos. Referir-se ao lugar sócio-histórico pode nos direcionar a uma posição de enunciador, a algo que não se confunda com o ser empírico, ou seja, o sujeito falante.

Relembrando que Ducrot (1987) faz uma distinção entre sujeito falante, locutor e enunciador, chamaremos de locutor (L) aquele que assume o enunciado negativo e institui controvérsia com diferentes categorias de enunciadores, ou seja, os que assumem o ponto de vista afirmativo subjacente ao enunciado negativo. Cabe ressaltar que quase todos os

locutores que se apropriam dos enunciados negativos podem, de certa forma, coincidir com os autores empíricos das *cartas de aconselhamento* (leitora/rementente, especialistas, consultores, etc.), mas para o quadro teórico em que nos fundamentamos, não nos interessa investigar a marca de autoria das cartas.

O locutor estabelece uma relação de identidade-alteridade discursiva, ou seja, sua identidade se configura pelos “outros” dos quais pode se aproximar ou se distanciar. No âmbito dessa pesquisa, a marca lingüística de negação *não* pode nos revelar o ponto onde o “outro” emerge no discurso. Interessa-nos, mais especificamente, aquilo do que o locutor quer se distanciar em relação aos enunciadores colocados em cena pelas afirmativas subjacentes. O que os enunciadores *afirmam* é o que o locutor *nega*. Os pontos de vista sustentados nas afirmativas são, portanto, exatamente aquilo de que a prática de linguagem instaurada nas *cartas de aconselhamento* quer se distanciar.

No decorrer da análise faremos os desdobramentos dos enunciadores que surgirão através dos pontos de vista subjacentes aos enunciados negativos. Para facilitar a localização dos enunciados negativos, estes serão transcritos em itálico, destacados em negrito<sup>43</sup> e numerados - número das cartas, posição na carta e seguidos pela década correspondente, por exemplo, (2.1/70) carta 2, primeiro enunciado negativo, década de 70 - de forma a permitir a consulta aos quadros do anexo I e às cartas do anexo III.

Dividiremos nossa análise em quatro partes:

- a polêmica do feminino na década de 70;
- a polêmica do feminino na década de 80;
- a polêmica do feminino na década de 90;
- a polêmica do feminino na metade da primeira década de 00.

Faremos ainda um subdivisão dessas partes a partir da posição social ocupada pela mulher— esposa, mãe, filha, namorada, amiga.

#### ***4.2.1.1 A polêmica do feminino na década de 70***

##### ***- a mulher enquanto esposa***

---

<sup>43</sup> Os enunciados negativos serão indicados em negrito para que se destaquem de fragmentos maiores quando da contextualização da carta.

Observemos o enunciado:

(2.1/70) **L1** ...*já não se respeita mais os valores como antigamente.*

{**PS**<sup>44</sup> ...ainda se respeitam os valores como antigamente.}

O enunciador resgata um ideal do que seja um *valor* digno de respeito. Mas que valores são estes? O enunciado por si só não nos permite denominar tais valores, é necessário recorrermos a um recorte maior da carta. Vejamos:

*“O mundo de hoje realmente me assusta: já não se respeita mais os valores como antigamente. As pessoas desquitam com a maior facilidade.”*

O enunciador traz a imagem de uma mulher que valoriza a visão tradicionalista da indissolução do casamento, e ao mesmo tempo, parece criticar aqueles que não respeitam tais valores. O mesmo locutor coloca em cena um enunciador que compartilha da mesma preocupação com a manutenção do núcleo familiar no seguinte enunciado: (2.2/70) **L1** *As pessoas[...]não se preocupam em desmanchar lares.* {**PS** - Desmanchar lares é preocupante.}

Consideremos o seguinte enunciado:

(5.2/70) **L2** *Trate de ajudá-lo [parceiro] a sair da crise: com paciência (não resignação e submissão), com intuição e com afeto.*

{**PS** - Para ajudar o parceiro a sair de uma crise [conjugal], há quem o faça com resignação e submissão }

Nesse caso, também foi preciso contextualizar o enunciado na carta para buscar um melhor entendimento acerca do tema casamento e, assim, decidir se o enunciado era polêmico ou não.

Aqui, o enunciador colocado em cena é aquele que, para manter a ordem familiar, deve ser “compreensivo” ou, melhor dizendo, deve se submeter às suas “crises” conjugais com paciência. O ponto de vista sustentado por esse enunciador pode ser traduzido por aquele

---

<sup>44</sup> PS- ponto de vista subjacente ao enunciado negativo.

que compreende a paciência como resignação e submissão. Logo, é um enunciador resignado, submisso aos desejos do parceiro. A voz da revista (L2), neste caso, retoma o que a leitora-remetente(L1) diz na *carta-pergunta* para desqualificá-la. “*Por isso, mesmo depois do casamento, existiram outras mulheres na vida dele, mas eu fingia que ignorava. Este método sempre deu certo, pois entre nós sempre existiu muita compreensão...*”

No enunciado subjacente podemos verificar um outro enunciador trazido pela revista:

(5.3/70) ... **L2** ...*é possível que as coisas não passem de uma tempestade num copo de água.* {PS - As coisas são mais do que uma tempestade num copo d'água.}

O enunciador colocado em cena é alguém que não deve considerar que as “escapadas” do parceiro sejam um problema que não cause grandes danos ao relacionamento. Este enunciador considera que no relacionamento há coisas que devem ser levadas a sério, que não são bobagens. Portanto, é um enunciador que começa a questionar sua condição de resignação e submissão ao parceiro conjugal, que sente a necessidade de entender que há limites para certos comportamentos e atitudes numa relação a dois.

Passemos para o seguinte enunciado:

(9.3/70) **L1** ...*vivo dizendo que não o amo...*  
{PS - ...vivo dizendo que o amo.}

O enunciador que sustenta tal ponto de vista é alguém que é devoto ao parceiro, que sente a necessidade de “demonstrar” seu amor a ele para satisfazê-lo (parceiro). Tal enunciador sustenta o ponto de vista segundo o qual o “ideal” de esposa é aquela que se dedica ao marido, lembrando-lhe que o ama.

Já na continuação da mesma carta, encontramos:

(9.4/70) **L1** ... *não consigo compreender por que ajo assim.*  
{PS - [É preciso] conseguir compreender por que ajo assim.}

Considerar este enunciado polêmico não foi uma tarefa muito fácil, pois algo nos chamava a atenção para não considerá-lo como descritivo. Pensávamos: que enunciador poderia sustentar tal ponto de vista? Que enunciador vê a necessidade de compreender suas próprias ações? O enunciado por si não nos dava nenhuma pista plausível de quem poderia estar sustentando tal ponto de vista. Dessa forma, mais uma vez recorremos ao contexto da carta para tentar classificá-lo. Temos o seguinte fragmento:

*“Meu namorado, que hoje é meu marido, teve um comportamento maravilhoso. Sempre foi um homem bom e compreensivo[...]tenho sentido raiva dele. Tenho até vontade de traí-lo, embora saiba que o amo. Apesar de querê-lo perto de mim, vivo dizendo que **não o amo**, ofendendo-o. Mas sei que o amo e que estou errada.”*

O enunciador que sustenta o ponto de vista afirmativo pode ser de alguém que deseja conhecer seu interior, compreender-se melhor, identificando-se a um certo ideal de “sujeito psicanalisado”. A partir daí, temos uma imagem de mulher que começa a querer se conhecer, buscando respostas mais “concretas” para suas angústias e sofrimentos.

Dando seqüência à análise, observamos no enunciado abaixo, um enunciador de difícil caracterização, mas que nos leva a refletir sobre o teor “psicanalítico” que L2 quer instaurar ao negar o ponto de vista do enunciador. Assim, temos:

**(9.8/70) L2 ... não deixar que a imagem do pai se sobreponha à figura concreta do seu marido.**

{PS - [Há quem deixe] que a imagem do pai se sobreponha à figura concreta do seu marido.}

Este enunciador é alguém que, de certa forma, se encontra na fronteira entre o real e a fantasia deixando que a imagem do pai se sobreponha a do marido. Em outras palavras, alguém que é incapaz de se “libertar” das amarras de seu passado, não consegue desvincular a imagem negativa incorporada do pai da imagem positiva do marido.

**- a mulher enquanto namorada**

Vejamos o seguinte enunciado:

(3.2/70) **L2 ...[você] não ter pensado nos motivos dos pequenos desentendimentos...**

{PS - Você pensa nos motivos dos pequenos desentendimentos.}

Encontramos nessa afirmativa uma ambigüidade na caracterização de um enunciador que poderia ser identificado como alguém submisso ou questionador, fato que nos levaria a recorrer novamente a um recorte maior da carta. Voltemos, então, ao fragmento anterior na *carta-resposta*:

*“Explicando melhor: quando duas pessoas namoram, sempre sai uma briguinha aqui, outra ali. Você já parou para pensar nos motivos dessas briguinhas, ou será que você é daquelas que sempre têm razão? Tanto num caso (o de não ter pensado nos motivos dos pequenos desentendimentos) como no outro (o de você não saber escutar e dar razão aos outros) você estará fazendo papel de surda-muda.”*

O enunciador que sustentaria o ponto de vista afirmativo subjacente acima é aquele que, apesar das brigas e desentendimentos, é capaz de ponderar e ceder em prol da manutenção do relacionamento. Dessa maneira poderíamos caracterizar esse enunciador como alguém que seja passivo ou submisso ao namorado. Por outro lado, poderíamos pensar que no momento de brigas e desentendimentos o enunciador tem a capacidade de tomar ciência das razões que o levaram a se desentender com o namorado. Tal enunciador assumiria um ponto de vista de alguém que estaria mais ciente de um papel mais questionador num relacionamento a dois.

Passemos ao seguinte enunciado:

(6.1/70) **L1 ...para ele não me deixar...**

{PS - É possível que ele me deixe.}

O enunciador que sustenta tal ponto de vista é alguém que se amedronta diante do fato de vir a ser abandonado pelo parceiro/namorado. Este enunciador se posiciona como alguém que se sente inseguro ao pensar que o namorado possa deixá-lo. Porém, o locutor da *carta-resposta* (L2) irá retomar o que L1 diz “...*para ele não me deixar eu dei liberdade total...*” no seguinte enunciado:

(6.4/70) **L2 ...O sexo não é uma arma.**

{PS - O sexo é uma arma.}

O enunciador colocado em cena por L2 é alguém que usa o sexo como uma arma ou uma “estratégia” de sedução para alcançar o seu propósito.

Da mesma forma podemos observar no enunciado negativo abaixo um enunciador que coincide com o locutor da *carta-pergunta*.

(6.3/70) **L2 Ora, eu não tenho nenhum meio de influenciar a vontade dos outros.**

{PS - Eu tenho algum meio de influenciar a vontade dos outros.}

O enunciador que se instaura é um “estrategista” que acredita na capacidade de manipular a vontade alheia. A partir dessa constatação poderemos pensar que os enunciados negativos (6.3/70) e (6.4/70) caracterizariam um enunciador que parece impor o que quer, custe o que custar, seja pela sedução, seja pela manipulação.

No enunciado (11.1/70) **L2 ...Não tenho nada contra a diferença de idade...** {PS - Tenho[algo] contra a diferença de idade}, o locutor coloca em cena um enunciador que assume um ponto de vista preconceituoso ao considerar a diferença de idade um tabu, algo que seja “transgressor” às normas. Já no enunciado seguinte (11.2/70) **L2 Não queira precipitar nada.** {PS - Há quem precipite as coisas}; o enunciador que sustenta a afirmativa é alguém que sabe da existência de pessoas que tomam atitudes impensadas e imaturas no que se refere ao namoro com alguém mais velho. Esta parece ser uma visão tradicionalista do que seria um namoro “ideal”, em que não haveria uma diferença significativa de idade entre namorados. E quem quer que “transgrida” essa regra estaria se submetendo a certos conceitos valorizados na sociedade.



Já no enunciado (6.5/70) **L2** ...  *você situa sua defesa num pormenor físico e não na sua própria vontade*. {PS - [Seria desejável situar] sua defesa na sua própria vontade}; registramos a presença de um enunciador que preza a própria vontade, anunciando uma imagem de mulher mais autônoma e independente em relação ao parceiro.

**- a mulher enquanto mãe**

Analisemos o seguinte enunciado:

(13.3/70) **L2** ...  *Para os pais poderem dar essa liberdade aos seus filhos e não sentirem que estão “perdendo o pé”...*

{PS - Há pais que, ao darem liberdade aos seus filhos, sentem que estão “perdendo o pé”.}

O enunciador que sustenta a afirmativa é alguém que, ao dar liberdade aos filhos, deixá-los dormir fora de casa, por exemplo, teme que possa vir a perder o ‘controle’ sobre eles. O enunciador que se inscreve no enunciado é aquele que sabe da existência de pessoas que ainda não cortaram o “cordão umbilical” que as une aos filhos. Vemos, portanto, um enunciador que se sente inseguro por sentir que não pode controlar os filhos e que, em certa medida, pode se submeter a certas situações, como, por exemplo, verificamos no contexto da carta-pergunta:  *“agora constantemente[filha] recebe convites para passar os fins de semana em casa de colegas[...] Por princípio nunca deixei que as crianças fossem à casa de colegas cujos pais, eu e meu marido não conhecemos”*

**- a mulher enquanto filha**

Neste segmento encontramos no enunciado (1.1/70) **L1** ...  *minha atitude não seria justa para com meus pais*. {PS - ...minha atitude [de tentar a vida em outra cidade] seria justa para com meus pais}, um enunciador que não acha que deixar os pais, afastando-se deles para morar em outra cidade, seja um problema. Esta interpretação nos conduziu a um paradoxo em relação ao critério de justiça, consideraríamos o fato de sair de casa uma atitude justa para o enunciador? ou para os pais do enunciador? Na verdade, entendemos

que o ponto de vista sustentado por esse enunciador de ter o direito de sair de casa, ter uma autonomia sobre sua vida seria uma atitude aceitável em relação aos pais. Um recorte contextualizando esta perspectiva pode prestar subsídios para este pressuposto “*Tenho muita vontade de tentar a vida em outra cidade, mas sofro por antecipação de um sentimento de culpa. Encontro-me numa encruzilhada: ou me acomodo, ou parto para outra, enquanto é tempo*”.

No enunciado que se segue, o locutor da *carta-resposta* (L2) resgata o ponto de vista sustentado pelo enunciador acima: (1.3/70) **L2 *Afinal, uma pessoa nas suas condições não pode viver sem perspectivas.*** {PS - Viver [nas suas condições] é viver sem perspectivas.}. Aqui, o enunciador reafirma que o locutor da *carta-pergunta* (L1) deva ter uma vida fora da família e que dedicar-se à ela não é a sua única “condição” de vivê-la[vida]. Em contrapartida, registramos no seguinte enunciado uma voz em oposição à anterior trazida por L2:

(4.5/70) **L2 ... *não é lógico permanecer ligada à família eternamente.***

{PS - É lógico permanecer ligada à família eternamente.}

Eis um enunciador que está vinculado à lógica da instituição tradicional da família. O enunciador enquanto *filha* considera que permanecer ligada à família seria a atitude mais lógica e prudente a tomar.

**- a mulher enquanto amiga**

Observemos o enunciado:

(7.4/70) **L1.. *não acho esse rapaz “tão bacana”, como minha amiga diz...***

{PS - mas acho esse rapaz “bem bacana”}

Novamente, poderíamos classificar o enunciado citado acima como polêmico? Pensávamos que não, pois não saberíamos quem poderia estar sustentando tal ponto de vista. No entanto, só foi possível encontrar uma resposta dentro do universo da carta, ou seja, no

contexto em que o enunciado se insere. Assim, temos: *"Minha amiga começou a namorar um rapaz casado e apresentou-o à família como se ele fosse solteiro. Não suporto isso [...]. Não discordo do namoro, mas não acho esse rapaz "tão bacana", como minha amiga diz...*

O enunciador trazido por L1 parece coincidir com a voz (da amiga) que não vê nenhum problema em se (L1) namorar alguém que seja casado. Alguém que não dá tanta importância ao casamento como uma instituição de bases sólidas.

É interessante observar que no enunciado (7.7/70) **L2 ...esqueça essa história porque você não tem nada a ver com isso.** {PS - Você tem algo a ver com isso [o namoro da amiga]}, entra em cena um enunciador que pensa que deve se envolver no relacionamento da amiga e que deve pensar que o problema também seria seu. É alguém que deve interferir e se posicionar no relacionamento como se dele também fizesse parte. Este ponto de vista parece ser reforçado no enunciado seguinte: (7.9/70) **L2 ...não telefone para ninguém, nem diga nada.** {PS - ...telefone para[x] e diga[algo/tudo]}. O enunciador assume um tom de amiga "autoritária" na medida em que dita as regras do jogo, convocando "a leitora da revista" a assumir a responsabilidade do problema da amiga como se fosse o seu.

### **- a mulher e a produção de uma auto-imagem**

Achamos relevante trazer para a análise a imagem que a mulher tem de si própria no que se refere ao corpo, à sua aparência física e à relação que se estabelece com seu *outro*.

Analisemos o enunciado (10.1/70) **L1 eu não acho que ela[amiga] seja mais bonita do que eu.** {PS - Eu acho que ela[amiga] é mais bonita do que eu}. O enunciador colocado em cena é alguém que se desqualifica, se desvaloriza como pessoa por causa de sua aparência física, de tal modo que julga que a causa do fracasso de seus relacionamentos seja seu modo físico e comportamental de ser, fato que pode ser registrado no enunciados seguintes: (10.2/70) **L1...Não sei se o problema existe por causa da minha feiúra ou do meu "papo furado".** {PS - [Possíveis causas do problema são] minha feiúra ou meu "papo furado"} e (10.3/70) **L2 Vou dar um conselho a você: aprenda, desde já, a não ficar se comparando com outras pessoas.** {PS - [Há quem fique] se comparando com outras

pessoas}. Poderíamos, classificar esse enunciador como alguém que se sente “preso” a um ideal de aparência física e comportamental, alguém que não tem confiança em si próprio, em sua capacidade de realizar seus desejos e passa, então, a se comparar aos outros.

Observemos, ainda o seguinte caso:(8.1/70) **L2 ...Ficar reclamando não adianta.** {PS - Ficar reclamando adianta.}. O enunciado tomado isoladamente não nos permite depreender um ponto de vista que estaria sustentando tal afirmativa. Porém, devemos recorrer ao contexto da carta para identificar a voz trazida por L2: “*Tudo tem jeito, Ana. Ficar reclamando não adianta; só torna você mais amarga ainda. Pessoas agradáveis e inteligentes também ajudam a enriquecer a vida da gente*”. Vemos um enunciador frustrado diante de uma característica física (feiúra) ou da incapacidade de relacionar-se com outros rapazes e tira proveito do seu “lamento” para tentar reverter essa situação.

Por fim, veremos que o enunciado a seguir coloca em cena outro enunciador com uma atitude mais impositiva em relação a sua condição “desprestigiada”. Vejamos:

(10.4/70) **L2 ...O que acontece com [x] não tem que acontecer com [y] também.**

**PS -** O que acontece com [x] tem que acontecer com [y] também.

Há quem pense que tudo o que acontece com uma pessoa deva acontecer com outra, sem abrir espaços para questionamentos, diferenças, etc.

#### **4.2.1.2 A polêmica do feminino na década de 80**

##### **- a mulher enquanto esposa**

Analisemos o seguinte enunciado:

(5.1/80) **L1 ...eu não consigo aceitar a idéia [de praticar sexo oral].** {PS – Eu aceito a idéia [de praticar sexo oral]}

Encontramos neste enunciado um impasse de caráter interpretativo. Que polêmica poderia ser levantada pelo ponto de vista subjacente ao enunciado negativo? A existência de alguém que não vê nenhum problema em praticar sexo oral para satisfazer-se? Ou de alguém que aceita a idéia da prática do sexo a fim de satisfazer a vontade do parceiro?

Para fins de melhor clareza, recorremos a um recorte maior da carta: “*Meu marido insiste para praticarmos sexo oral, mas eu não consigo aceitar a idéia*”. Temos neste recorte duas orações interligadas pelo conector argumentativo “mas”. Assim, seguindo as instruções fornecidas por Ducrot <sup>45</sup>, podemos tentar levantar hipóteses para explicar as proposições implícitas em R ( *Meu marido insiste para praticarmos sexo oral, portanto eu pratico*) e não-R. Para tentar solucionar a conclusão implícita em não-R, já que o próprio Ducrot (1987) não trata a relação do conector argumentativo *mas* com o advérbio *não* de caráter polêmico, mantendo o enunciado negativo original teríamos: *mas eu não consigo aceitar a idéia, logo eu aceito para satisfazê-lo e me sentir melhor* (não-R1), ou teríamos: *mas eu consigo aceitar a idéia, logo eu aceito a prática do sexo sem nenhum constrangimento* (não-R2) caso depreendêssemos a afirmativa subjacente ao enunciado negativo. Sendo não-R1 e não-R2 mais fortes que R, e não-R2 (a proposição implícita referente à afirmativa subjacente ao enunciado negativo), teríamos assim, o ponto de vista de um enunciador que não se constrange em praticar sexo oral.

Vejamos o seguinte enunciado:

(5.3/80) **L2** *Do ponto de vista físico não existem restrições...*

{PS - Do ponto de vista físico existem restrições.}

O enunciador que sustenta a afirmativa é alguém que sabe da existência de restrições físicas à prática do sexo oral. Este enunciador se assimila com o locutor da *carta-pergunta*, ou seja, da esposa que tem uma visão conservadora do sexo. Já neste enunciado negativo, (5.6/80) **L2** *...não há uma razão única para explicá-la [a atração que o sexo oral exerce sobre grande parte dos homens].* {PS - Há razões para explicar a atração que o sexo oral exerce sobre grande parte dos homens.}, o enunciador que se responsabiliza pela afirmativa subjacente é alguém que sabe das razões por que o sexo oral atrai os homens. No entanto, este ponto de vista parece coincidir com o ponto de vista do próprio homem, *marido* da leitora.

---

<sup>45</sup> Maingueneau refere-se a Ducrot para mostrar que “ empregar *mas* significa, de certa forma, dizer ao destinatário alguma coisa como: Na seqüência de proposições P MAS Q ( em que P e Q representam duas proposições quaisquer), procure uma conclusão R tal que P seja um argumento para R; procure também, uma conclusão não-R tal que Q seja um argumento em favor de não-R, apresentado como mais forte que a conclusão R.” (2002,p.28)

O mesmo ponto de vista pode ser ratificado no enunciado (5.5/80) **L2 ...[algumas pessoas] não se sentem à vontade, nem se excitam nessas condições.** {PS - Algumas pessoas se sentem à vontade e se excitam nessas condições.}. L2 revela um outro enunciador que assume um ponto de vista segundo o qual algumas pessoas, *esposas*, se sentem à vontade em praticar sexo oral e se excitam com isso.

**-a mulher enquanto namorada/amante**

Observemos o seguinte enunciado:

(6.4/80) **L2 Mas agora ele declarou que não vai se separar.**

{PS - Ele declarou que vai se separar.}

O enunciador colocado em cena é alguém que anseia para que a separação do amante se realize. Tal enunciador estaria assimilado ao desejo da leitora (L1) que nutre a esperança de se casar com ele, fato que pode ser recuperado no enunciado negativo seguinte: (6.5/80) **L2 ...esse relacionamento não tem futuro.** {PS - Esse relacionamento tem futuro.}. Igualmente, o enunciador colocado em cena é alguém que acredita que um relacionamento (entre amantes) possa ter futuro, um futuro “diferente” do que seria se ambos estivessem livres para se relacionar. É importante notar que o enunciador dos enunciados acima pode ser qualificado como submisso, na medida em que, para o amante/parceiro, este tipo de situação(vida dupla) funciona perfeitamente pois utiliza seus “truques” para manipular a amante/mulher a se submeter ao seu “jogo”. A voz da revista continua reforçando que o papel de mulher/amante é de alguém que se deixa enganar, se submetendo às falsas promessas, conforme registramos neste enunciado: (6.9/80) **L2 ... não se engane.** {PS - Você está se enganando.}.

O próximo enunciado registra a presença de um enunciador sustentando um ponto de vista segundo o qual um homem que tem um relacionamento extraconjugal deve ser responsabilizado pela infelicidade de sua amante. Assim, temos:(6.6/80) **L2 ... não pode culpá-lo...** {PS - [Você] pode (deve) culpá-lo.} Este enunciador é assimilado à voz da leitora (L1), que apesar de sua insatisfação no relacionamento, de se sentir vitimizada e impotente

diante de tal situação, ainda o mantém. Para registrarmos a presença desse enunciador, é preciso que ampliemos o recorte para fins de clareza. Temos, então: “... *não pode culpá-lo, apesar de tudo, você continua com ele.*”

### **- a mulher enquanto mãe**

Nos enunciados a seguir podemos detectar a presença de perfis de enunciadores cujos pontos de vista referentes a comportamento, a relacionamento com filhos são bastante divergentes. O primeiro enunciador colocado em cena sabe da existência de pessoas (mães) que se submetem à vontade dos filhos para evitar constrangimentos como, por exemplo, em:(3.2/80) **L2** *...se a mãe não lhe fizer todas as vontades...*{PS - É desejável que a mãe faça todas as vontades [da criança]}; podemos dizer que este enunciador coincide com o ponto de vista dos filhos. Neste enunciado, especificamente, registramos a presença de uma dupla negação: (3.5/80) **L2** *E, uma vez dito o não, nunca volte atrás.* Ao depreendermos a afirmativa subjacente ao enunciado negativo, percebemos que o primeiro *não* não caracterizaria uma negação pois remeteria apenas a uma menção da palavra dita *Uma vez dito [algo]...*, já no enunciado subsequente a palavra *nunca* caracterizaria uma negação polêmica . Logo, a construção da afirmativa subjacente seria: {PS - Uma vez dito [não], se necessário volte atrás}; aqui o enunciador se assimilaria à voz da leitora (L1) que sempre volta atrás no que diz, submetendo-se à vontade dos filhos. Consideramos que tais pontos de vista remeteriam à falta de informação sobre aspectos que envolvem o comportamento infantil.

Vemos no enunciado abaixo um outro exemplo disso:

(1.2/80) **L2** *...não existe criança impossível* {PS – Existe criança impossível.}.

O enunciador sustentaria um ponto de vista segundo o qual sabe da existência de crianças que são “bagunceiras”, ou seja, não são comportadas e, por isso desconhece as razões pelas quais as crianças agem desse modo.

Visto o caráter de submissão e desinformação dos enunciadores acima mencionados, L2 coloca em cena um outro perfil de enunciador. Um enunciador que faz

uso da agressão física como forma de repreensão a fim de impor limites aos filhos como em: (1.3/80) **L2** *...não adianta bater...* {PS – Adianta bater}; e (2.2/80) **L1** *Não bato com força* {PS - Bato com força.}.

#### ***- a mulher e a produção de uma auto-imagem***

Podemos observar nos enunciados subseqüentes perfis de enunciadorees que, em certa medida, buscam uma compreensão maior acerca de si e, conseqüentemente, acerca da sua relação com o outro – marido, namorado, filho etc.

Nesse próximo caso, uma contextualização do enunciado negativo nos serve de suporte para um entendimento melhor da questão abordada. Temos, portanto:

(7.2/80) **L2** *“É relativamente comum ocorrer brincadeiras desse tipo entre as crianças — são os famosos jogos infantis, motivados pela curiosidade, principalmente em relação ao sexo oposto. De modo geral, são até saudáveis se **não ultrapassarem os limites da curiosidade.**”*

O ponto de vista subjacente ao enunciado negativo seria {PS - [Os jogos infantis] podem ultrapassar os limites da curiosidade.}. Desse modo, há um enunciador que sabe da existência de pessoas que consideram que certos tipos de brincadeiras infantis ultrapassam os limites da curiosidade podendo causar complexos e traumas futuros, desconhecendo, assim, os reais motivos que podem acarretar certos tipos de comportamento e inclusive o seu. Tendo em vista esta preocupação, o locutor(L2) coloca em cena um enunciador que tenta buscar respostas e explicações para compreender-se melhor. Tal perfil pode ser recuperado em:(7.3/80) **L2** *Tente não achar explicações para este ódio e nojo que você sente.* {PS – Há quem tente achar explicações para este ódio. }.

#### ***4.2.1.3 A polêmica do feminino na década de 90***

##### ***- a mulher enquanto esposa***



Iniciemos esta seção analisando o seguinte enunciado:

(1.1/90) **L1** *...não consigo corresponder aos seus sentimentos.*

{**PS** – Deve-se corresponder aos seus sentimentos [do marido]}.

O enunciador que sustenta tal afirmativa é alguém acha que se deve corresponder aos sentimentos e desejos do marido. Tal enunciador coincide com a expectativa do marido de querer ser “sempre” correspondido.

Passemos a outros enunciados que registram, semelhantemente, a presença dos mesmos enunciadores sobre a mesma problemática:

(3.1/90) **L1** *Não sei dizer se é por falta de iniciativa ou de estímulo...*

{**PS** - [Penso que] é por falta de iniciativa ou de estímulo [que só temos relações uma vez por mês]}.

Eis um enunciador que sustenta um ponto de vista segundo o qual a falta de iniciativa nas relações sexuais seria um problema para o relacionamento do casal e, por isso, sente-se obrigada a satisfazer os desejos do parceiro. E ainda sente-se insegura quanto a seus próprios sentimentos e desejos como, por exemplo, em: (3.4/90) **L1** *Sei que não sou fria...*{**PS** - [Acho que] sou fria.}.

Nos próximos enunciados observamos a emergência de um ponto de vista mais impositivo e autoritário, uma voz de cobrança quanto ao papel que a esposa deve desempenhar numa relação sexual. Então, temos:

(3.5/90) **L2** *Não é necessário estar excitada...*{**PS** - É necessário que [a pessoa] esteja excitada.}.

Há quem considere necessário estar “excitado” para que haja carícias. Eis um enunciador que acredita que o sucesso de um relacionamento dependeria de um “ideal” de vida sexual.

E, ainda:

(3.8/90) **L2** *Mas no amor 'ou tudo ou nada' não contribui.* **PS-** 'Ou tudo ou nada' contribui no amor.

Há um enunciador que sabe da existência de pessoas que são extremas no que diz respeito ao sexo, ou seja, não há um “meio-termo”, ou se tem uma vida sexual ativa intensa ou é o fim do relacionamento sem perspectivas de um entendimento entre o casal.

Já o ponto de vista da negação a seguir parece contrapor o enunciador anterior :

(1.2/90) **L2** *...você não tem conseguido satisfazer[seus desejos].*

{**PS** - Você tem conseguido satisfazer seus desejos.}.

Aqui verificamos um enunciador que sabe da existência de pessoas que são capazes de satisfazer suas fantasias sexuais e realizar seus próprios desejos. É um enunciador que toma uma postura mais autônoma diante da sua sexualidade. Tal qual se considerarmos o enunciado (8.4/90) **L2** *...se você não perguntar a ele.* {**PS** - [É preciso] perguntar a ele [marido]}, notamos um enunciador desempenhando um papel mais ativo e questionador, que considera necessário dialogar com o parceiro a respeito do relacionamento do casal, que quer buscar soluções e entendimento para os problemas sexuais.

Transcrevemos outros exemplos desse embate de vozes que se instaura nos enunciados polêmicos quanto ao papel da mulher enquanto esposa.

(4.2/90) **L2** *"Não adianta adiar por mais tempo uma situação insustentável"*

{**PS**- Adianta adiar por mais tempo uma situação insustentável.}.

O enunciador colocado em cena sabe que existem pessoas que sustentam uma situação “penosa” em relação ao sexo para manter o casamento. Sob uma ótica tradicionalista e conservadora, envolver-se numa relação extraconjugal seria inaceitável, ou seja, sexo só dentro do casamento, como se constata em: (4.3/90) **L2** *Essa última alternativa [refazer sua vida sexual fora de casa] não pode ser descartada...*{**PS**- Essa última alternativa [refazer sua vida sexual fora de casa] pode(deve) ser descartada.}. O locutor (L2), ao dizer

(4.4/90) **L2 ... para que não gere no futuro arrependimento e sensação de culpa.** {PS - [Tal alternativa] pode gerar no futuro arrependimento e sensação de culpa }, faz enunciar alguém que possa vir a se sentir culpado e a se arrepender pelo fato de ter uma vida sexual fora do casamento.

A sexualidade feminina parece estar vinculada também a fatores de ordem biológica, psicológica e emocional. O seguinte enunciado denuncia tal característica:

(5.3/90) **L2 Muitos homens não conseguem associar sexo e maternidade ...**

{PS - Muitos homens conseguem associar sexo e maternidade.}.

O enunciador é alguém que não vê nenhum empecilho de a esposa estar grávida e entende que isso não prejudica a maneira pela qual ele se relaciona sexualmente com ela. Esta negação coloca em cena o ponto de vista do homem e, paralelamente, da mulher que têm consciência a respeito da relação sexo-gravidez.

#### **- a mulher e a produção de uma auto-imagem**

Ao tomarmos o enunciado (7.2/90) **L2 ...você não se considera suficientemente boa para sentir prazer.** {PS - Você se considera suficientemente boa para sentir prazer}, veremos que L2 faz enunciar uma voz mais consciente e independente que acredita na existência de pessoas que se consideram ‘aptas’ para ter prazer numa relação sexual sem que haja interferência de problemas emocionais, psicológicos, orgânicos, etc. Esta caracterização pode ter uma significação mais clara dentro do próprio contexto da carta:

*“No seu caso, a ausência de desejo talvez tenha como origem uma educação repressiva e parece estar relacionada à falta de auto-estima: **você não se considera suficientemente boa para sentir prazer.**”*

Todavia, o locutor ao dizer (7.4/90) **L2 Não carregue o peso sozinha.** {PS - Carregue o peso sozinha} denuncia alguém que sabe da existência de pessoas que não compartilham os problemas do casal com o parceiro e, por isso, se obrigam a “engolir sapos”.

O enunciado (6.2/90) **L1 *Também não me realizo numa relação sexual completa.*** {PS - Me realizo numa relação sexual completa} revela um enunciador que consegue se realizar numa relação sexual. Entretanto o locutor (L2), na negação abaixo, coloca em cena um outro enunciador, alguém que nutre a expectativa de se realizar numa relação sexual: (6.3/90) **L2 *por que não deseja contatos mais íntimos.*** {PS - [É possível] desejar contatos mais íntimos.}. Tal negação nos coloca um problema: como definir um enunciador que deseja se realizar? Haveria um certo mandamento imperativo de que a mulher precisa realizar-se? Um recorte mais contextualizado poderia nos fornecer mais subsídios para a caracterização desse enunciador? Analisemos o recorte:

“Com a ajuda do especialista, também compreenderá por que ***não deseja contatos mais íntimos*** e por que o sexo representa uma ameaça.” O locutor da *carta-resposta* (L2) parece apontar um enunciador que deve buscar no seu interior respostas a fim de que ele compreenda seus anseios e aflições. Ao enunciar “com a ajuda do especialista[...]*compreenderá*”, L2 coloca em cena um enunciador psicanalisado, que deseja compreender-se.

#### **4.2.1.4 A polêmica do feminino na primeira metade da década de 00**

##### **- a mulher enquanto esposa**

Tomemos o seguinte enunciado para ser analisado:

(1.1/00) **L1... *Não sei se acredito nele...*** {PS – Eu acredito nele [meu marido]}

A princípio, suspeitamos que esta negação não seria polêmica, mas descritiva. Perguntávamos então: se houvesse alguém que sustentasse o ponto de vista da afirmativa subjacente, em que este enunciador acreditaria? Tal impasse nos levou, novamente, a lançar mão da ampliação do recorte. Assim, teríamos “***Não sei se acredito nele, pois conheço pessoas que dão esse tipo de desculpa [dor de cabeça] para evitar a relação.***” Percebemos, portanto, que seria plausível colocar em cena um enunciador que sustentasse

um ponto de vista segundo o qual alguém acredita na possibilidade de o marido evitar a relação [sexual] devido a problemas de saúde. Poderíamos ainda questionar se esse enunciador seria a esposa que tem confiança em si, que conhece as razões pelas quais o marido evitaria uma relação sexual, enfim, é alguém que se sente segura e confiante num relacionamento.

No próximo caso, o teor da carta se pauta na relação casamento-maternidade que faz emergir um enunciador que impõe sua própria vontade sem abrir espaço para acordos e diálogos com o parceiro. Temos, então: (3.2/00) **L2 ... não impor a opinião de cada um.** {PS - Há quem imponha a sua opinião.}. Se neste caso, observamos alguém que faz prevalecer sua opinião, no enunciado a seguir o mesmo não ocorre. Encontramos alguém que, diante do fato de uma traição, poderia pensar em perdão e, ainda assim, se envergonhar disso. A título de exemplificação temos:(10.3/00) **L2 ...perdoar uma traição[...] não é vergonha para ninguém...** {PS - Perdoar uma traição é uma vergonha.}. O enunciador se coloca diante de um dilema: separar-se ou perdoar uma traição. De qualquer modo é alguém que, seja qual for a decisão que tome, a tomaria em função de opiniões “alheias”.

#### **- a mulher enquanto namorada/amante**

Nos enunciados a seguir, L2 registra a presença de enunciadores com pontos de vista que se contrapõem como, por exemplo:

(2.3/00) **L2 ...não precisa temer uma conversa franca com seu namorado.**

{PS - [É preciso] temer uma conversa franca com seu namorado.}.

O enunciador colocado em cena é alguém que teme ter uma conversa aberta e franca com o namorado. Apesar de surgir um novo papel social desempenhado pela mulher (amante virtual), parece prevalecer uma visão conservadora de um relacionamento a dois em que a prática de sexo virtual é um ato de traição, como em:

(7.4/00) **L2 Para alguns casais, [sexo virtual] não é [traição].**

{PS - Para alguns casais [sexo virtual] é traição.}.

Um novo tipo de relacionamento sexual entre parceiros, exemplificado no enunciado (7.7/00) **L2 *Mas o sexo virtual não deve substituir as relações reais.*** {PS - O sexo virtual deve (pode) substituir as relações reais}, faz revelar um enunciador que não vê nenhum problema em recorrer a sexo virtual como substituto de uma relação real. Ou até mesmo idealizar um possível parceiro como, por exemplo:

(8.2/00) **L1 *...ele [príncipe encantado] não existe.***

{PS - [príncipe encantado] existe.}.

O enunciador que sustenta tal ponto de vista é aquele que acredita na possibilidade de encontrar o parceiro ideal, é alguém que nutre uma expectativa fantasiosa sobre a relação entre homens e mulheres.

Passemos a outros exemplos que inscrevem enunciadores numa relação namorado-mãe-namorada. No enunciado (9.2/000) **L2 *Não há nada de errado em um filho cuidar da mãe - e da namorada!*** {PS - Há [algo] de errado em um filho que cuide da mãe e da namorada}, a afirmativa subjacente à negação aponta para um enunciador que vê com ressalvas o fato de um filho dispensar sua atenção à mãe e à namorada ao mesmo tempo. É um enunciador que tem uma postura de dominação sobre o namorado – além da mãe. Detectamos em outro enunciador uma postura adversa, ou seja, uma postura de passividade de alguém que se deixa “levar” pela vontade do parceiro, como em: (9.6/00) **L2 *Não se deixe contagiar pela paralisia dele...*** {PS - [É possível] que você se deixe contagiar pela paralisia dele.}.

No entanto, eis que surge um enunciador – a voz do homem - que quer compreender melhor suas próprias necessidades e tomar consciência do dilema em que está envolvido. Assim, temos: (9.4/00) **L2 *Se ele não aprender a olhar para as próprias necessidades...*** {PS - [É necessário] aprender a olhar para as próprias necessidades.}.

### **- a mulher enquanto mãe**

No enunciado seguinte, o enunciador colocado em cena através da afirmativa subjacente é alguém (mãe) que sabe da existência de pessoas que devem ignorar sua própria maneira de ser para poder conviver em harmonia com seus familiares:

(6.2/00) **L2 ... ela [mãe] não pode deixar os pontos fracos de lado para conviver com você[filha].** {PS - Ela [a mãe] pode (deve) deixar os pontos fracos de lado para conviver com você.}.

Constatamos no enunciado acima um certo grau de submissão a que a mulher, no seu papel de mãe, deve se sujeitar, privilegiando o subterfúgio ao invés da reivindicação ou do enfrentamento, com a finalidade de satisfazer sua família.

#### **4.2.2 Os enunciadores polêmicos**

Dada essa primeira etapa de análise, foi possível efetuar um mapeamento dos perfis de enunciadores que poderiam ser recuperadas após a apreensão de cada afirmativa com finalidade de compreender quais sentidos se engendram a respeito das imagens de *mulher* no fio discursivo das cartas. Dessa forma, chegamos a uma conclusão preliminar de que tais vozes poderiam ser agrupadas em cinco perfis de enunciadores que relacionamos a seguir com seus respectivos enunciados.

O Quadro 1 apresenta as afirmativas subjacentes associadas ao enunciador *autônomo*, com a respectiva numeração dos enunciados negativos de onde derivam para facilitar a consulta aos quadros do Anexo I e as cartas do Anexo III. Os Quadros 2 a 5 seguem a mesma organização deste.

O enunciador *Autônomo* é aquele que tem tentado se libertar da sujeição imposta pela sociedade predominantemente masculina, adotando uma postura de questionamento e mudança da própria vida. É um enunciador que busca ser independente e livre para fazer o que quiser de acordo com sua vontade sem se resignar à vontade alheia. É alguém que sabe discernir entre o que é tabu e o que é aceitável, permitido, e sobretudo demonstra ter acesso

ao conhecimento (científico) acerca dos problemas que possam prejudicar sua vida pessoal, conjugal, etc.

**Quadro 2: Enunciador Autônomo**

<i>Identificação dos enunciados negativos</i>	Pontos de vista afirmativos associados ao enunciador <i>Autônomo</i>
1.1/70	...minha atitude [de tentar a vida em outra cidade] seria justa para com meus pais
3.2/70	Você pensa nos motivos dos pequenos desentendimentos.
5.3/70	As coisas são mais do que uma tempestade num copo d'água.
6.5/70	[Seria desejável situar] sua defesa na sua própria vontade.
7.4/70	mas acho esse rapaz “bem bacana”...
5.1/80	Aceito a idéia [de praticar sexo oral].
5.5/80	Algumas pessoas se sentem à vontade e se excitam nessas condições.
1.2/90	Você tem conseguido satisfazer seus desejos
5.3/90	Muitos homens conseguem associar sexo e maternidade
6.2/90	Me realizo numa relação sexual completa.
7.2/90	Você se considera suficientemente boa para sentir prazer.
8.4/90	[É preciso] perguntar a ele [marido]
1.1/00	[ É preciso] acreditar nele [meu marido]
7.7/00	O sexo virtual deve substituir as relações reais

O enunciador *Tradicionalista* é aquele que mantém valores da instituição familiar, que se submete a qualquer coisa em prol da manutenção do núcleo familiar. É um enunciador que defende idéias, valores e costumes “cristalizados”, que se coloca contrário e às vezes de forma preconceituosa a qualquer alteração ou mudança da sua condição, dedicando-se, dessa forma, à preservação da família. É alguém que desconhece



informações a respeito das questões relacionadas às relações sexuais, e que, por esse motivo, impõe restrições a práticas não tão “convencionais”. Tal enunciador é definido como alguém que possui pouco conhecimento (científico/psicológico) sobre seus problemas de relacionamento, o que é evidenciado pela revista.

**Quadro 3: Enunciador Tradicionalista**

<i>Identificação dos enunciados negativos</i>	Pontos de vista afirmativos associados ao enunciador <i>Tradicionalista</i>
2.1/70	...ainda se respeitam os valores como antigamente.
2.2/70	Desmanchar lares é preocupante.
4.5/70	É lógico permanecer ligada à família.
9.3/70	...vivo dizendo que o amo.
11.1/70	Tenho[algo] contra a diferença de idade.
1.2/80	Existe criança impossível.
5.3/80	Do ponto de vista físico existem restrições.
5.6/80	Há várias razões para explicar a atração que o sexo oral exerce sobre grande parte dos homens.
7.2/80	[Os jogos infantis] podem ultrapassar os limites da curiosidade.
4.3/90	Essa última alternativa [refazer sua vida sexual fora de casa] pode(deve) ser descartada
4.4/90	[Tal alternativa] pode gerar no futuro arrependimento e sensação de culpa.
7.4/00	Para alguns casais [sexo virtual] é traição.
8.2/00	[príncipe encantado] existe.

O enunciador *Impositivo* é alguém que se mostra inflexível em suas opiniões, suas decisões, que se coloca com intransigência em relação aos outros. É aquele que impede algo de acontecer pelo castigo, punição, até mesmo física, como forma de repressão. É um enunciador que impõe sua vontade sem considerar a opinião do outro. É alguém que quer exercer o domínio sobre o outro para seu próprio benefício. É alguém que usa o sexo, por exemplo, como forma de manipulação, alguém que é capaz de influenciar a vontade dos

outros, visando à consecução de seus objetivos de uma maneira explícita. Este enunciador é sincero, defensor, conselheiro, faz colocações críticas sem um “tom” de rigidez. É um enunciador que se inscreve dando um “ar” de intimidade e de aproximação com uma possível leitora impondo seu ponto de vista de forma mais atenuada.

**Quadro 4: Enunciador Impositivo**

<i>Identificação dos enunciados negativos</i>	Pontos de vista afirmativos associados ao enunciador <i>Impositivo</i>
6.3/70	Eu tenho algum meio de influenciar a vontade dos outros.
6.4/70	O sexo é uma arma.
7.7/70	Você tem algo a ver com isso [o namoro da amiga].
7.9/70	...telefone para[x] e diga[algo/tudo].
10.470	O que acontece com [x] tem que acontecer com [y] também.
1.3/80	Adianta bater.
2.2/80	Bato com força.
3.8/90	‘Ou tudo ou nada’ contribui no amor.
3.2/00	[Há quem) imponha a sua opinião.
9.2/00	Há [algo] de errado em um filho cuidar da mãe e da namorada.

O enunciador *Subjugado* é um enunciador que se submete à vontade de outrem para evitar constrangimentos, que desculpa as falhas ou erros dos outros. É alguém que se sujeita a situações adversas sem tomar qualquer atitude, deixando que as coisas se resolvam independente da sua vontade. É um enunciador que não tem confiança em si próprio, incapaz de tomar decisões quando se sente confuso ou insatisfeito com relação ao parceiro, ao casamento, etc. É alguém que se sente desvalorizado e que se vê impossibilitado de enfrentar seus problemas, recorrendo a outros para pedir conselhos e buscar soluções. O enunciador é alguém que parece não ter controle de sua própria vida e, por essa razão, se amedronta diante de condições adversas. É alguém que, apesar de se encontrar numa situação desprivilegiada, ainda acredita que tudo possa se resolver com a convicção de que seu relacionamento com um homem casado, por exemplo, possa se concretizar.

**Quadro 5: Enunciador Subjugado**

<i>Identificação dos enunciados negativos</i>	Pontos de vista afirmativos associados ao enunciador <i>Subjugado</i>
1.3/70	Viver [nas suas condições] é viver sem perspectivas.
5.2/70	Para ajudar o parceiro a sair de uma crise [conjugal], há quem o faça com resignação e submissão.
6.1/70	É possível que ele me deixe.
8.1/70	Ficar reclamando adianta.
10.1/70	Eu acho que ela é mais bonita do que eu.
10.2/70	[Possíveis causas do problema são] minha feiúra ou meu “papo furado”
10.3/70	[Há quem fique] se comparando com outras pessoas.
11.2/70	Há quem precipita as coisas.
13.3/70	Há pais que, ao darem liberdade aos seus filhos, sentem que estão “perdendo o pé”.
3.2/80	É desejável que a mãe faça todas as vontades [da criança]
3.5/80	Uma vez dito [algo], volte atrás.
6.4/80	Ele declarou que vai se separar.
6.5/80	Esse relacionamento tem futuro.
6.6/80	[Você] pode(deve) culpá-lo.
6.9/80	Você está se enganando
1.1/90	[É preciso] conseguir corresponder aos seus sentimentos. [do marido]
3.1/90	[Penso que] é por falta de iniciativa ou de estímulo.
3.4/90	[Acho que] sou fria.
3.5/90	É necessário que [a pessoa] esteja excitada.
4.2/90	Adianta adiar por mais tempo uma situação insustentável.
7.4/90	Carregue o peso sozinha.
2.2/00	[É preciso] temer uma conversa franca com seu namorado.
6.2/00	Ela [a mãe] pode(deve) deixar os pontos fracos de lado para conviver com você.
9.6/00	[É possível] que você se deixe contagiar pela paralisia dele.
10.3/00	Perdoar uma traição é uma vergonha.

O enunciador *Psicanalisado* é um enunciador que deseja compreender-se melhor, que procura buscar em seu interior, ou com ajuda de outros, explicações para atitudes, necessidades, angústias as quais não consegue entender.

**Quadro 6: Enunciador Psicanalisado**

<i>Identificação dos enunciados negativos</i>	Pontos de vista afirmativos associados ao enunciador <i>Psicanalisado</i>
9.4/70	[É preciso] conseguir compreender por que ajo assim.
9.8/70	[Há quem deixe] a imagem do pai se sobrepor à figura concreta do seu marido.
7.3/80	Tente achar explicações para este ódio.
6.3/90	[É possível] desejar contatos mais íntimos.
9.4/00	[É necessário] aprender a olhar para as próprias necessidades.

A definição desses perfis de enunciadores foi feita baseada num dado juízo que o locutor poderia revelar sobre os enunciadores ao negar seus pontos de vista, de maneira que negar um ponto de vista significaria atribuir um certo “valor” a esse ponto de vista. Retomamos aqui a concepção do fenômeno da negação polêmica de Ducrot, a qual compartilhamos na presente análise, chamando a atenção para o fato de que quem nega desqualifica. Dessa maneira, o autônomo, o tradicionalista, o impositivo, o subjugado e o psicanalisado são pontos de vista rejeitados.

Outro aspecto importante acerca da definição de perfis de enunciadores diz respeito ao caráter organizacional dos enunciados negativos. Privilegiamos, na medida do possível, uma economia na caracterização dos perfis, de modo que procuramos reunir o máximo de enunciados negativos num único perfil. Tal medida nos proporcionou viabilizar os *modus operandi* desta análise, sabendo, contudo, que o contexto das *cartas de aconselhamento* apresentava um papel importante na categorização dos perfis mais recorrentes no universo da *mulher* que, aliás, justificaria as nossas escolhas. Entretanto, se atribuímos um dado

“valor” e, conseqüentemente uma caracterização a um enunciador, poderíamos correr um risco de inseri-lo num perfil e não em outro como abordamos no enunciado (5.1/80) ...*eu não consigo aceitar a idéia [de praticar sexo oral]*.

No quadro a seguir, relacionamos os perfis de enunciadores, totalizando o número de vezes que eles aparecem em cada uma das décadas. Desse modo, temos:

**Quadro 7: Incidência de perfis por décadas**

Perfis de enunciadores	Décadas				TOTAL
	70	80	90	00	
<b>Autônomo</b>	5	2	5	2	14
<b>Tradicionalista</b>	5	4	2	2	13
<b>Impositivo</b>	5	2	1	2	10
<b>Subjugado</b>	9	6	6	4	25
<b>Psicanalisado</b>	2	1	1	1	5
<b>TOTAL (enunciados negativos)</b>	26	15	15	11	67

Como podemos observar no esquema acima figuram os perfis de enunciadores depreendidos das afirmativas a eles subjacentes, sendo totalizados de acordo com os enunciados negativos de caráter polêmico. Notamos que o número de enunciados negativos na década de 70 é superior as das demais décadas, ao contrário dos enunciados negativos da primeira metade da primeira década do século XXI, que aparecem em número menor. Tal particularidade, a nosso ver, implicaria supor que, na década de 70, a revista CLAUDIA trazia para discussão uma maior multiplicidade de vozes, ao passo que nas décadas subseqüentes a revista passou a restringir este espaço. Poderíamos, então, pensar que a revista tem excluído a voz da mulher que procura ajuda, criando um certo distanciamento com esse interlocutor? Fazemos uma hipótese de que a revista pode estar limitando a recorrência das cartas por não “achar” que seja mais necessário que a leitora-remetente pergunte sobre questões relativas a relacionamento *interpessoal*. Cria-se, portanto, uma imagem de mulher que tem adquirido um certo grau de autonomia para tratar e resolver problemas de ordem privada.

Numa primeira análise desses dados, no que se refere aos perfis levantados, verificamos que o perfil *subjugado* aparece numa posição de destaque ao longo das quatro décadas em relação aos outros perfis. Tal fato nos leva a crer que este perfil parece ser o mais valorizado pela revista, tendo em vista o propósito das *cartas de aconselhamento*. Apesar da frequência acentuada do perfil *subjugado*, constatamos que há um decréscimo no número de enunciados negativos com o passar do tempo. Poderíamos supor, então, que tem havido uma mudança de comportamento da mulher? A mulher tem conquistado uma maior autonomia em relação ao seu papel social?

Ao analisarmos o perfil *autônomo*, percebemos que há uma irregularidade dos enunciados ao longo das décadas, mas na sua totalização verificamos que é o perfil com a segunda maior frequência no quadro geral. Portanto, seria certo afirmar que tem havido uma transição da mulher que se encontrava num estado de sujeição para uma mulher menos subordinada à sua posição social.

O que dizer de um perfil de um enunciador como o *tradicionalista*? Seria pressupor que tal perfil vem a coadunar com uma imagem de mulher subjugada, que está em consonância com um certo padrão de comportamento e valores que regem uma dada sociedade? Tal pressuposição também seria válida para o contrário, já que tem ocorrido uma redução de enunciados negativos concomitante à de enunciados do perfil *subjugado*? Depreender um enunciador que sustentaria um ponto de vista segundo o qual uma mulher subjugada é alguém que está muito próximo de uma visão conservadora e tradicionalista do seu papel na sociedade é dizer que esse enunciador mantém laços fortes e inquestionáveis com tais valores e, por isso, se submete a tal proposição.

A mesma relação de pressuposição analisada entre os enunciadores *tradicionalista* e *subjugado* parece recair sobre os enunciadores *autônomo* e *impositivo*, ou seja, o ponto de vista sustentado pelo enunciador *autônomo* é o de alguém que conduz a vida de forma independente, assumindo uma postura de não-submissão e não-resignação, e fazendo, assim, prevalecer sua vontade própria. O enunciador *impositivo*, por outro lado, é alguém assume uma posição de “enfrentamento”, buscando impor sua vontade e opinião com um “tom” de rigidez que oscila entre o mais brando e o mais severo. Tentaríamos dizer que tais características estabelecem uma aproximação entre os dois perfis. Contudo, não assumiríamos afirmar que ambos os enunciadores poderiam ser agrupados num mesmo

perfil, já que dependeríamos de uma contextualização nas cartas para traçar uma linha divisória entre ambos.

O enunciador *psicanalisado*, por sua vez, aparece com uma representatividade ínfima, mas não menos importante. Embora se constate a presença de um enunciador que deseja compreender-se melhor, perguntaríamos se a própria revista não estaria desvalorizando esse perfil de mulher, se a incidência dessa voz não estaria distante do propósito da revista de proporcionar a resolução dos problemas dos leitores.

#### 4.2.3 Relação perfil/posição social da mulher através das décadas

No decorrer desta análise, faremos outros desdobramentos dos perfis de enunciadores que surgiram nos enunciados negativos em foco, cujas vozes foram apreendidas, como já dissemos, através das afirmativas subjacentes correspondentes, assim como o contexto sócio-histórico a que estão ligadas.

Tendo em vista uma dada caracterização de enunciadores através de cinco perfis mais recorrentes, nos perguntávamos se cada perfil se configuraria no mesmo papel social desempenhado pela mulher. Na tentativa de responder a essa pergunta, fizemos um levantamento da relação entre perfil de enunciador e o lugar social exercido pela mulher em cada década. Observaremos os quadros a seguir e faremos breves considerações a respeito dos resultados mais relevantes a nosso ver.

**Quadro 8: Relação perfil/posição social na década de 70**

Perfis de enunciadores	Posição social da mulher					Total
	esposa	Namorada/ amante	mãe	filha	amiga	
Tradicionalista	3	1	-	1	-	5
Subjugado	1	2	1	1	-	5
Autônomo	1	2	-	1	1	5
Impositivo	-	2	-	-	2	4
Psicanalisado	2	-	-	-	-	2
<b>Total</b>	7	7	1	3	3	21

Verificamos que, na década de 70, o perfil *tradicionalista* é o da mulher que exerce o papel de esposa que, por sua vez, é a mulher que busca compreender-se melhor, registrando suas incidências no perfil *psicanalisado*. No caso da mulher enquanto namorada, caracterizamos um equilíbrio entre os perfis *subjugado*, *autônomo* e *impositivo*, fato que consideramos uma transição de atitudes atrelada aos moldes vigentes da época, mas que se encontra arraigado a posturas “tradicionalistas”. O perfil *impositivo* também surge com incidência semelhante à da namorada na posição de amiga.

Podemos, assim, pensar que a mulher enquanto esposa se configura num perfil mais tradicionalista, enquanto a namorada e amiga caracterizam-se como as mais autônomas e impositivas, se posicionando como alguém que está tentando “quebrar” paradigmas. Passemos para o quadro seguinte:

**Quadro 9: Relação perfil/posição social na década de 80**

Perfis de enunciadore	Posição social da mulher					Total
	esposa	Namorada/ amante	mãe	filha	amiga	
Tradicionalista	2	-	1	-	-	3
Subjugado	-	4	2	-	-	6
Autônomo	2	-	-	-	-	2
Impositivo	-	-	2	-	-	2
Psicanalisado	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	4	4	5	-	-	13

Detectamos um equilíbrio entre os perfis *tradicionalista* e *autônomo* de mulher no papel de esposa. Enquanto a namorada se configura numa imagem mais subjugada que a esposa, o papel de mãe parece traduzir um perfil mais *tradicionalista* e *subjugado*, apresentando um “ar” de imposição. A partir desse quadro, podemos perceber que a mulher se encontra num estado de acomodação e passividade em relação ao seu papel social, dados que parecem destoar das características da década anterior que dizem respeito ao papel de namorada. Olhemos agora para a década de 90:



**Quadro 10: Relação perfil/posição social na década de 90**

Perfis de enunciadores	Posição social da mulher					Total
	esposa	Namorada/ amante	mãe	filha	amiga	
Tradicionalista	2	-	-	-	-	2
Subjugado	5	-	-	-	-	5
Autônomo	4	-	-	-	-	4
Impositivo	1	-	-	-	-	1
Psicanalisado	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	12	-	-	-	-	12

A única posição é o da mulher na função de esposa, sendo os perfis *tradicionalista* e *subjugado* ainda bem marcantes. Ao contrário das décadas anteriores, a mulher enquanto esposa já apresenta um perfil *autônomo* mais significativo.

Por fim, analisaremos o seguinte quadro:

**Quadro 11: Relação perfil/posição social na primeira metade da década de 00**

Perfis de enunciadores	Posição social da mulher					Total
	esposa	Namorada/ amante	mãe	filha	amiga	
Tradicionalista	-	2	-	-	-	2
Subjugado	1	2	1	-	-	4
Autônomo	1	1	-	-	-	2
Impositivo	1	1	-	-	-	2
Psicanalisado	-	1	-	-	-	1
<b>Total</b>	3	7	1	-	-	11

Enquanto a mulher na função de namorada apresenta uma grande incidência nos perfis *tradicionalista* e *subjugado*, notadamente, a mulher no papel de esposa parece não seguir o mesmo padrão.

Nos quadros acima não nos referimos à mulher e a produção de sua auto-imagem, pois implicaria uma caracterização de outra natureza e não uma posição social propriamente dita. De toda maneira, faremos algumas observações a respeito dos dados abaixo:

**Quadro 12: Relação perfil/ produção de uma auto-imagem da mulher através das décadas**

Perfis de enunciadores	a mulher e a produção de uma auto-imagem				Total
	70	80	90	00	
Tradicionalista	-	1	-	-	1
Subjugado	4	-	1	-	5
Autônomo	-	-	1	-	1
Impositivo	1	-	-	-	1
Psicanalisado	-	1	1	-	2
<b>Total</b>	5	2	3	-	10

É interessante notar que, na década de 70, havia uma mulher mais “presa” a certos conceitos e crenças sobre si, sob o olhar do outro, ou seja, arraigada à construção de uma imagem *ideal* da figura feminina. Contudo percebemos que, ao longo dos anos, ela começa a querer tomar consciência para compreender-se melhor, mas se dissipa na última década.

Após estas breves considerações, podemos traçar um panorama bastante interessante no que se refere às posições sociais da mulher e à relação que se estabelece entre os perfis de enunciadores. Primeiramente, podemos supor que os perfis *tradicionalista* e *subjugado* remetem à mulher na sua função de esposa, mãe e namorada. Paradoxalmente, o perfil *autônomo* refere-se com mais frequência à mulher enquanto esposa do que enquanto namorada. Em segundo lugar, notamos uma mãe quase sempre subjugada e tradicionalista, parecendo não exercer autonomia sobre os filhos e, ao mesmo tempo, chega a revestir características de um perfil de mãe autoritária e repressora.

Considerando a mulher quando faz referência a si própria, assinalamos um perfil de alguém mais submisso que aceita passivamente as convenções de certos padrões pré-estabelecidos, mas que encaminha numa busca interior para alcançar um melhor relacionamento com seus pares – família, sociedade de modo geral.

## Considerações finais

Esta pesquisa objetivou investigar a maneira pela qual a imagem de *mulher* tem sido (re)construída nos discursos do campo midiático dentro de um *cópus* que trata de assuntos sobre/para a mulher. Encontramos nas revistas voltadas para o público feminino uma fonte rica desses discursos. Tal interesse suscitou a seguinte pergunta de pesquisa: que imagem(ns) de *mulher* é (são) projetada(s) nas *cartas de aconselhamento* da revista feminina CLAUDIA?

Com o intuito de operacionalizar nossa investigação, consideramos que a revista CLAUDIA seria um campo fértil para os nossos propósitos por sua representatividade e êxito mercadológico, bem como sua abrangência de circulação no território nacional. Nossa escolha, contudo, não estava suficientemente concretizada pois ainda nos faltava algo que justificasse a opção por uma revista e não por outra. Ao efetuar uma investigação mais detalhada a respeito da revista via mensagens de correio eletrônico, o fator histórico foi notadamente o mais significativo. CLAUDIA teve sua primeira publicação no ano de 1961, época em que o movimento feminista, dito de segunda onda, começava a tomar forma no Brasil por influência dos movimentos sociais e feministas da Europa e dos Estados Unidos. Entendemos que os processos de organização do discurso são indissociáveis de processos de organização histórico-social, ponto que evidenciamos ao propor este estudo. Ao analisar uma revista cujo público-alvo é a *mulher*, estamos analisando uma certa comunidade discursiva que vem reforçar uma dada apreensão da realidade social na qual está inserida. Dessa forma, nossa abordagem abrange um entendimento momentâneo sobre o universo feminino, que busca caracterizar uma dada comunidade discursiva sob uma determinada perspectiva. Daí a impossibilidade de buscar um entendimento dentro de qualquer outro contexto, mesmo que dentro da mesma comunidade.

Dessa forma, a revista CLAUDIA parecia inserir-se num contexto fundamental da realidade brasileira onde a presença dos movimentos de mulheres entre as classes médias e populares no Brasil caminhava na mesma *via* com o movimento feminista. “[Os movimentos de mulheres] foram movimentos organizados não para pôr em xeque a condição de opressão da mulher, como no caso do feminismo, mas para, a partir da própria condição de dona-de-casa, esposa e mãe, intervir no mundo público.”(Pinto, 2003, p.43)

Vimos, a partir de então, que CLAUDIA de alguma forma poderia refletir este momento em que a *mulher* de vários setores da sociedade pudesse expressar questões relativas à esfera privada que até então se restringiam à vida pública.

Para atender ao objetivo que traçamos inicialmente para este trabalho, voltamos-nos para a questão da delimitação de um *cópus*, sendo este o primeiro obstáculo que tivemos que transpor. Para tanto, nos deparamos com algumas noções que nortearam o pensamento crítico de Foucault, cujos estudos lançaram um novo olhar em vários campos do conhecimento, estendendo-se para a Análise do discurso, discutindo o conceito de história e discurso. A AD se insere nesse eixo operando entre o real da língua e o real da história, tentando captar os *vestígios* dos “discursos silenciosos”, *vestígios* que se inscrevem no interdiscurso. Rompendo paradigmas, a concepção de *cópus* passa a ser tratada como uma imensa circulação de enunciados que nos possibilita captar um *nó singular dessa rede* de relações entre a história e o discurso.

Pautados nessa nova concepção, começamos a trilhar nossos caminhos rumo à delimitação do nosso *cópus*, não com um olhar sobre uma matéria inerte e homogênea, mas com um olhar sobre as fissuras, as diferenças, as irregularidades desse caminho. Tais noções não poderiam deixar de lado a questão da subjetividade, dito de outro modo, a noção de sujeito do discurso.

Foucault se posiciona criticamente diante da concepção positivista da história tradicional, rejeitando a concepção de história que se desenvolve numa rede de causalidade linear, do tempo contínuo cujo sujeito é o responsável de todo o devir e senhor consciente de sua história (Foucault, 1986). Desse modo, Foucault, apoiado em Nietzsche, apresenta uma nova genealogia da história em favor de uma história que privilegia uma certa descontinuidade dos acontecimentos, ou seja, uma história que se orienta pela pluralidade de causalidades e diferentes temporalidades sociais. O que Foucault argumenta é a possibilidade de entrever na história “as descontinuidades, os deslocamentos, as mudanças sociais, atribuídas não à vontade de um soberano, mas a práticas sociais de homens anônimos que a escrevem” (Gregolin, 2004, p.163), constituindo assim, uma voz silenciosa “impedida” de ser detectada em detrimento de uma “verdade” construída pelo exercício do poder.

Da mesma maneira que Foucault realiza em suas análises a desconstrução da história, ele traz para sua reflexão o descentramento do homem na história, excluindo qualquer idéia de antropocentrismo que apresenta o homem como sujeito de sua história.

Foucault quer favorecer um sujeito que assume posições plurais e com funções descontínuas em detrimento de uma unicidade do sujeito, ou seja, de uma subjetividade fundadora. Foucault entende que uma interpretação das modalidades enunciativas, que demarcam um campo de regularidades, faz emergir um sujeito do discurso como uma dispersão. Nesse sentido, entendemos que o(s) sujeito(s) que entra(m) na ordem do acontecimento discursivo das revistas femininas parte(m) de vários lugares enunciativos (a redatora, a editora, a leitora, o especialista, etc), formulando uma rede gerada pelo cruzamento de diferentes posições enunciativas que colocam em cena a impossibilidade de determinar quem é o sujeito produzido pelas diversas práticas discursivas das revistas.

No entanto, concordamos com Foucault que menciona a possibilidade de encontrar nessa dispersão uma regularidade nos temas – saúde, beleza, relacionamento *interpessoal* etc, que se atualizam nas revistas femininas e nas posições de sujeito que pretendemos depreender do nosso objeto de análise. Diante disso, acreditamos que privilegiar uma identidade una do discurso sobre a mulher da (pós) modernidade tem sido uma tarefa impossível, uma vez que os discursos sobre o feminino são atravessados por outros campos do saber como a história, a sociologia, a antropologia, por exemplo. Logo, a “identidade” do discurso feminino que se constrói não foge à condição da descontinuidade e da dispersão.

A produção de identidade nas revistas femininas que se circunscrevem nas décadas do pós-feminismo remete à noção de memória discursiva cujo princípio se pauta no fato de os discursos serem recobertos pela memória de outros discursos e, dessa forma, estão destinados a suscitar “palavras que os retomam, os transformam ou falam deles” (Foucault, 1986). Partindo de uma pressuposição de que a identidade pode ser construída na prática discursiva das revistas como resultado de uma memória discursiva descontínua e dispersa, a cada momento que ela emerge se produz um novo sentido, nunca o mesmo. É na rede interdiscursiva que as identidades são constituídas na medida que a construção (de identidades) remete a outras palavras e a outros discursos.

É nesse sentido que os discursos das revistas femininas podem ser considerados como acontecimentos discursivos onde novos efeitos de sentido emergem nos seus enunciados dispersos e descontínuos, não somente pelo modo como o já-dito neles retorna, mas na atualização de seus temas (saúde, beleza, relacionamentos, etc). Como dizia Foucault, “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento do seu retorno” (Foucault, 1995).

A partir daí, decidimos delimitar um espaço discursivo, em função do nosso objetivo, em que pudéssemos apreender o *outro* – outras vozes - no discurso, mesmo que este *outro* pudesse parecer o *mesmo* – mesmo tema ou gênero do discurso. Se é certo que um gênero discursivo, com suas regularidades e características singulares, pode se apresentar como o *mesmo*, também é certo afirmar que esse *mesmo* se constitui em pistas para apreender o *outro*, constituindo, desse modo, em uma marca de alteridade que, necessariamente, remete a sentidos diferenciados.

Consideramos, então, que *as cartas de aconselhamento* da revista, além de promover um espaço para que a voz *mulher* (leitora) seja manifestada, colocam-se a serviço de suas leitoras, fornecendo-lhes conselhos, sugestões e informações. Procuramos, portanto, analisar que vozes estariam atravessando esses discursos para chegar à *imagem* de *mulher* que poderia se revelar nas *cartas*. Inicialmente fazíamos a hipótese de que os estereótipos femininos estariam sendo corroborados nos discursos das revistas ao longo das quatro últimas décadas de publicação e, por extensão, nas *cartas de aconselhamento*, a despeito da tendência de apresentar uma “nova imagem” da *mulher*.

Gostaríamos, primeiramente, de trazer para estas considerações breves reflexões acerca do gênero discursivo por nós denominado *cartas de aconselhamento*, como passo metodológico para a apreensão da certas regularidades que foram sendo articuladas na tentativa de uma possível constituição e funcionamento do gênero *cartas de aconselhamento*. Nosso intuito, porém, no conjunto dos dados, não era fazer um estudo aprofundado daquilo que poderia ser considerado o mais exemplar, representativo do gênero. Privilegiamos, dentro dos limites desse estudo, encaminhar esta análise para uma dimensão social, ou seja, um *tipo* de interação verbal em que os atores sociais (leitora, conselho editorial, etc) são legitimados pelo próprio gênero discursivo. Dito de outro modo, a *leitora que escreve* para a revista, seja para pedir conselhos, seja para expor seus

problemas, é legitimada pela *revista* que tem por finalidade aconselhar, oferecer sugestões, reafirmando um papel de representante da *mulher brasileira ideal*.

Quando analisamos as cartas fazendo um paralelo das regularidades e variabilidades do gênero em questão das diferentes décadas, constatamos que o gênero apresentava uma marca na sua caracterização que nos chamou a atenção. Tal marca diz respeito aos pares da “interlocução interna” do gênero entendido aqui como uma simulação de diálogo face a face conforme explicitamos no capítulo 5, ou seja, a *leitora que escreve* e a *revista que responde a essa leitora*. Notadamente, o grau de aproximação entre os pares dessa interlocução foi sendo minimizado ao longo das quatro décadas. Na década de 70, ao se dirigir à leitora/remetente – “cara”, “querida”, etc. estabelecendo uma certa intimidade com a leitora, esta característica começa a se dissipar à medida que os anos passam. Parece-nos que, a princípio, a proposta da revista, como já trazia no próprio editorial, era fazer o “papel” de amiga, conselheira da leitora. Dessa maneira, entendemos que este caráter de “solidariedade” muito se relacionava com a própria história das mulheres e do movimento feminista vigente. Paradoxalmente, CLAUDIA surge num momento em que é trazida para o debate a própria condição do papel da mulher na esfera privada. Tal fato parece se refletir nas *cartas de aconselhamento* - o lugar da inserção da voz da mulher “legitimado” pela revista. Daí, entendemos que esse grau de adesão da revista à causa da *mulher* é um processo indissociável do seu propósito principal. Mas como explicar esse “apagamento” das marcas da interação leitora/remetente e revista nas *cartas de aconselhamento* ao longo das quatro décadas? Acreditamos que pesquisas futuras poderão dar conta dessa questão. Já de antemão, julgaríamos que esse “apagamento” implicaria não em um distanciamento dos interlocutores, mas o surgimento de um posicionamento da revista de caráter mais “científico” nas *cartas-resposta*. Registramos a inserção de outras “vozes” – médicos, especialistas, etc – atravessando os discursos das cartas através do discurso direto como, por exemplo: *Em vez de se sacrificar, converse com seu marido que, ao que tudo indica, não está a par do problema”, aconselha o dr. Rodrigues*. A revista, portanto, estaria imprimindo uma outra imagem de mulher que antes não tinha acesso a um campo de saber mais científico sobre questões relativas a relacionamento *interpessoal*.

Retornando a nossa reflexão a respeito da delimitação do corpus de análise, procuramos articular uma entrada lingüística que configurasse a dispersão do sujeito nos

enunciados. No caso dessa pesquisa, a entrada lingüística que nos possibilitou a delimitação do nosso cópús foi a marca de negação *não* nos enunciados de caráter polêmico, marca pertinente aos nossos propósitos.

Empreendemos, no âmbito de uma teoria discursiva de base enunciativa, a análise de um certo modo de subjetivação e, por extensão, de identificação do feminino, tentando apreender no cópús perfis de enunciadores que pudessem estar se revelando nos discursos das cartas. O fenômeno da negação polêmica de Ducrot (1987) prestou importantes subsídios teórico-metodológicos para esta pesquisa, pois nos forneceu pistas para a apreensão da não-unicidade do sujeito, ao fazer a distinção de locutor, enunciador e sujeito empírico, conforme visto no item 4.4. No nosso entendimento, o *não* polêmico trazido pelo locutor, segundo a noção polifônica de Ducrot, viabiliza a inserção do outro no discurso, um outro cujo ponto de vista é desqualificado. Nessa direção, ao nos debruçarmos nas depreensões dos pontos de vista afirmativos subjacentes aos enunciados negativos de caráter polêmico, segundo a proposta de Ducrot (1987), nos deparamos com um impasse metodológico que não se “ajustava” a todos os enunciados polêmicos. No entanto, para isso, construímos um novo procedimento que nos orientou no decorrer deste percurso, estabelecendo, assim, um novo critério de construção de afirmativas subjacentes. Tendo em vista essa forma diferenciada de atualização da negação polêmica, imprescindível no âmbito desta pesquisa, queremos chamar a atenção para esse instrumento analítico que, efetivamente, poderá permitir uma realimentação dessa abordagem metodológica que não se esgota nesse trabalho.

Após esses passos de ordem metodológica, identificamos cinco categorias de enunciadores cujos pontos de vista puderam ser recuperados nos pontos de vista afirmativos subjacentes aos enunciados negativos: enunciadores *autônomo*, *tradicionalista*, *impositivo*, *psicanalisado* e *subjugado*. A depreensão desses cinco perfis, segundo o que conseguimos avaliar, se atualizava na maioria dos enunciados negativos ao longo das quatro décadas de publicação da revista CLAUDIA. Dessa maneira, gostaríamos de destacar que todas as vezes em que o *não* polêmico se atualizava nos enunciados de caráter polêmico, ele vinha ora pressupor um dos perfis depreendidos, ora desqualificá-lo.

Nesse momento do percurso, questionávamos a relação que se estabelecia entre os perfis de enunciadores e as décadas em que eles emergem. Percebemos que o perfil de um



enunciador *subjugado*, apesar de demonstrar uma redução de incidências ao longo das décadas, é o perfil mais representativo nesta relação. Observamos a ocorrência de um certo decréscimo do perfil *tradicionalista*, chegando a uma possível conclusão de que ambos os perfis estariam num grau de pressuposição e, conseqüentemente, de aproximação.

Os perfis *autônomo* e *impositivo* dificultaram nossa análise neste quadro geral, pois se apresentam com bastante irregularidade. Haveria, portanto, alguma relação entre esses dois perfis com os perfis *tradicionalista* e *subjugado* ou até mesmo nuances na atualização dessas imagens ao longo das quatro décadas? Supusemos que tais nuances poderiam estar associadas aos diferentes papéis sociais desempenhados pela *mulher* – mãe, esposa, parceira, etc e a maneira pela qual a mulher se relaciona consigo mesma. Efetuadas as análises, tentamos esboçar algumas características, mesmo que sucintas, dessas particularidades que não se encerram nos limites dessas pesquisas.

No que diz respeito aos papéis sociais ocupados pela *mulher*, constatamos os seguintes aspectos: a mulher enquanto esposa está associada a um perfil mais *tradicionalista* em relação ao parceiro conjugal, mas tem adotado uma postura mais autônoma dentro do relacionamento; já o perfil *subjugado* está atrelado à mulher enquanto mãe, namorada e a visão que ela tem de si própria; quanto ao perfil *impositivo*, este por sua vez, perpassa todas as posições sem predominância no sentido de mostrar uma mulher que vai desde a *mulher* repressora a uma *mulher* que quer se impor de forma mais sutil, fazendo uso de “estratégias” como a sedução, por exemplo; por fim, figuramos o perfil *psicanalisado*, em menor grau, que parece remeter a alguém que quer buscar uma compreensão melhor a respeito de sua própria condição, ou seja, acerca de si com o *outro*, seja ele o companheiro, o namorado, sejam os filhos, a visão que sociedade impõe sobre a *mulher* e as crenças dadas ao sexo feminino (submissão, recato, fragilidade).

Um enunciado que remetesse a um dado perfil de enunciador poderia, aparentemente, caracterizar um posicionamento de sujeito trazido pelo locutor que situa a *mulher* numa posição valorizada socialmente, constituindo parte de sua identificação. Em contrapartida, o locutor, ao trazer o *outro* no discurso – neste caso através do *não* polêmico – contribui para a caracterização dessa *imagem* de mulher, atribuindo-lhe uma identidade desqualificada, desvalorizada pela revista e pela própria leitora-remetente.

A nossa hipótese inicial era de que os discursos de uma dada prática discursiva poderiam estar reforçando perfis de *mulher* num dado contexto histórico-social, a despeito das revistas femininas tenderem a mostrar uma “nova imagem”. No âmbito desta pesquisa, ainda que restrita, a análise das *cartas de aconselhamento* pode traçar alguns caminhos que levam aos processos de identificação do sujeito feminino e, por extensão, da *mulher brasileira*. Atribuímos aos cinco enunciadores, em consonância com a teoria de Ducrot, designações que expressam posições desqualificadas.

Levando em consideração os resultados dessa pesquisa até aqui alcançados, gostaríamos de salientar alguns aspectos que buscamos asseverar nesta dissertação. O primeiro aspecto se relaciona à pertinência de uma abordagem teórico-discursiva de base enunciativa cuja proposta é investigar a heterogeneidade do discurso, na medida em que a heterogeneidade é em sua essência constitutiva de qualquer discurso. Essa heterogeneidade decorre do movimento dialógico a que os enunciados estão submetidos, proporcionando, dessa forma, apreender sentidos nos processos de identificação dentro de uma prática discursiva. Estabelecer vínculos com outros enunciados significa recuperar pontos de vista que podem remeter ao perfil de possíveis interlocutores da revista delineados pelo gênero. Teríamos, assim, a configuração de uma imagem de mulher que poderia manifestar traços como os especificados para cada perfil de enunciador. Uma imagem, certamente, que se quer desconstruir, rejeitar. Os discursos que atravessam as *cartas de aconselhamento* estão carregados de sentidos que explicam como as mulheres constituem suas subjetividades, e é no interior desses discursos que elas “constroem suas práticas sociais, assumindo, transformando, rejeitando as representações que lhes são propostas” (Priori, 2004, p.478).

Os caminhos da história sobre a mulher e, por extensão, dessa pesquisa, são caminhos sinuosos, ao longo dos quais o pesquisador precisa desconfiar das suas lacunas e duvidar das suas “verdades”. Como em toda pesquisa, as contribuições que são trazidas acabam sendo despreziosas e, muitas vezes, surpreendem as expectativas do próprio pesquisador.

Concordamos com Fonseca (2004) a esse respeito: “a história, por distante que seja, tem por objetivo provocar reflexões sobre o mundo atual. Seria um equívoco o pesquisador debulhar as diferentes subjetividades envolvidas nesse texto visando a chegar aos “fatos brutos”, uma “versão definitiva” da realidade.”(Fonseca, 2004, p.511)

Ao chegarmos ao final desse percurso com um sentimento, indubitavelmente, de realização, acabamos constatando que o ponto final se traduz em pouco mais que um ponto inicial.

## Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas, as Não-coincidências do Dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_. *Dialogisme et vulgarisation scientifique*. Discoss, 1985.117-122 pp.

BRAGA, Adriana. *Corpo e Agenda na revista feminina*. Cadernos IHU, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 3, n.40, 2005. Disponível em: [http://www.unisinos.br/ihu/publicacoes/cadernos\\_ideias/edicao00040.pdf](http://www.unisinos.br/ihu/publicacoes/cadernos_ideias/edicao00040.pdf) . Acesso em: 20 jul.2005.

\_\_\_\_\_. *Corpo e Mídia: fragmentos históricos da imprensa feminina no Brasil*. UNISINOS. Disponível em: [http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt1\\_imprensa/htm](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt1_imprensa/htm). Acesso em: 20 jul. 2005.

BAKHTIN, Mikhail (1979). *Estética da criação verbal*. Tradução do francês por Maria Ermantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo:HUCITEC, 1995.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*.Campinas:Pontes, 1974.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas:Editora Unicamp, 2004.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DAHER, Maria Del Carmen. *Discursos presidenciais de 1º de maio: a trajetória de uma prática discursiva*. 2000. 220 f. Tese de Doutorado- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário eletrônico Século XXI*. Versão 3.0. [S.I.]: Nova Fronteira e Lexikon informática, 1999. CD ROM.

FIGUEIREDO, Luciano. *Mulheres nas Minas Gerais*. In PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

FONSECA, Cláudia. *Ser mulher, mãe e pobre*. In PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

FOUCAULT (1969), Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Tradução de Adalberto de O. Souza. Série Apontamentos n.29. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1995.

FRIEDAN, Betty. *The feminine mystique*. New York: W. W. Norton & Company, 1963.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: Diálogos & Duelos*. São Carlos:Claraluz,2004.

HALL,Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* Tradução Tomaz Tadeu da Silva Guaracira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo:Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Termos-chave da Análise do Discurso*. 2 ed. Belo Horizonte:UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. *O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História*. In SARGENTINI, V. NAVARRO-BARBOSA, P. (Orgs)

M.Foucault e os domínios da linguagem: *Discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRIORE, Mary Del. *História das mulheres: as vozes do silêncio* (p.217-235). In FREITAS, Marcos (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Roberto Paes e Carvalho. *Feminae: processos de identificação e construção de sentido em editoriais de revista feminina*. Dissertação de Mestrado. UERJ/RJ, 2004.

REYES, Adriana Peimbert. *Revistas femininas, análisis de su función social*. In ALTERIDAD, año II, n.5. Mexico:Universidad Autónoma de Guerrero, 2003.

ROCHA, Décio A opção por um espaço discursivo de análise: questões metodológicas. In PAULIUKONIS, M.A.L.& GAVAZZI, S. (Orgs) *Texto e Discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

\_\_\_\_\_. *Polifonia em Enunciados Negativos: Vozes que Habitam o Dizer Não*. Revista D.E.L.T.A., vol. 14, nº 1. São Paulo: Educ, 1998.

RODRIGUES, Almira. *Práticas Sociais, Modelos de Sociedade e Questões Éticas: Perspectivas Feministas*. Revista CFEMEA. Disponível em: [www.cfemea.org.br](http://www.cfemea.org.br). Acesso em: 20 jul. 2005.

RODRIGUES, Isabel Cristina. *Debates em Educação Bilíngüe para surdos: vozes que habitam o dizer não*. Dissertação de Mestrado. UERJ/RJ, 2002.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A Constituição e o Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese de Doutorado. LAEL-PUC/SP, 2001.

SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. *O trabalho em notícias sobre o Mercosul: heterogeneidade enunciativa e noção de subjetividade*. São Paulo: EDUC, 2004.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

SCOTT, Mike. *WORDSMITH TOOLS*. Disponível em:  
<http://www.lexically.net/wordsmith/index.html> . Acesso em 2 jun. 2004.

SOUZA, Geraldo Tadeu. Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev. 2. ed. - São Paulo :Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

TELLES, Norma. *Escritoras, escritas, escrituras*. In PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

## Anexo I Enunciados negativos de caráter polêmico e suas afirmativas subjacentes

### Década 70

<b>Enunciado negativo</b>	<b>Afirmativa subjacente</b>
1.1 ... minha atitude não seria justa para com meus pais.	...minha atitude [de tentar a vida em outra cidade] seria justa para com meus pais.
1.3 Afinal, uma pessoa nas suas condições não pode viver se viver sem perspectivas.	Viver [nas suas condições] é viver sem perspectivas.
2.1 ... já não se respeita mais os valores como antigamente.	...ainda se respeitam os valores como antigamente.
2.2 As pessoas[...] não se preocupam em desmanchar lares.	Desmanchar lares é preocupante.
3.2 ...[você] não ter pensado nos motivos dos pequenos desentendimentos...	Você pensa nos motivos dos pequenos desentendimentos.
4.5 ... Você sabe que não é lógico permanecer ligada à família eternamente.	É lógico permanecer ligada à família.
5.2 Trate de ajudá-lo [parceiro] a sair da crise: com paciência (não resignação e submissão), com intuição e com afeto.	Para ajudar o parceiro a sair de uma crise [conjugal], há quem o faça com resignação e submissão.
5.3 ... Visto o bom relacionamento existente até hoje entre vocês, é possível que as coisas não passem de uma tempestade num copo de água.	As coisas são mais do que uma tempestade num copo d'água.
6.1 ...para ele não me deixar eu dei liberdade total...	É possível que ele me deixe.
6.3 Ora, eu não tenho nenhum meio de influenciar a vontade dos outros.	Eu tenho algum meio de influenciar a vontade dos outros.
6.4 ...O sexo não é uma arma .	O sexo é uma arma.
6.5 ...Ao mentir que é virgem, você situa sua defesa num pormenor físico e não na sua própria vontade.	[Seria desejável situar] sua defesa na sua própria vontade.
7.4 ..., mas não acho esse rapaz “tão bacana”, como minha amiga diz...	mas acho esse rapaz “bem bacana”...
7.7 ...esqueça essa história porque você não tem nada a ver com isso.	Você tem algo a ver com isso [o namoro da amiga].
7.9 ...não telefone para ninguém, nem diga nada.	...telefone para[x] e diga[algo/tudo].
8.1 ...Ficar reclamando não adianta.	Ficar reclamando adianta.
9.3 ...vivo dizendo que não o amo...	...vivo dizendo que o amo.
9.4 Mas não consigo compreender porque ajo assim.	[É preciso] conseguir compreender por que ajo assim.
9.8 ...Procure distinguir a realidade da fantasia, não deixar que a imagem do pai se sobreponha à	[Há quem deixe] a imagem do pai se sobrepor à figura concreta do seu marido.



figura concreta do seu marido.	
10.1 ...Minha melhor amiga tem um namorado e eu não acho que ela seja mais bonita do que eu.	Eu acho que ela é mais bonita do que eu.
10.2 ...Não sei se o problema existe por causa da minha feiúra ou do meu “papo furado”.	[Possíveis causas do problema são] minha feiúra ou meu “papo furado”
10.3 ...Vou dar um conselho a você: aprenda, desde já, a não ficar se comparando com outras pessoas.	[Há quem fique] se comparando com outras pessoas.
10.4 ...O que acontece com [x] não tem que acontecer com[y] também.	O que acontece com [x] tem que acontecer com [y] também.
11.1 ...Não tenho nada contra a diferença de idade...	Tenho[algo] contra a diferença de idade.
11.2 Não queira precipitar nada.	Há quem precipita as coisas.
13.3 ... Para os pais poderem dar essa liberdade aos seus filhos e não sentirem que estão “perdendo o pé”...	Há pais que, ao darem liberdade aos seus filhos, sentem que estão “perdendo o pé”.

### Década 80

<b>Enunciado negativo</b>	<b>Afirmativa subjacente</b>
1.2 Vamos esclarecer de saída: não existe criança impossível.	Existe criança impossível.
1.3...não adianta bater, trancar a criança no quarto escuro...	Adianta bater.
2.2 "Não bato com força, mas com energia, para ela entender".	Bato com força.
3.2 ...se a mãe não lhe fizer todas as vontades, ela [criança] vai se jogar no chão...	É desejável que a mãe faça todas as vontades [da criança]
3.5 E, uma vez dito o não, nunca volte atrás.	Uma vez dito [algo], volte atrás.
5.1 Meu marido insiste para praticarmos sexo oral, mas eu não consigo aceitar a idéia.	Aceito a idéia [de praticar sexo oral].
5.3 Do ponto de vista físico não existem restrições...	Do ponto de vista físico existem restrições.
5.5 Contudo, algumas pessoas, por razões íntimas, não se sentem à vontade, nem se excitam nessas condições.	Algumas pessoas se sentem à vontade e se excitam nessas condições.
5.6 Quanto à atração que o sexo oral exerce sobre grande parte dos homens, não há uma razão única para explicá-la.	Há várias razões para explicar a atração que o sexo oral exerce sobre grande parte dos homens.
6.4 Mas agora ele declarou que não vai se separar.	Ele declarou que vai se separar.
6.5 ...esse relacionamento não tem futuro.	Esse relacionamento tem futuro.
6.6 Mas não pode culpá-lo porque, apesar de	[Você] pode(deve) culpá-lo.

tudo, você continua com ele.	
6.9 Mas não se engane: ele está levando vida dupla, a estrutura funciona perfeitamente.	Você está se enganando
7.2 De modo geral, são [jogos infantis] até saudáveis se não ultrapassarem os limites da curiosidade.	[Os jogos infantis] podem ultrapassar os limites da curiosidade.
7.3 Tente não achar explicações para este ódio e nojo que você sente.	Tente achar explicações para este ódio.

### Década 90

<b>Enunciado negativo</b>	<b>Afirmativa subjacente</b>
1.1 Meu marido me ama, mas não consigo corresponder aos seus sentimentos.	[É preciso] conseguir corresponder aos seus sentimentos. [do marido]
1.2 Suas fantasias sexuais revelam desejos que você não tem conseguido satisfazer.	Você tem conseguido satisfazer seus desejos.
3.1 Nós só temos relações uma vez por mês. Não sei dizer se é por falta de iniciativa ou de estímulo...	[Penso que] é por falta de iniciativa ou de estímulo.
3.4 Sei que não sou fria, pois continuo sentindo atração física por outros homens.	[Acho que] sou fria.
3.5 "Não é necessário estar excitada, para trocar carícias com o parceiro", ensina Haruo Okawara, terapeuta sexual ...	É necessário que [a pessoa] esteja excitada.
3.8 "Mas no amor 'ou tudo ou nada' não contribui — à medida que os anos passam — para a intensificação da libido."	'Ou tudo ou nada' contribui no amor.
4.2 "Não adianta adiar por mais tempo uma situação insustentável", diz Oswaldo Rodrigues.	Adianta adiar por mais tempo uma situação insustentável.
4.3 Essa última alternativa [refazer sua vida sexual fora de casa] não pode ser descartada...	Essa última alternativa [refazer sua vida sexual fora de casa] pode(deve) ser descartada
4.4 ...mas deve ser muito bem pensada, para que não gere no futuro arrependimento e sensação de culpa.	[Tal alternativa] pode gerar no futuro arrependimento e sensação de culpa.
5.3 Muitos homens não conseguem associar sexo e maternidade ...	Muitos homens conseguem associar sexo e maternidade
6.2 Também não me realizo numa relação sexual completa.	Me realizo numa relação sexual completa.
6.3 Com a ajuda do especialista, também compreenderá por que não deseja contatos mais íntimos e por que o sexo representa uma ameaça.	[É possível] desejar contatos mais íntimos.
7.2...você não se considera suficientemente boa para sentir prazer.	Você se considera suficientemente boa para sentir prazer.

7.4 "Não carregue o peso sozinha.	Carregue o peso sozinha.
8.4 ...se você não perguntar a ele.	[É preciso] perguntar a ele [marido]

### Década 00

<b>Enunciado negativo</b>	<b>Afirmativa subjacente</b>
1.1 Não sei se acredito nele, pois conheço pessoas que dão esse tipo de desculpa [dor de cabeça] para evitar a relação.	[ É preciso] acreditar nele [meu marido]
2.3 ...não precisa temer uma conversa franca com seu namorado.	[É preciso] temer uma conversa franca com seu namorado.
3.2 Na próxima conversa, lembre que ambos precisam fazer um acordo - e não impor a opinião de cada um.	[Há quem) imponha a sua opinião.
6.2 Afinal, ela não pode deixar os pontos fracos de lado para conviver com você.	Ela [a mãe] pode(deve) deixar os pontos fracos de lado para conviver com você.
7.4 Para alguns casais, [sexo virtual] não é [traição].	Para alguns casais [sexo virtual] é traição.
7.7 Mas o sexo virtual não deve substituir as relações reais.	O sexo virtual deve substituir as relações reais.
8.2 ...ele [príncipe encantado] não existe.	[príncipe encantado] existe.
9.2 Não há nada de errado em um filho cuidar da mãe - e da namorada!	Há [algo] de errado em um filho cuidar da mãe e da namorada.
9.4 Se ele não aprender a olhar para as próprias necessidades...	[É necessário] aprender a olhar para as próprias necessidades.
9.6 Não se deixe contagiar pela paralisia dele, como vem fazendo até agora.	[É possível] que você se deixe contagiar pela paralisia dele.
10.3 Perdoar uma traição, mesmo escandalosa, não é vergonha para ninguém...	Perdoar uma traição é uma vergonha.

## Anexo II Enunciados negativos de caráter descritivo e metalingüístico

### Década 70

1.2 Sugiro que você fixe um prazo [...] se não puder ser menos.
2.3 Mesmo não sendo muito feliz no casamento, tentei pelo menos manter a família unida...
2.4 ...você afirma que os outros estão errados e você está certa. Mas, pelo visto, não tem tanta convicção como desejaria.
2.5 ... você luta contra um sentimento de frustração e decepção, achando que não viveu a sua (vida).
2.6 Sim, não nego que haja muitos casos de egoísmo e inseqüência; aliás, sempre houve.
2.7 ...Mas há também muitíssima gente que já entendeu que quem não tem felicidade,
2.8 ...também não tem condições de dá-la [felicidade] aos outros...
3.1 ...você diz que não sabe o que acontece com você, que todos os seus namorados a deixam.
3.3 ...[você] não sabe escutar...
4.1 ...conheci um rapaz e começamos a namorar escondido dos meus pais, que não permitiam nenhum tipo de namoro.
4.2 Não sei se ele ainda me ama e se devo voltar com ele, mesmo indo contra meus pais.
4.3 Porque são muitas as pessoas que me escrevem com problemas semelhantes ao seu, entretanto não estudam...
4.4 ...[as pessoas] não estão preparadas para trabalhar.
4.6 Você é que precisa descobrir se ele ainda a ama ou não.
4.7 Se não, procure outro rapaz.
5.1 ...Não se deixe levar pelo desespero que, em geral, só inspira atitudes erradas.
6.6 ...você nega a si mesma o direito de dizer sim ou não, de agir segundo uma escolha.
7.1 Não suporto isso porque estimo demais sua mãe....
7.2 ...ela não merece isso.
7.3 Não discordo do namoro.
7.5 ...se ele não fala em desquite...
7.6 Sei que você não vai gostar nada do que vou lhe dizer.
7.8 ...você não está sabendo repartir esse sentimento.
7.10 ...Por último, não interfira ...
7.11 [algo] não diz respeito a você.
8.2 ... todas as outras moças não serão mais como você as vê...
9.1 ...Meu marido quer outro filho e eu não quero...
9.2 Mas não é só isso.

9.5 ...Seu marido está pagando o pato pelo que não fez...
9.6 ...rancores que você reprimiu porque não tinha coragem de odiar seu pai...
9.7 ...depois de ter extravasado a agressão íntima, que, na realidade, não se dirige a ele como pessoa...
9.9 ...Você ainda é quase adolescente e ainda não conseguiu superar de todo as amargas experiências da infância.
10.5 ...Os que não têm conserto, você aprenderá a conviver com eles.
12.1 Não consigo que ele faça suas lições.
12.2 ...mas se eu não estou por perto...
12.3 ...ele não termina as lições.
12.4 Trazendo lições para fazer em casa, o aluno não se desliga totalmente do colégio...
12.5 ...se a criança não está querendo fazer os seus deveres de casa, alguma coisa deve estar acontecendo.
12.6 ...as atividades escolares não estão tão interessantes...
13.1 ...[pais das colegas] eu não conheço.
13.2 ... Por princípio nunca deixei que as crianças fossem á casa de colegas cujos pais, eu e meu marido não conhecemos.

### **Enunciado metalingüístico**

6.2 ... você não pede um conselho, pede que eu arrume sua vida...
---

### **Década 80**

1.1 [a criança] não respeita a casa dos outros...
1.4 E sobretudo não perca a calma...
1.5 ...não grite
1.6 ...não bata
1.7 ... explique por que ele não deve fazer aquilo.
2.1 Ana Maria não tem paciência nenhuma.
3.1 Por mais que falasse, ele não parava, mexia em tudo.
3.3 Não ligue, isso é pura chantagem.
3.4 Mas o melhor é aprender a dizer não desde cedo...
4.1 Os filhos da Lucinha[...] não bagunçam a casa e nem dão trabalho.
4.2 ...você tem de deixar em paz o território deles e não esquecer que lá eles podem fazer tudo o que quiserem.
5.2 Mas existe um ponto que você deve considerar: seu direito de optar por essa prática ou

não.
5.4 ...a não ser os cuidados de higiene que devem estar presentes em todas as relações.
6.1 Ele diz que me ama, mas não pretende abandonar sua família.
6.2 Ainda sou jovem (tenho 32 anos), mas não consigo esquecê-lo.
6.3 A gente não escolhe emoções.
6.7 Quando [alguém] percebe que uma relação não lhe faz bem, decide por um rompimento...
6.8...lamenta que não tenha dado certo.
6.10 Você é que não percebe isso.
7.1 Não cheguei a perder a virgindade...

### Década 90

2.1 Ou você é que não havia reparado no jeito dele antes da morte de sua mãe?
2.2 Não é por acaso que vários [homens] se casam de novo antes que a morte da mulher complete um ano.
3.2 ...mas cheguei a um estágio em que não sinto mais nada pelo meu marido ...
3.3 Já conversamos sobre o assunto e não sabemos o que fazer.
3.6 Já que vocês têm muitas afinidades e, ao que tudo indica, não gostariam de se separar...
3.7 Não importa quem fique mais excitado nem o grau de excitação alcançado.
4.1 Eu não agüento mais.
5.1 Às vezes, penso que estou sobrando e que ele não me deseja mais.
5.2 O fato[falta de desejo do parceiro] que você relata não é incomum.
6.1 Eu não consigo entender, mas nenhum contato com o sexo masculino me dá prazer.
7.1 "[...] você fez uma terapia que não se restringia às questões sexuais"...
7.3 ... converse com seu marido que, ao que tudo indica, não está a par do problema"...
8.1 Mas há quatro meses ele não faz sexo comigo.
8.2 Ele não quis [se separar] .
8.3 Não há como saber por que seu marido perdeu o desejo...
8.5 Se, depois de tudo isso, você não notar mudanças, é aconselhável uma terapia específica para o seu marido...

### Década 00

1.2 Não se sabe ao certo por que ocorre, mas o tratamento é simples e eficiente.
2.1 Só que há um problema: ele sabe que sou mais velha, mas não o quanto.
2.2 Por que você não quer abrir o jogo?
2.4 Com esse ato de coragem você estará investindo não só na vida a dois mas no seu crescimento pessoal.
3.1 Não é muito cedo para pensar em se separar?
4.1 Não almoço.
4.2 Não consigo mudar a situação.

4.3 Algumas pessoas sentem prazer em fazer sempre mais. Outras nem tanto, mas não conseguem agir de maneira diferente.
5.1 O ciumento maltrata quem ele julga que não corresponde às expectativas de fidelidade e exclusividade.
5.2 Se isso não for suficiente, talvez recorrer a um psicólogo seja uma forma de lidar com essas questões.
6.1 Você não acha que ela percebe sua culpa e tira proveito disso?
7.1 Ele me excita e não consigo acabar com a relação.
7.2 Não o encontrei pessoalmente, mas sonho com isso.
7.3 Sexo virtual pode ou não ser traição.
7.5 Parece que esse diálogo não existe.
7.6...as pessoas se liberam, já que não estão sendo observadas.
8.1 Não adianta todos dizerem ...
8.3 Exista ou não o príncipe encantado...
8.4 E, se você acha que ele vem a cavalo, não será demais frequentar um clube de hipismo...
9.1 Sei que ele me quer e só não reata o namoro por culpa e medo de magoá-la.
9.3 E não apenas no que se refere ao amor mas também nas outras áreas da vida.
9.5 ...caso ele não mude...
10.1 ...que eu não me separasse.
10.2 mas não sei se conseguirei perdoar meu marido...
10.4 ...já que o erro não foi seu.
10.5 Caso você não perdoe.
11.1 Ele quer que eu diga bobagens ao seu ouvido, mas não vou além de "você é gostoso".

## Anexo III Cartas de aconselhamento da revista CLAUDIA que compõem o corpus

### DÉCADA DE 70

#### CARTA 1

"Sou a oitava de uma família de dez filhos. Acontece que há quatro anos papai adoeceu de repente. Agora, além de trabalhar fora, supervisiono a casa e me revezo com meu irmão solteiro nos cuidados a papai. Embora tenha 35 anos, sinto-me cansada, vazia, desinteressada. Tenho muita vontade de tentar a vida em outra cidade, mas sofro por antecipação de um sentimento de culpa, por achar que minha atitude **não** seria justa para com meus pais. Encontro-me numa encruzilhada: ou me acomodo, ou parto para outra, enquanto é tempo. Espero uma orientação"

Vontade de Acertar, Belo Horizonte, MG.

R: Pode parecer dureza e insensibilidade minha, mas a verdade é que você só tem uma vida e nada, absolutamente nada a compensará de tê-la jogado fora. Já é hora de você deixar de ser a boa filha, boa irmã, boa isso, boa aquilo e começar a ser boa consigo mesma, antes de acumular dentro de si um tremendo ressentimento contra o mundo. Sugiro que você fixe um prazo razoável (digamos, por exemplo, seis meses, se **não** puder ser menos) para ir paulatinamente transferindo as responsabilidades comerciais e familiares aos outros membros da família; que seus pais sejam atendidos por quem, de qualquer modo, já decidiu morar aí; que o cuidado do patrimônio fique a cargo de quem tem filhos para herdar os bens. Você tem de incutir clara e decisivamente na mente dos seus a idéia de que terão de prescindir de você. Afinal, uma pessoa nas suas condições **não** pode viver sem perspectivas. Coragem e um abraço.

#### CARTA 2

"O mundo de hoje realmente me assusta: já **não** se respeita mais os valores como antigamente. As pessoas se desquitam com a maior facilidade, jogam os filhos ao sabor do mundo, **não** se preocupam em desmanchar lares. Mesmo **não** sendo muito feliz no casamento, tentei pelo menos manter a família unida, tendo sempre o pai por perto. Agora quero saber a sua opinião e desde já confesso que estou com medo de sua resposta.

" Estou na minha. Curitiba. PR.

R: Minha amiga: você afirma que os outros estão errados e você está certa. Mas, pelo visto, **não** tem tanta convicção como desejaria; pois quer saber também minha opinião e confessa que tem muito medo. Medo de que, se está segura do caminho que escolheu? Tenho a impressão de que, ao sentir aproximar-se a velhice e vendo seus filhos viverem a vida deles, você luta contra um sentimento de frustração e decepção, achando que **não** viveu a sua. Daí, como defesa, você formula um juízo severo sobre os outros que procuram a felicidade. Pessoalmente, acho uma conquista formidável o fato de as pessoas terem enfim compreendido que felicidade é melhor do que resignação. Sim, **não** nego que haja muitos



casos de egoísmo e inconseqüência; aliás, sempre houve. Mas há também muitíssima gente que já entendeu que quem **não** tem felicidade, também **não** tem condições de dá-la aos outros. No terreno sentimental, sacrificar a própria vida em benefício de outrem é criar-lhe uma carga muito grande de culpa — quase uma chantagem afetiva.

Um abraço. Carmen da Silva

### CARTA 3

"Sou solteira, muito tímida e me considero jovem, embora tenha 26 anos. Meu maior problema é que todos os meus namoros acabam sem motivo nenhum. O que está acontecendo? Gostaria que você me orientasse."

Sagitariana Preocupada, Ilhéus, BA.

R: Querida Sagitariana, você diz que **não** sabe o que acontece com você, que todos os seus namorados a deixam. Isto só pode ter ocorrido se houve algum aborrecimento. Explicando melhor: quando duas pessoas namoram, sempre sai uma briguinha aqui, outra ali. Você já parou para pensar nos motivos dessas briguinhas, ou será que você é daquelas que sempre têm razão? Tanto num caso (o de **não** ter pensado nos motivos dos pequenos desentendimentos) como no outro (o de você **não** saber escutar e dar razão aos outros) você estará fazendo papel de surda-muda. E, desta maneira, você jamais terá informação alguma sobre o que pode estar indo errado com você. Faça um levantamento de suas pequenas brigas. Será você uma pessoa difícil que acaba afastando todos do seu convívio? Se for o caso, é preciso que você mude, para ter amigos ou namorados. Espero que você encontre logo os motivos deste seu problema. Um grande abraço.

### CARTA 4

"Tenho 19 anos e estou cursando o 2º ano do curso de secretariado. Quando tinha 16, conheci um rapaz e começamos a namorar escondido dos meus pais, que **não** permitiam nenhum tipo de namoro. Depois de um tempo, contei sobre o rapaz a meus familiares e eles, embora aceitassem, o tratavam muito mal. Como a oposição dos meus pais se tornou mais intensa, resolvi me afastar dele. Agora estou muito desanimada e só. **Não** sei se ele ainda me ama e se devo voltar com ele, mesmo indo contra meus pais."

Maria José. Goiânia, GO.

R: Cara Maria José, talvez eu possa parecer muito otimista, mas acho que você está numa situação bastante privilegiada. Sabe por quê? Porque são muitas as pessoas que me escrevem com problemas semelhantes ao seu, entretanto **não** estudam, **não** estão preparadas para trabalhar. Com você dá-se o contrário. Você está estudando, está fazendo um curso muito útil, que você precisa complementar com aulas de inglês ou um curso técnico de administração de empresas. Desta forma você estará preparada para conseguir um ótimo emprego e, assim, poder ter sua vida independente de sua família. Você sabe que **não** é lógico permanecer ligada à família eternamente. As pessoas crescem e querem levar suas próprias vidas e tomar suas próprias decisões. Quanto ao rapaz, você é que precisa descobrir se ele ainda a ama ou **não**. Procure conversar com ele, francamente, e sentir como estão as relações entre vocês. Se tudo estiver bem, ótimo. Se **não**, procure outro rapaz que saiba fazê-la feliz e a quem você possa dar tudo de bom que tem. Um abraço.

## CARTA 5

"Sou casada, tenho 48 anos e três filhos. Meu marido, que agora tem 49 anos, sempre fez muito sucesso com as mulheres. Por isso, mesmo depois do casamento, existiram outras mulheres na vida dele, mas eu fingia que ignorava. Este método sempre deu certo, pois entre nós sempre existiu muita compreensão e afinidade, além da atração física. Assim, nossa vida conjugal era perfeita, apesar das aventuras dele. Entretanto, de uns três anos para cá, apareceu uma mulher na vida dele e desta vez acho que é mais sério. O que devo fazer?"  
Desesperada, Vitória da Conquista, BA.

R: Cara Desesperada, se você sempre fingiu que ignorava as aventuras do seu marido, era de prever-se que um dia essa complacência se voltasse contra você. Em todo caso, é bem possível que se trate apenas de uma crise. Os homens que estão envelhecendo estão muito sujeitos a cair em atitudes de auto-afirmação viril para provar a si próprios que continuam sendo muito homens. **Não** se deixe levar pelo desespero que, em geral, só inspira atitudes erradas. Trate de ajudá-lo a sair da crise: com paciência (**não** resignação e submissão), com intuição e com afeto. Visto o bom relacionamento existente até hoje entre vocês, é possível que as coisas **não** passem de uma tempestade num copo de água. Um abraço.

## CARTA 6

"Há seis meses conheci um rapaz e começamos a namorar. Depois de algum tempo ele me perguntou se eu era virgem e eu, mentindo, respondi que sim. Mais tarde, nós brigamos e para ele **não** me deixar eu dei liberdade total e desde então começamos a ter relações sexuais. Agora, ele vai morar em outro Estado e eu estou desesperada, pois gosto muito dele. O que devo fazer para ele gostar de mim e me levar com ele?"  
Aflita, Goiânia, GO.

R: Cara Aflita, você **não** pede um conselho, pede que eu arrume sua vida, que lhe indique como fazer para o rapaz gostar de você e levá-la com ele. Ora, eu **não** tenho nenhum meio de influenciar a vontade dos outros. Mas acho que sua orientação na existência está muito errada. Você diz, por exemplo, que os homens só vêm sexo em você, mas quando seu namorado resolveu deixá-la, foi você que lhe ofereceu sexo como suborno para retê-lo. Você está enganada em duas coisas: 1 - O sexo **não** é uma arma e se você se põe a usá-lo como tal, ele acabará fatalmente virando contra você. 2 - Ao mentir que é virgem, você situa sua defesa num pormenor físico e **não** na sua própria vontade, você nega a si mesma o direito de dizer sim ou **não**, de agir segundo uma escolha. Procure entender que a gente se relaciona com os outros na base da sinceridade, da espontaneidade e do respeito por si próprio e pelos demais. Só assim pode dar certo. Felicidades.

## CARTA 7

"Minha amiga começou a namorar um rapaz casado e apresentou-o à família como se ele fosse solteiro. **Não** suporto isso porque estimo demais sua mãe e acredito que ela **não** merece essa mentira. **Não** discordo do namoro, mas **não** acho esse rapaz "tão bacana", como minha amiga diz: se ele **não** fala em desquite, é desses que gostam de perturbar menininhas inexperientes. Tenho vontade de telefonar para ele pedindo que se afaste da moça, ou então contar tudo à mãe dela. O que você acha?"

Wilma de Oliveira, Rio de Janeiro, GB.

R: Sei que você **não** vai gostar nada do que vou lhe dizer, Wilma. Em primeiro lugar, esqueça essa história porque você **não** tem nada a ver com isso. O que eu acho é que você está sentindo ciúme desse rapaz que surgiu na vida de sua amiga. Provavelmente, ele veio interferir numa amizade bastante profunda que existe entre vocês duas e você **não** está sabendo repartir esse sentimento. Em segundo lugar, **não** telefone para ninguém, nem diga nada. Deixe que cada um leve sua vida e resolva seus problemas. Se você estiver com a razão, mais cedo ou mais tarde ficará sabendo. Por último, **não** interfira naquilo que **não** diz respeito a você. Você poderá perder a amizade das duas pessoas que você diz ser suas melhores amigas: a moça e a mãe dela. Um abraço.

## CARTA 8

"Sou feia, gorda, tenho cravos pelo rosto e corpo, cabelos crespos e a única coisa que gosto em mim é a cor dos meus olhos. Morro de medo de conversar com rapazes, acho que todas as moças são mais interessantes do que eu. Enfim, tenho medo de gente e cheguei à conclusão de que tudo isso acontece porque desconfio de mim mesma. O que você me aconselha?"

Ana B., Jundiaí, SP.

R: Você precisa começar a gostar mais de você mesma.

Ana. Do contrário, qualquer pessoa que vista saia e passe perto de você será causadora desse terrível medo. E, dessa forma, sua vida continuará sendo um tormento sem fim. Pense mais em si mesma e nas coisas que você é capaz de fazer. Você reclama do seu corpo, mas já tomou providências para mudar? Você diz que é gorda. Pois existem tantos meios de emagrecer! Você diz que tem cravos. Então, faça uma limpeza de pele. Você tem cabelos crespos? Alise-os ou faça um penteado bem moderno! Tudo tem jeito, Ana. Ficar reclamando **não** adianta; só torna você mais amarga ainda. Pessoas agradáveis e inteligentes também ajudam a enriquecer a vida da gente. Depois de ficar "bem por dentro" das coisas, você começará a ter mais confiança. Ah, então, todas as outras moças **não** serão mais como você as vê: melhores do que você. Felicidades.

## CARTA 9

"Minha infância e adolescência foram muito duras. Meu pai vivia com amantes, levando-as para casa, até. A separação dos meus pais foi inevitável e depois disso nós passamos — eu e meu irmão — por falta de assistência paterna. Enfim, aos 16 anos eu engravidei. Meu namorado, que hoje é meu marido, teve um comportamento maravilhoso. Sempre foi um

homem bom e compreensivo. Pois bem. Resumi minha vida para expor o seguinte problema: hoje, com 18 anos e um nenê saudável, estou confusa e angustiada. Meu marido quer outro filho e eu **não** quero, talvez porque o nascimento do primeiro foi muito problemático. Mas **não** é só isso. De uns tempos para cá, tenho sentido raiva dele. Tenho até vontade de traí-lo, embora saiba que o amo. Apesar de querê-lo perto de mim, vivo dizendo que **não** o amo. ofendendo-o. Mas sei que o amo e que estou errada. Mas **não** consigo compreender por que ajo assim".

Mrs. Poirot. Rio de Janeiro

R: Querida leitora. Seu marido está pagando o pato pelo que **não** fez, recebendo "rebarbas" de sentimentos que nada têm a ver com ele, traumatismo que você sofreu quando ainda era pequena demais para poder elaborá-los, rancores que você reprimiu porque **não** tinha coragem de odiar seu pai por mais que ele o merecesse. O modelo masculino que você teve na época de sua formação emocional foi muito negativo; daí sua tendência de identificar o marido com este modelo. De pensar que "todos os homens são iguais". Com toda esta mistura de amor e ódio que presidiu sua infância, você só pode ser afetuosa com seu marido depois de tê-lo agredido, depois de ter extravasado a agressão íntima, que, na realidade, **não** se dirige a ele como pessoa, mas sim a ele-símbolo do pai. Procure distinguir a realidade da fantasia, **não** deixar que a imagem do pai se sobreponha à figura concreta do seu marido. Tente fazê-lo compreender que, apesar de esposa e mãe. Você ainda é quase adolescente e ainda **não** conseguiu superar de todo as amargas experiências da infância. Sendo ele afetuoso e compreensivo, provavelmente tratará de ajudá-la. E creio que seria bom convencê-lo a deixar o segundo filho para mais tarde, quando tiverem conseguido vencer a crise. Boa sorte.

Carmen da Silva

## CARTA 10

"Sou tímida e tenho complexo, pois nunca consegui ter um namorado. Minha melhor amiga tem um namorado e eu **não** acho que ela seja mais bonita do que eu. **Não** sei se o problema existe por causa da minha feiúra ou do meu 'papo furado'. Parece que sou a única pessoa no mundo a ser assim."

Ana. Brasília

R: Vou dar um conselho a você: aprenda, desde já, a **não** ficar se comparando com outras pessoas. O que acontece com uma **não** tem que acontecer com a outra também. Cada um tem sua vida e seu modo de viver. Tire da cabeça este negócio de feiúra. Tire da sua cabeça esta história de 'papo furado', se você pensa isso de si própria, como vai ter confiança para se relacionar com as pessoas? A primeira pessoa a gostar de você é você mesma. Todos nós temos nossos defeitos e qualidades. Pois procure deixar os defeitos um pouco de lado e procure realçar suas qualidades. Isso fará com que você se sinta mais segura. Então, quando já estiver mais forte, procure corrigir pequenos defeitos que tenham conserto. Os que **não** têm conserto, você aprenderá a conviver com eles.

## CARTA 11

"Estou desesperada. Namorava um rapaz, mas meus pais proibiram o namoro. Disseram que era mais velho do que eu. Eu tenho 16 e ele, 28 anos. Agora ele está fugindo de mim. Mas sinto que ele me ama. E eu o amo também. Que faço?"

Marilda. Araras, SP

R: Acredito mesmo que você ame esse rapaz mais velho do que você. Mas o fato de você ter 16 anos pode ser realmente um problema. Tanta coisa pode mudar daqui a alguns anos... Quanto mais idade você tiver, mais perto de fazer uma escolha acertada você estará. **Não** tenho nada contra a diferença de idade, desde que a menor delas seja uma idade amadurecida. E dificilmente, aos 16 anos, alguém chega à maturidade. Vai ser muito difícil, mas acredito que o mais acertado é você deixar passar o tempo, os anos. Se ele amar você, saberá esperar até que você fique mais velha e independente. E você também saberá conhecer melhor seus sentimentos por ele. Tudo tem seu tempo certo na vida. **Não** queira precipitar nada. Tudo que é precipitado sai errado.

## CARTA 12

"Meu filho de 8 anos gosta muito de ir ao colégio, mas, quando chega em casa, larga os livros e vai brincar. **Não** consigo que ele faça suas lições com capricho e regularmente. Eu estabeleci um horário, como sempre aconteceu com seus irmãos, mas se eu **não** estou por perto, ele **não** termina as lições. Estou confusa. Como devo agir?"

Viviane, São Paulo

R: O objetivo básico das lições de casa é estabelecer uma ligação entre a escola e o lar. A lição de casa dá oportunidade para uma continuidade no processo educativo. Trazendo lições para fazer em casa, o aluno **não** se desliga totalmente do colégio em que estuda. E as lições de casa servem também para introduzir os pais na experiência escolar da criança. Então, se a criança **não** está querendo fazer os seus deveres de casa, alguma coisa deve estar acontecendo: ou as atividades escolares **não** estão tão interessantes, a ponto de seu filho querer continuá-las em casa, ou, então, sua supervisão direta está transformando as lições de casa em obrigações *apenas*. A lição de casa é um assunto quase que exclusivamente pertencente à criança e à sua professora. O seu papel precisa começar a ser menos interferente. Ou seja, você arruma um local adequado para que seu filho possa trabalhar com tranquilidade, estabelece com ele um horário e você só vai ajudá-lo nas lições se ele solicitar. E se as dúvidas sobre a lição forem graves, procure conversar com a professora, com a orientadora pedagógica, para chegarem a uma solução satisfatória. Um abraço.

## CARTA 13

"Tenho uma filha de 12 anos de idade, cursando a 6ª série e que agora constantemente recebe convites para passar os fins de semana em casa de colegas, cujos pais eu **não** conheço. Por princípio nunca deixei que as crianças fossem à casa de colegas cujos pais, eu e meu marido **não** conhecemos. Que devo fazer?"

Luiza, São Paulo

R: O convívio com pessoas diferentes, a oportunidade de relacionamentos novos é muito enriquecedora para o desenvolvimento do adolescente. Isso porque através desse convívio o jovem tem oportunidade de comparar o ambiente em que ele vive com outros ambientes. Passando um fim de semana em casa de uma colega, sua filha terá oportunidade de conhecer se adaptar a estilos de família diferentes da sua própria. E isso é um treino de vida para ela. Para os pais poderem dar essa liberdade aos seus filhos e **não** sentirem que estão "perdendo o pé", é absolutamente indispensável que exista um bom relacionamento entre pais e filhos. É importante que haja uma abertura entre você e sua filha para que as experiências vividas pela jovem possam ser discutidas com franqueza. Um abraço.  
Julieta Penteadó

## DÉCADA DE 80

### CARTA 1

Quando a criança é do tipo impossível mesmo, um verdadeiro capeta que mexe em tudo, quebra as coisas, derruba no chão, **não** respeita a casa dos outros, como levá-la para visitar as amigas sem correr o risco de passar um vexame?

R: Vamos esclarecer de saída: **não** existe criança impossível. Se ela ficou assim, é porque os pais deixaram, ou melhor, ajudaram. E, aí, **não** adianta bater, trancar a criança no quarto escuro, deixar uma semana sem sobremesa ou televisão, porque o caso é mais sério. Você deve repreender seu filho sempre que ele fizer alguma coisa errada, mas deve cuidar para que tudo que foi declarado errado uma vez seja errado sempre. E sobretudo **não** perca a calma: **não** grite, **não** bata, apenas explique por que ele **não** deve fazer aquilo. Seja muito simples e clara na sua explicação. As crianças entendem muito bem.

### CARTA 2

Ana Maria **não** tem paciência nenhuma. Sempre que sua filha, Clarinha, de 3 anos, amola um pouco mais, ela logo lhe dá uns tapas. "**Não** bato com força, mas com energia, para ela entender", explica Ana Maria. Será que a Clarinha consegue entender alguma coisa?

R: Entende, claro, mas à moda dela. E isso vai acabar complicando é a vida da mãe dela. Pois, se os pais agem de forma violenta com os filhos, batendo e agredindo fisicamente, vão receber a paga na mesma moeda: os filhos vão imitar o seu exemplo de violência, tornando-se violentos como eles e achando que podem também bater nas outras crianças, brigar na escola, resolver suas questões no tapa. Todas as formas de agressão provocam uma reação contrária, só que mais intensa. Se a criança apanha em casa, certamente vai achar que também pode bater nos outros lá fora e impor sua vontade à força.

### CARTA 3

Sueli passeava pelo shopping-center com o filho Serginho, de 6 anos. Por mais que falasse, ele **não** parava, mexia em tudo. Sueli perdeu a paciência e fez o que nunca fizera antes: deu umas palmadas no Serginho. Agiu certo ou errado?

R: Completamente errado. A Sueli precisava ter ensinado o Serginho a respeitar as suas proibições desde quando ele ainda era bebê, quando ainda estava na maternidade. Mas isso é difícil. Nessa altura da vida, basta o bebê chorar um pouquinho, fazer beicinho, e as mães já correm a dar de mamar, a trocar a fraldinha, sem respeitar horários nem programas. Uma criança tratada assim logo vai aprender que basta fazer um pouquinho de manha, um chorinho sentido, para conseguir tudo que quiser. Daí para frente, se a mãe **não** lhe fizer todas as vontades, ela vai se jogar no chão, berrar, quebrar tudo, ter ataques. **Não** ligue, isso é pura chantagem. Mas o melhor é aprender a dizer **não** desde cedo, sempre que for necessário e conveniente. E, uma vez dito o **não**, nunca volte atrás. Se você fraquejar depois de ter dado uma ordem dessas, nunca mais será levada a sério por seu filho.

### CARTA 4

Os filhos da Lucinha, Celso e Luizinho, de 9 e 7 anos, **não** bagunçam a casa e nem dão trabalho. Mas pintam e bordam no seu quarto, que é território deles. Isso está certo ?

R: Está sim. Mas é um compromisso sério: se você conseguiu que eles deixem a casa, seu território, em paz, você tem de deixar em paz o território deles e **não** esquecer que lá eles podem fazer tudo o que quiserem.

### CARTA 5

Meu marido insiste para praticarmos sexo oral, mas eu **não** consigo aceitar a idéia. Gostaria de saber por que os homens sentem tanto prazer com isso. APARECIDA RAMOS Goiânia (GO)

R: No passado, a prática de outras formas de sexo diferentes da convencional era condenada. Com a liberação dos últimos tempos, o sexo oral passou a ser aceito como forma alternativa de dar e receber prazer. Mas existe um ponto que você deve considerar: seu direito de optar por essa prática ou **não**. Do ponto de vista físico **não** existem restrições, a **não** ser os cuidados de higiene que devem estar presentes em todas as relações. Contudo, algumas pessoas, por razões íntimas, **não** se sentem à vontade, nem se excitam nessas condições. Este é um problema que só o casal pode solucionar. Quanto à atração que o sexo oral exerce sobre grande parte dos homens, **não** há uma razão única para explicá-la. Sexo inclui fantasias, e cada um tem as suas próprias.

### CARTA 6

Deixei tudo — meu sonho de véu e grinalda, casa e filhos — por amor a um homem casado. Ele diz que me ama, mas **não** pretende abandonar sua família. E me despreza na frente dos outros. Ainda sou jovem (tenho 32 anos), mas **não** consigo esquecê-lo. O que devo fazer para ele ficar comigo?

CÉUA B. Itu (SP)

R: A gente **não** escolhe emoções. Ao começar este caso, talvez você soubesse que ele era casado e até acreditou nas promessas de que deixaria a esposa. Mas agora ele declarou que **não** vai se separar. E fato consumado. Se você ainda pretende ter casa, marido, filhos, sua escolha foi inadequada, esse relacionamento **não** tem futuro. Por isso você está tão infeliz. Mas **não** pode culpá-lo porque, apesar de tudo, você continua com ele. Você só fica na situação, se quiser. Uma pessoa com auto-estima desenvolvida gosta do outro, mas gosta mais de si própria. Quando percebe que uma relação **não** lhe faz bem, decide por um rompimento e, claro, sente as perdas, chora, lamenta que **não** tenha dado certo. Mas com o tempo supera aquela dor e se envolve com outro alguém. Talvez o que lhe falte seja auto-estima e um pouco de vida. Você está colocando sua vida nas mãos deste homem, como uma adolescente imatura: se ele se separar, ótimo; do contrário você vai passar a vida inteira chorando. Talvez pretenda viver da ilusão de que um dia ele abandonará a família. Mas **não** se engane: ele está levando vida dupla, a estrutura funciona perfeitamente. Você é que **não** percebe isso.

## CARTA 7

Aos 8 anos meus irmãos mais velhos me forçaram a uma relação sexual. **Não** cheguei a perder a virgindade, mas fiquei complexada. Meu marido conseguiu me livrar desse tormento. Só que agora, grávida de 7 meses, confesso que às vezes sinto ódio e nojo de suas carícias. Você pode me ajudar?

MARGARIDA D.

Ribeirão Preto (SP)

R: É relativamente comum ocorrer brincadeiras desse tipo entre as crianças — são os famosos jogos infantis, motivados pela curiosidade, principalmente em relação ao sexo oposto. De modo geral, são até saudáveis se **não** ultrapassarem os limites da curiosidade. Por outro lado, algumas mulheres ficam meio avessas a sexo durante a gravidez. Além disso, essa fase deixa a mulher tão sensível que torna os problemas maiores do que realmente são. Assim, você pode estar misturando situações diferentes numa coisa só. Tente **não** achar explicações para este ódio e nojo que você sente. É bem provável que, depois que passar essa fase e o bebê nascer, tudo volte ao normal.

## DÉCADA DE 90

### CARTA 1

Tenho 28 anos e dois filhos. Meu marido me ama, mas **não** consigo corresponder aos seus sentimentos. Há três anos, apaixonei-me por uma ficção: o cantor inglês Axl Rose. No início, era uma fã como qualquer outra. Depois, Axl passou a fazer parte dos meus sonhos. Às vezes, fazemos amor, noutras, ele está se drogando. São pesadelos horríveis. Meu marido nem imagina o que se passa. De uns tempos para cá, só consigo chegar ao orgasmo



pensando no meu estranho amor. Quem sabe deva escrever-lhe. Tenho medo de estar enlouquecendo.

N.M. FLORIANÓPOLIS, SC

R: Suas fantasias sexuais revelam desejos que você **não** tem conseguido satisfazer. O amor platônico — comum entre fãs e ídolos — está se transformando em obsessão, fazendo com que abandone a realidade, para viver os sonhos e os pesadelos. O caminho para solucionar tais conflitos certamente passa pelo diálogo franco com seu marido. Juntos, vocês poderão driblar a situação e recobrar a tranqüilidade. Aparentemente, você tem consciência da impossibilidade de realizar os desejos com relação a seu ídolo. Ou será que acredita realmente na idéia de abandonar tudo o que construiu, para procurar alguém que nem sabe de seu amor? Aconselho-a a buscar, o quanto antes, a ajuda de uma psicoterapia. Conhecendo-se melhor, você poderá compreender mais facilmente seus sentimentos e tomar decisões sensatas.

## CARTA 2

Depois que minha mãe morreu, meu pai ficou muito deprimido. Todas as atividades a que se dedica são solitárias. Passa o tempo lendo, vendo televisão ou fazendo caminhadas. Isso é normal?

RENATA APARECIDA Rio DE JANEIRO, RJ

R: Será que seu pai mudou de hábitos? Ou você é que **não** havia reparado no jeito dele antes da morte de sua mãe?

Os homens são mesmo menos sociáveis do que as mulheres. É uma questão cultural. Normalmente, eles acompanham as parceiras, quando elas se dão ao trabalho de cuidar da parte social. Acomodados, aprendem a dispensar pouca atenção aos amigos e até aos familiares. A mulher faz isso por eles. Conseqüentemente, na viuvez, falta a muitos homens habilidade para recompor seus relacionamentos. **Não** é por acaso que vários se casam de novo antes que a morte da mulher complete um ano. Arranjando uma companheira, o homem recupera, quase automaticamente, a vida social. Por outro lado, se ele recupera antes a vida social, é bem provável que, rapidamente, arranje uma companheira. Como você encara a idéia de seu pai casar-se de novo?

## CARTA 3

No começo o casal quer fazer sexo todo dia. Depois de certo tempo, duas a três vezes por semana. Passam os anos e uma vez por semana é suficiente. Nós só temos relações uma vez por mês. **Não** sei dizer se é por falta de iniciativa ou de estímulo, mas cheguei a um estágio em que **não** sinto mais nada pelo meu marido e a recíproca é verdadeira. Gosto de estar ao seu lado, saímos bastante juntos, nos damos muito bem, mas o tesão acabou. Já conversamos sobre o assunto e **não** sabemos o que fazer. Sei que **não** sou fria, pois continuo sentindo atração física por outros homens.

A G. F., São Paulo, SP

R: "**Não** é necessário estar excitada, para trocar carícias com o parceiro", ensina Haruo Okawara, terapeuta sexual e diretor da Clínica Kinsey de São Paulo. Já que vocês têm

muitas afinidades e, ao que tudo indica, **não** gostariam de se separar, o sexólogo sugere uma reaproximação erótica gradativa. Numa primeira fase, o casal pode trocar carinhos com propósitos afetivos sem necessariamente alimentar qualquer expectativa sexual. Se vocês quiserem, façam isso todas as noites. **Não** importa quem fique mais excitado nem o grau de excitação alcançado. Nos dias em que o estímulo erótico for insuficiente ou apenas mediano, nada impede que o casal vá interrompendo as carícias e acabe dormindo abraçado. Algumas vezes, no entanto, a excitação recíproca alcançará um grau tão acentuado que deixar de transar se tornará quase impossível. Quando isso acontecer, a relação ocorrerá num contexto natural e será mutuamente desejada e apreciada. "A simples troca de carinho é adotada por pouquíssimos casais", lamenta o dr. Okawara. "Mas no amor 'o tudo ou nada' **não** contribui — à medida que os anos passam — para a intensificação da libido."

#### CARTA 4

Ele é um homem culto, ótimo pai, ótimo marido. Mas o sexo nunca foi o seu lado forte. Mesmo nos tempos de namoro, enquanto eu ardia de desejo, ele falava das suas aulas, dos problemas com os alunos da faculdade. Quando nos casamos, há 22 anos, até que nossas relações eram razoáveis, muito embora, já naquela época, fosse o tipo de homem que assiste à televisão enquanto faz amor. Há dois anos, desisti de procurá-lo e excitá-lo, como sempre fiz, e nossa vida sexual morreu. Eu **não** agüento mais. Tenho 43 anos e quero viver.  
A.P., Bauru, SP

R: Nem sempre a intensidade do desejo é igual entre os parceiros. Enquanto para você o sexo vem em primeiro lugar, a libido de seu marido está cada vez mais branda. Isso cria um descompasso e deixa você confusa e sem saber o que fazer da vida. "**Não** adianta adiar por mais tempo uma situação insustentável", diz Oswaldo Rodrigues, psicólogo e terapeuta sexual do Instituto H. Ellis de São Paulo. "É preciso ter a coragem de tomar uma decisão." Existem três possibilidades:

- Dialogar com seu marido e, de comum acordo, começar quanto antes uma terapia de casal.
- Pedir a separação, analisando os prós e contras. Afinal, seu casamento dura há 22 anos e você reconhece no seu companheiro uma série de qualidades.
- Refazer sua vida sexual fora de casa. Essa última alternativa **não** pode ser descartada, mas deve ser muito bem pensada, para que **não** gere no futuro arrependimento e sensação de culpa.

#### CARTA 5

Quando casamos, fazíamos planos lindos. Nosso sonho era ter um filho. Hoje, esse sonho vive dentro de mim, mas desde que engravidei (já estou no sétimo mês), sinto que meu marido, pouco a pouco, está se afastando. Tentei conversar, mas fiquei sem jeito. Às vezes, penso que estou sobrando e que ele **não** me deseja mais. Por favor, me ajudem a recuperar a tranqüilidade e a segurança.

C.C., São Paulo, SP

R: O fato que você relata **não** é incomum. Muitos homens **não** conseguem associar sexo e maternidade e ficam cheios de cuidados com o "estado" da mulher. "Essa atitude, na verdade, mostra o medo de transar com a mãe do próprio filho... e mãe, como se sabe, é para ser respeitada", explica o sexólogo Marcos Ribeiro, coordenador geral do Centro de Educação Sexual (Cedus) do Rio de Janeiro. Trazemos do aprendizado familiar a crença de que os pais são assexuados e que sexo *é* coisa feia. Outros homens, por desinformação, receiam machucar o bebê ou, conforme os meses vão passando, têm dificuldade em encontrar posições que facilitem a relação. Cabe a você. nesse momento, mostrar-se desejável e desejosa. Fale de sua vontade de estar junto dele, de reconstruir os sonhos e de curtir a chegada do filho tão esperado. Procure se apresentar mais como mulher e amante e menos como mãe. Fale de amor, do que escreveu para a gente: do mesmo jeito.

## CARTA 6

Eu **não** consigo entender, mas nenhum contato com o sexo masculino me dá prazer. Toques, beijos, carícias, nada me excita. Também **não** me realizo numa relação sexual completa. Sei que sou frígida e sinto uma grande tristeza. Existe algum tratamento?

M. C.. Santos, SP

R: A terapia sexual costuma dar bons resultados. A afirmação *é* do sexólogo Haruo Okawara, que explica: "O seu caso *é* conhecido como disfunção sexual geral, uma denominação mais correta do que a palavra frigidez". Durante o tratamento, serão analisadas as razões pelas quais você acabou estabelecendo uma relação tensa com a sua própria sexualidade. Com a ajuda do especialista, também compreenderá por que **não** deseja contatos mais íntimos e por que o sexo representa uma ameaça. Por meio da dinâmica psicoterápica e de exercícios corporais adequados, você irá gradualmente aceitando situações eróticas que, hoje, lhe causam ansiedade.

Em geral, a terapia *é* instituída depois de se excluírem eventuais causas orgânicas, como depressão, efeitos de determinados medicamentos e distúrbios endócrinos. Por exemplo, o aumento do hormônio prolactina, fora do ciclo gravídico e do período de amamentação, leva à abolição do desejo sexual.

## CARTA 7

Quando vou para a cama com meu marido *é* como se estivesse indo para um sacrifício. Depois que tudo termina, sinto que cumpri minha obrigação de esposa e fico feliz, porque terei alguns dias sem ser incomodada. Já fiz terapia e de nada adiantou.

J.B.M., Curitiba, PR

R: "Provavelmente, você fez uma terapia que **não** se restringia às questões sexuais", diz o psicólogo Oswaldo Rodrigues. Para dar resultados, esse tipo de terapia inespecífica deve ter uma duração de pelo menos quatro anos, com duas ou até quatro sessões por semana. Uma melhora mais rápida pode ser obtida por meio de uma terapia específica, voltada para as causas sexuais de seu bloqueio emocional. No seu caso, a ausência de desejo talvez tenha como origem uma educação repressiva e parece estar relacionada à falta de auto-estima: você **não** se considera suficientemente boa para sentir prazer. "Em primeiro lugar, deixe de cumprir 'sua obrigação de esposa'. Em vez de se sacrificar, converse com seu marido que,

ao que tudo indica, **não** está a par do problema", aconselha o dr. Rodrigues. "**Não** carregue o peso sozinha. Abra o jogo com franqueza e sem recriminações."

## CARTA 8

Depois de onze anos de casada, continuo apaixonada por meu marido e desejando-o como nunca. Mas há quatro meses ele **não** faz sexo comigo. Pensei até em me separar. Ele **não** quis, disse que me ama, que vai mudar. O que eu faço? Procuo um terapeuta para aprender a conviver com isso?

E.A. São Paulo, SP

R: Antes de procurar um terapeuta, tente dois caminhos: ler sobre o assunto e conversar sobre o assunto. O livro Para Além do Amor, de Aaron Beck, da Editora Rosa dos Tempos, mostra pequenas coisas que as pessoas esquecem no dia-a-dia, no casamento, e indica como elas podem ser recuperadas em benefício de uma boa convivência sexual. O Sexo Como Ele É, dos escritores Lúcia Pesca e Carlos Carrion, da Editora Sulina, também fornece orientação sobre as dúvidas em relação ao desempenho sexual. A leitura pode ajudá-la a guiar uma conversa com o seu marido. O diálogo, nesse caso, é inevitável. **Não** há como saber por que seu marido perdeu o desejo se você **não** perguntar a ele. Comece com essas reflexões: ele espera uma vida sexual ardente e freqüente, como antes, para o futuro do relacionamento com você? Vocês têm tido tempo, juntos, para desenvolver intimidade e erotismo? Todo caminho de recuperação passa por uma melhora na comunicação do casal e pela criação de momentos especiais de intimidade. Se, depois de tudo isso, você **não** notar mudanças, é aconselhável uma terapia específica para o seu marido, na tentativa de superar a inibição do desejo.

## DÉCADA DE 00

### CARTA 1

Nos últimos tempos, depois do sexo meu marido reclama de dor de cabeça. **Não** sei se acredito nele, pois conheço pessoas que dão esse tipo de desculpa para evitar a relação. É possível que ele esteja mesmo com algum problema?

J.F. Petrópolis, RJ

R: Para saber se ele está dizendo a verdade, a melhor saída é uma conversa franca. Mas existe, sim, uma doença chamada cefaléia orgásmica, que ocorre logo após o ato sexual e, em alguns casos, no início da relação. Descobriu-se recentemente que o problema é bem mais freqüente do que se imaginava, tanto em homens quanto em mulheres. **Não** se sabe ao certo por que ocorre, mas o tratamento é simples e eficiente. O ideal é que seu marido procure o quanto antes um neurologista. Há casos em que a dor de cabeça é sinal de algo mais grave, como de um aneurisma no cérebro. A Sociedade Brasileira de Cefaléia pode indicar especialistas pelo telefone (11) 210 8572.

## CARTA 2

Tenho 39 anos e comecei a namorar um rapaz de 21. Estamos apaixonados. Só que há um problema: ele sabe que sou mais velha, mas **não** o quanto. Morro de medo de que a verdade balance a nossa relação. Será que é melhor colocar as cartas na mesa mais tarde - quando a gente tiver se envolvido um pouco mais?

R.B.R. Rio de Janeiro, RJ

R: Por que você **não** quer abrir o jogo? Se o relacionamento de vocês é bom, a diferença de idade tem pouca importância. Há inúmeros casos de homens que se apaixonam e vivem um relacionamento intenso e duradouro com mulheres mais velhas do que eles. Se você aceita a si mesma - incluindo a idade que tem —, **não** precisa temer uma conversa franca com seu namorado. Adiá-la pode fazer com que ele se sinta traído ao saber da verdade. Isso, sim, pode balançar a relação.

Fortaleça sua auto-estima e permita que seu namorado a descubra como realmente é. Com esse ato de coragem você estará investindo **não** só na vida a dois mas no seu crescimento pessoal.

## CARTA 3

Levei um susto quando toquei no assunto filhos com o meu marido, com quem me casei há dois meses. Ele se irritou e disse que só quer ser pai daqui a cinco anos, pelo menos. Chegou até a afirmar que, caso eu engravidasse antes desse período, sugeriria um aborto. Estou chocada. O irmão dele age da mesma forma: está casado faz sete anos e nem pensa em um bebê. Mas eu quero me tornar mãe. Será que é melhor me separar agora?

F.V.E. São José dos Pinhais, PR

R: Antes de tomar qualquer decisão, tenha calma. Vocês dois estão apenas começando o casamento. **Não** é muito cedo para pensar em se separar? E quando surgir obstáculos numa outra relação? Você vai jogar tudo para o alto de novo? Lide com o problema em vez de fugir dele. Comece refletindo e investigando um pouco. Será que ele tem planos a realizar antes de se tornar pai? E quanto a você? O que realmente espera de um casamento? Procurar respostas a perguntas como essas pode aliviar a angústia que está sentindo. Dê tempo ao tempo e volte ao assunto mais tarde, mas de cabeça fria. Na próxima conversa, lembre que ambos precisam fazer um acordo - e **não** impor a opinião de cada um.

## CARTA 4

O expediente da empresa começa às 9 horas e termina às 18 horas, mas todos os dias acabo trabalhando até 6 horas a mais. **Não** almoço. Quando chego em casa, fico escrevendo relatórios madrugada adentro. Deixei de dar atenção ao meu namorado e à minha família. **Não** consigo mudar a situação. Gosto do que faço, mas acho que estou exagerando.

V.CS. Santo André, SP

Algumas pessoas sentem prazer em fazer sempre mais. Outras nem tanto, mas **não** conseguem agir de maneira diferente. Se isso a perturba, procure descobrir por que transforma o trabalho na principal fonte de satisfação. Reflita e tente encontrar prazer em

algo além da carreira. O mundo oferece formas variadas de diversão e de ocupação do tempo. Essa oferta múltipla, entretanto, tem complicado a vida de muita gente. Descobrir como distribuir os compromissos de um jeito adequado se tomou o grande desafio dos tempos modernos. Há quem se fixe em uma única coisa, que passa a ser a maior razão de existir. Na luta por reconhecimento profissional, essas pessoas tentam superar cada vez mais os próprios limites. O exagero, entretanto, prejudica a qualidade de seus relacionamentos. Busque seu estilo de trabalho, mas questione o que a oprime.

## CARTA 5

Dias antes de ficar menstruada, sinto um ciúme doentio do meu marido. Eu me descontrolo sem que ele me dê motivo. Tenho medo de perdê-lo por causa desses ataques. É normal a mulher agir assim por causa da tensão pré-menstrual?

L.G. Via internet

R: Durante a TPM, as alterações hormonais e a retenção de líquido — típicas dessa fase — provocam mudanças de humor. A mulher pode entrar em um estado de ânimo em que a agressividade foge ao seu controle e se manifesta. O ciúme é, por si, um sentimento violento, pois traz a sensação de inferioridade e de amor-próprio ferido. O ciumento maltrata quem ele julga que **não** corresponde às expectativas de fidelidade e exclusividade. O primeiro passo para sair dessa situação é procurar um ginecologista, que poderá orientá-la. Se isso **não** for suficiente, talvez recorrer a um psicólogo seja uma forma de lidar com essas questões.

## CARTA 6

Trabalho o dia inteiro e minha mãe toma conta dos meus filhos enquanto estou fora de casa. Mas ela me irrita com facilidade. Sempre dá palpites sobre a educação dos netos e adora mostrar como se cuida de uma casa. Às vezes, fico tão irada que a humilho na frente das crianças. No dia seguinte, finjo que nada ocorreu, porque preciso dela. O que devo fazer para mudar?

M.J.M. São Luís, MA

R: É natural ter sentimentos de amor e ódio pelos familiares. A questão é saber como lidar com isso para manter as relações saudáveis. Você já se perguntou por que sua mãe aceita as agressões? Você diz que a usa, mas parece que ela também faz o mesmo. Você **não** acha que ela percebe sua culpa e tira proveito disso? Ela é responsável por permitir que você a desrespeite. Para ficar em paz, é preciso que você seja mais coerente e que tenha orgulho de suas ações. Procure ser racional e aceitar sua mãe como ela é. Afinal, ela **não** pode deixar os pontos fracos de lado para conviver com você. Reveja a relação com calma e afaste a culpa, que faz mal. Tente agir de acordo com o que considera certo e lute para mudar para melhor.

## CARTA 7

Sou casada há doze anos, mãe de três filhas e me relaciono bem com o meu marido. Há um ano, conheci um homem casado pela internet, com o qual me correspondo quando meu

marido viaja a trabalho. Fazemos sexo virtual. Ele me excita e **não** consigo acabar com a relação. **Não** o encontrei pessoalmente, mas sonho com isso. O que faço? É errado ter um amante virtual?

S.M.P. Via internet

R: Sexo virtual pode ou **não** ser traição. Depende de como a vida conjugal está estruturada. Para alguns casais, **não** é. Para outros, manter um parceiro na internet é motivo suficiente para se separar. Só você é capaz de avaliar seu caso. De qualquer forma, vale a pena conversar com seu marido e mostrar-lhe a falta que ele faz. Parece que esse diálogo **não** existe. Além disso, você deixa de enfrentar as questões reais do casamento para viver o virtual. A internet tem muitos atrativos. Um deles: a realização das fantasias se torna mais fácil, pois as pessoas se liberam, já que **não** estão sendo observadas. Mas o sexo virtual **não** deve substituir as relações reais. Se isso ocorre com você, é necessário repensar o relacionamento.

## CARTA 8

**Não** adianta todos dizerem que ele **não** existe. Tenho 50 anos, sou separada, mãe de filhos já moços, que vivem em outro país, e continuo esperando que o príncipe encantado venha fazer parte da minha história. Minha mãe fica indignada, diz que estou velha demais para essas coisas. Em alguns momentos, acho que ser tão só faz parte do meu destino; em outros, penso que muitos dos meus problemas e tristezas seriam resolvidos se eu encontrasse o homem da minha vida. Será que isso é infantilidade da minha parte? Eu me sinto dividida entre insistir ou desistir de vez dessas idéias românticas.

R: EXISTA OU **NÃO** o príncipe encantado, é importante que você enriqueça sua vida com novas amizades e atividades -sempre em grupo - que lhe dêem prazer (e que, acredite, vão ajudar muito em seus problemas e tristezas). Segue uma sugestão de roteiro: Cuidados com a saúde e o corpo, desde exercícios físicos até estudos sobre alimentação. Cursos, congressos e encontros profissionais que contribuam para o seu crescimento. Puro deleite, ou seja, sair com amigos, ir ao teatro, experimentar outros pratos e restaurantes, viajar etc. Relacionamentos pessoais - reative velhas amizades, resolva pendências com pessoas de quem você gosta, vá a lugares onde possa fazer novos amigos, entre nos sites de bate-papo da internet. Tudo isso, além de tornar sua vida mais agradável e interessante, proporcionará algumas chances e condições concretas para o príncipe encantado surgir. E, se você acha que ele vem a cavalo, **não** será demais frequentar um clube de hipismo...

## CARTA 9

Durante quatro anos namorei um rapaz. Por causa da mãe dele, nos separamos, mas nosso amor nunca acabou e continuamos nos vendo. Ele mora com a mãe, que é viúva e o manipula. Chegou a dizer que, se ele casasse comigo, morreria de solidão. Sei que ele me quer e só **não** reata o namoro por culpa e medo de magoá-la. Acha que tem que escolher entre eu e a mãe. Que decisão devo tomar?

R: **NÃO** HÁ NADA de errado em um filho cuidar da mãe - e da namorada! - desde que saiba cuidar de si mesmo. Ele terá de perceber que essa dependência de uma mãe

dominadora só o prejudica. E **não** apenas no que se refere ao amor mas também nas outras áreas da vida. Se ele **não** aprender a olhar para as próprias necessidades (ao mesmo tempo dosando melhor o apoio que quer e deve dar à mãe), essa relação será, sem dúvida, um barco furado para você. É duro ter de se afastar de quem se ama, mas, caso ele **não** mude, é a saída mais saudável. **Não** se deixe contagiar pela paralisia dele, como vem fazendo até agora. Se você parar de alimentar a situação, é possível que ele tome consciência da sinuca de bico em que está metido e consiga ter um comportamento mais maduro.

## **CARTA 10**

Meu marido se envolveu com uma mulher casada. O parceiro dela flagrou os dois, chamou a polícia e a história virou um escândalo na pequena cidade em que moramos. Foi assim que descobri que estava sendo traída fazia três anos. Desde então, sinto vergonha e desespero, parece um pesadelo. Sou mãe de um garoto de 7 anos, que adora o pai e pediu que eu **não** me separasse. Tenho medo de assumir a responsabilidade de criar meu filho sozinho, mas **não** sei se conseguirei perdoar meu marido -embora ele diga que está arrependido.

R: PERDOAR UMA traição, mesmo escandalosa, **não** é vergonha para ninguém, já que o erro **não** foi seu. Pergunte à senadora Hillary Clinton, que acaba de lançar seu livro contando o que sentiu ao descobrir ter sido enganada por seu marido, Bill, então presidente dos Estados Unidos! O importante é que você esteja convencida de que o perdão é a melhor solução para o problema. Isso a ajudará a enfrentar os olhares maldosos de sua cidadezinha. Caso você **não** perdoe, no entanto, e decida se separar, saiba que, para o seu filho, será melhor ser criado num ambiente em que predominem sentimentos verdadeiros, tendo uma mãe que arriscou reagir com coragem num momento de impasse, do que crescer num clima de falsidade e culpa. Garantir esse contexto de sinceridade é a principal responsabilidade materna.

## **CARTA 11**

Meu parceiro reclama que sou calada no sexo. Ele quer que eu diga bobagens ao seu ouvido, mas **não** vou além de "você é gostoso". Por favor, preciso de um dicionário de sexo. Quero me soltar.

R: SE VOCÊ considera falas na hora do sexo como bobagens, nenhum dicionário vai ajudá-la. Pronunciá-las mecanicamente, de forma irrefletida e sem vontade, soa como algo ridículo e sem efeito. Embora elas possam ter um sentido obsceno fora do contexto, para algumas pessoas funcionam como estímulo justamente porque são ditas com emoção sexual. Portanto, mais eficaz que consultar um livro é conversar com seu parceiro para sentir que tipo de coisa ele gosta de ouvir e qual a importância disso para ele. Depois, verbalize e transforme cada uma delas num código de sedução. Sem medo do julgamento moral, você sentirá a emoção e o impacto das expressões na relação.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)